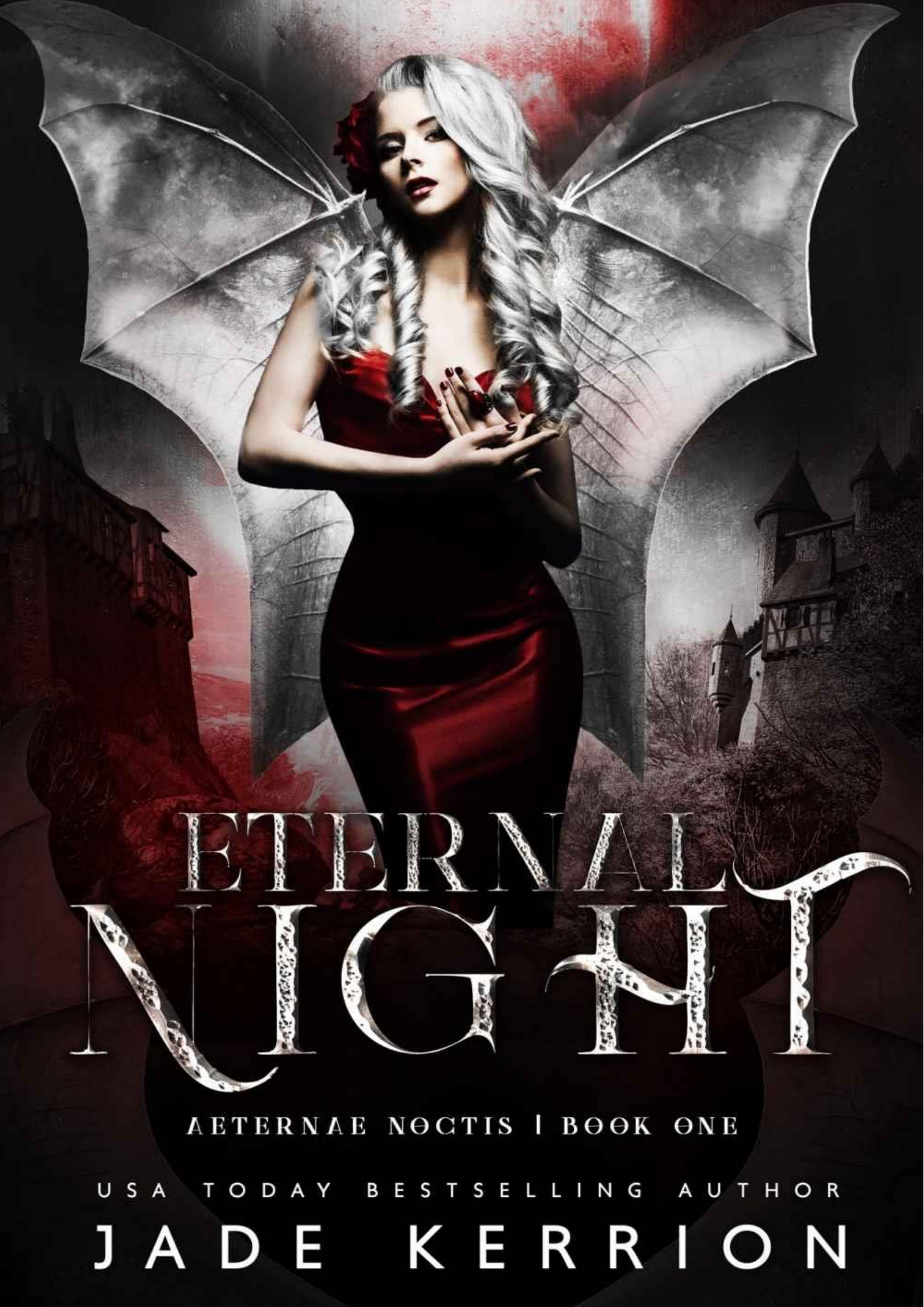




ETERNAL NIGHT

AETERNAE NOCTIS | BOOK ONE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JADE KERRION

THE HUNTRESS OF BOOKS



TRADUÇÃO: ANGEL HUNTRESS

REVISÃO: CLAUDIA B.

LEITURA FINAL: ANGEL HUNTRESS

FORMATAÇÃO: SEKHMET HUNTRESS

AVISO

A PRESENTE OBRA FOI TRADUZIDA E DISPONIBILIZADA GRATUITAMENTE PELO GRUPO THE HUNTRESS OF BOOKS COM O OBJETIVO DE TRAZER AO LEITOR LIVROS SEM PREVISÃO DE LANÇAMENTO NO BRASIL.

INCENTIVAMOS QUE AO APRECIAR A LEITURA, O LEITOR PRESTIGIE O AUTOR ADQUIRINDO O LIVRO.

JAMAIS FALE EM QUALQUER REDE SOCIAL, SITE, BLOG, FÓRUM, GRUPO DO AUTOR (A) QUE LEU O LIVRO DELE (A) EM PORTUGUÊS E EM PDF, POIS ISSO PREJUDICA O GRUPO E CONSEQUENTEMENTE TEREMOS QUE PARAR DE TRADUZIR OS LIVROS DO RESPECTIVO AUTOR (A), OU ATÉ MESMO FECHAR O GRUPO POR TEMPO INDETERMINADO. ENTÃO, QUER ELOGIAR? ELOGIE, MAS FALE QUE LEU EM INGLÊS.

LIVROS ADQUIRIDOS E/OU COM CONTRATO COM EDITORA SERÃO REMOVIDOS DA LISTA SEM AVISO PRÉVIO.

NÃO DISTRIBUA NOSSOS LIVROS EM QUALQUER REDE SOCIAL, BLOG, SITE, GRUPO OU FÓRUM, RESPEITE E PRESERVE O GRUPO.

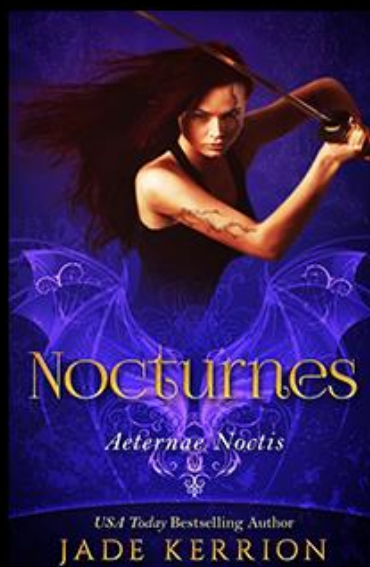
NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO? LEIA NO IDIOMA ORIGINAL!

THE HUNTRESS OF BOOKS



AETERNAE NOCTIS

ORDEM DE LEITURA



THE HUNTRESS OF BOOKS



Os senhores demoníacos comandam exércitos de vampiros, mas não são eles que devem ser temidos...

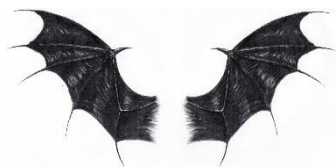
Por mil anos, os humanos se encolheram sob o domínio dos Night Terrors, mas uma criança, a irmã de cinco anos de Jaden, está profetizada a detê-los... se não a encontrarem primeiro.

Para protegê-la, Jaden lidera uma rebelião contra os Night Terrors, mas quando é capturado em batalha e arrastado diante da rainha demoníaca Ashra, percebe que já viu o rosto dela antes... todas as noites em seus sonhos.

Ashra está travando sua própria batalha pela sobrevivência contra inimigos externos, inclusive traidores em seu grupo. Mas quando Jaden se depara com o segredo mais sombrio de Ashra e descobre a verdade sobre a cidade da noite eterna, percebe que nada é o que parece ser... inclusive ele.



Capítulo 1



Em silêncio, os humanos esperaram. Eles continuaram a ter esperança, mesmo sabendo que as paredes robustas da cabana de pedra não impediriam a morte.

O fogo estava apagando, suas poucas brasas brilhando. Uma jovem mulher, com os lábios pressionados, estava sentada perto da lareira. Uma jarra grande de vinho barato tremia entre seus dedos finos. Homens vigiavam as portas e janelas, cada um armado com uma espada e uma tocha apagada embebida em piche. No meio da sala, dez crianças se aconchegavam no abraço protetor de suas mães.

As crianças haviam atingido seu quinto ano desde a última lua cheia. Todos, Anjos de cara suja, olhos arregalados acima das bochechas pálidas - quantos deles sobreviveriam à noite, ninguém sabia.



Os profundos olhos verdes de Jaden Hunter focaram sua meia-irmã, Khiarra, sentada no colo de sua madrasta. A criança estendeu a mão e tocou o rosto da mãe. — Mamãe, eles chegarão logo?

Lydia engoliu em seco e pressionou a bochecha contra os cabelos de Khiarra. Seus olhos brilhavam com lágrimas, mas ela não disse nada.

Jaden olhou pela janela. A lua cheia subiu mais alto, seu brilho presenteado com uma noite sem nuvens, do lado de fora da cúpula que cercava a cidade. Sua luz prateada banhava as montanhas e a floresta de pinheiros. Cachoeiras caíam em cascata, a espuma subia como névoa para obscurecer os picos escarpados.

A beleza intocável da Terra estava à vista do lado de fora da cúpula.

Dentro da cúpula, a cidade de Aeternae Noctis se espalhava por três quilômetros, cercada por campos e finos aglomerados de árvores. No ponto mais alto da cúpula, Malum Turris, a fortaleza dos vampiros, pairava sobre a cidade. Quando Jaden era



adolescente havia quebrado sua primeira espada contra suas paredes negras inflexíveis. O brilho pálido emergindo das janelas mais altas circundava a torre como uma pulseira.

Ele cerrou a mandíbula diante da raiva familiar, carregada de desespero que se instalou em seu âmago. Malum Turris era um farol do mal, um farol que oferecia a morte em vez da salvação.

Ele virou-se ao sentir o toque gentil de seu pai em seu cotovelo.

A voz rouca de Gareth murmurou em seu ouvido. — Ela derrubará a torre.

Jaden olhou para sua meia-irmã. Ela faria? Ele duvidava, mas seria muito cruel quebrar a crença de seu pai na profecia concedida a Khiarra em seu nascimento.

Naquela noite abençoada, o rosto envelhecido de seu pai brilhava de orgulho, quando a mulher sábia pôs a mão sobre a testa da criança. Sua voz trêmula percorreu a tranquila praça da cidade. — Através dela, você verá os Night Terrors pelo o que são.



Rasgue o véu da mentira para acabar com a eterna escuridão.

A multidão rugiu com triunfo. A esperança, pela primeira vez, cintilou em todos os corações.

Somente Jaden notou que a mulher sábia havia virado a cabeça e fixado seus olhos nublados e cegos nele. Ela sorriu, expondo as gengivas desdentadas.

Ele tinha apenas 23 anos, mas desde aquele momento, sua vida havia sido dedicada a proteger sua meia-irmã. Ele segurou a mão de Khiarra, apoiando-a quando aprendeu a andar e a salvou de um galo irado, depois que ela arrancou as penas de sua cauda. Apenas uma semana antes, ele a pescou do lago, cheio de cachoeiras que caíam em níveis muito além de Malum Turris.

Khiarra tirara o cabelo molhado dos olhos. Ela usava sua expressão mais inocente. — Eu queria pegar essa pedra bonita para você. — Ela abriu a mão e mostrou uma pequena pedra negra,



desgastada pela passagem da água e do tempo.

— Obrigado. — Ele aceitou o presente com tanta solenidade quanto ela o havia oferecido. Suprimindo uma risada, envolveu-a em sua camisa seca e a levou para casa, onde ambos receberam uma bronca de Lydia.

A ansiedade perpétua de Lydia sobre Khiarra, transformou-se em medo na noite da primeira lua cheia, após o quinto aniversário de Khiarra. Jaden olhou para sua madrasta. Os braços de Lydia envolveram a filha com um aperto muito forte para ser chamado de carícia.

Jaden suspirou, enquanto fechava a mão em torno da pedra negra que carregava no bolso. A cada noite de lua cheia, os vampiros desciam para a cidade e levavam a maioria das crianças de cinco anos de idade. Ninguém sabia o que acontecia com as crianças. Se Khiarra, a filha da profecia, fosse levada, que esperança haveria para o resto deles?



Gareth continuou, sua voz baixa. — Se alguma coisa acontecer comigo, você deve seguir liderando as pessoas, especialmente agora que Stefan se foi. As pessoas olham para você como o protetor de Khiarra e como meu filho.

— Pai...

Gareth olhou por sobre o ombro de Jaden, através da vasta extensão de casas uniformes, de tijolos nas ruas de paralelepípedos e fixadas na torre sombria. — Por mil anos, os Night Terrors nos separaram do resto das pessoas na Terra e nos aprisionaram dentro da cúpula. A feitiçaria deles esconde o sol de nós, nos prende na noite eterna. — Ele balançou sua cabeça. — Esse pesadelo tem que acabar. Você precisa ver Khiarra ter sucesso. Só ela pode impedir que os Night Terrors arrancem homens de suas esposas, filhos de suas mães... — Ele parou, sua voz embargada pela emoção.

Uma criança contra os Night Terrors? O que Khiarra poderia fazer? No entanto, que escolha Jaden tinha, senão proteger a irmã



que amava? Ele soltou um longo suspiro e assentiu.

— Eles chegarão logo? — Khiarra perguntou novamente.

Uma sombra pairou sobre a lua prateada, oferecendo um breve vislumbre de asas de morcego — um icrathari, um dos senhores demoníacos dos vampiros. Jaden estendeu a mão por cima do ombro e sacou uma espada de sua bainha cruzada nas costas. Seu aperto foi firme em sua tocha apagada.

A porta abriu-se. Atrás de Jaden, o fogo se acendeu de repente. A espada de Jaden brilhou a tempo de pegar a ponta da lâmina de um guarda descer, antes de cortar o rosto de Michael em dois.

— Droga, cara. — Ele olhou para seu melhor amigo. — O que você está fazendo aqui?

O guerreiro nervoso recuou, envergonhado, abaixando a espada e murmurando desculpas a Jaden e Michael.

— Eu tive que vir. — Michael olhou para Jaden e depois para as crianças no centro da



sala. Seu rosto com a barba por fazer parecia ainda mais sombrio do que o normal. — É a vez de Andrew no próximo mês. Como posso pedir para você defendê-lo, se não vou ajudá-lo a defender a sua?

Uma voz feminina hesitante falou. — O fogo...

Jaden olhou por cima do ombro para a jovem de pé junto à lareira. Sua jarra de vinho tinto estava vazia, seu conteúdo consumido pelo fogo. Lá se foi o seu plano de atirar as brasas em chamas repentinas, quando os vampiros chegassem. Ele esperava que a luz brilhante desorientasse as criaturas da noite. Seu povo precisava de todas as vantagens possíveis para vencer uma luta que nunca haviam vencido antes.

Instinto, em vez de visão ou som, gritava um aviso.

A cabeça de Jaden ergueu-se, um momento antes de um poderoso empurrão fazer Michael tropeçar na cabana. Sombras encheram a porta. Uma voz profunda e ressonante demais para ser humana falou. — Estamos aqui pelas crianças. Não há



necessidade de o resto de vocês lutarem e morrer.

Ele não tinha intenção de esperar enquanto levavam sua irmã. Jaden girou e enfiou a tocha apagada na lareira. A tocha encharcada pegou fogo, e ele a girou, traçando um círculo de chamas enquanto se lançava em direção ao vampiro.

Sorrindo, o vampiro evitou o ataque de Jaden com indiferença descuidada e revidou com garras brilhantes peroladas. Jaden desviou as garras do vampiro com sua espada e empurrou a tocha fumegante no vampiro. O monstro pegou a tocha, arrancou-a das mãos de Jaden e apagou o fogo em sua capa. As chamas queimaram brevemente suas roupas, queimando sua pele, mas apenas sorriu, mostrando seus incisivos alongados para Jaden. Em instantes, sua pele enegrecida desvaneceu em um tom pálido.

O vampiro atacou. Jaden segurou o primeiro ataque, mas o segundo rompeu suas defesas. Como uma bigorna, o impacto do golpe atingiu-o jogando-o contra uma



parede. Atordado pela dor, gemeu e rolou para o lado. Sua visão entrou e saiu de foco. Aparentemente, indiferentes à fumaça espessa que flutuava pelo chalé, os vampiros jogavam de lado guerreiros humanos como se fossem bonecas de pano e tiravam crianças dos braços de suas mães.

As criaturas, uma vez humanas, mas não mais, colocaram as mãos na testa de cada criança em um gesto que parecia deliberado e gentil. O que estavam fazendo? Jaden balançou a cabeça, franzindo a testa. Não, a fumaça e a desorientação — seus olhos deviam estar enganando-o. Duas crianças foram devolvidas, ilesas, às mães que gritavam, mas as outras foram apreendidas e transportadas da cabana, incluindo Khiarra.

Jaden levantou-se e tropeçou na cabana, deixando para trás os gemidos de homens feridos e mulheres chorando. Ele estendeu a mão por cima do ombro e desembainhou sua segunda espada. Lâminas duplas em suas mãos, ele se jogou em um vampiro, o último a sair da casa. Ele girou, deixando cair a criança que estava carregando. Jaden



recuou sob o ataque do vampiro e foi para frente, esfaqueando a criatura através do coração. Com a outra mão, girou a lâmina e cortou o pescoço do vampiro.

A cabeça rolou dos ombros. O corpo do vampiro caiu de joelhos e tombou de lado. Sangue, vermelho-dourado, escorria de seu corpo.

Jaden levantou a criança que gritava e a empurrou para dentro da cabana. Outro vampiro correu em sua direção, garras estendidas. Jaden virou-se, mas suas garras atingiram seu abdômen. A dor mal foi registrada contra a explosão de adrenalina. Ele completou seu giro e suas espadas giraram. Ele cortou a cabeça do vampiro com uma espada e o esfaqueou no coração com a outra.

Acabe com suas capacidades de cura não naturais. Ataque com dois golpes fatais. Era a única maneira de matar um vampiro que conhecia.

Ninguém, no entanto, sabia como matar um Icrathari. Isso nunca foi feito.



Como o primeiro, o vampiro caiu no chão, para nunca mais se levantar.

Os outros vampiros voltaram-se para ele, mas antes que pudessem atacar, sombras brilharam no ar e se abriram para revelar uma criatura etérea. Com cerca de um metro e oitenta de altura, era tão esbelta que parecia quase delicada. A pele era pálida e os cabelos prateados formavam uma longa trança que usava nas costas. Seus grandes olhos acinzentados se voltaram para cima, em um rosto delicado que refletia os murais de anjos na praça da cidade.

Sua inocência angelical era uma ilusão frágil. Asas em forma de morcego se estendiam três metros de ponta a ponta, e os ossos em forma de chifre que emergiam de cada junção entre as abas das asas negras de couro, estavam envoltos em metal cravejado. Vestida com um bustiê de couro, calças e botas combinando, a icrathari passou pelos vampiros silenciosos.

Os olhos verdes de Jaden se estreitaram em fendas, ao ver o aviso que cintilou em



seus olhos, uma fração de segundo antes de seu ataque.

Isso nunca acontecera.

A expressão serena no rosto não mudou. Em um borrão de movimento, girou em sua direção; suas asas balançaram como uma arma viva. As pontas metálicas de suas asas bateram no rosto e no peito de Jaden, jogando-o no chão. Antes que pudesse cuspir o sangue da boca, ela o agarrou e o arrastou de joelhos. Seus pequenos dedos envolveram seus cabelos escuros e puxaram sua cabeça, expondo a garganta para o beijo fatal de sua própria lâmina.

Khiarra, segurada por um vampiro, soluçou seu nome. Os braços dela estenderam a mão para ele.

A Icrathari parou. Em um movimento rápido, ela soltou o cabelo e pressionou a mão contra o estômago.

Jaden respirou fundo quando sua visão turvou em tons de cinza. Imagens brilharam diante de seus olhos, muito rapidamente para serem visíveis. Sons e vozes ecoavam em seu crânio, confusas demais para serem



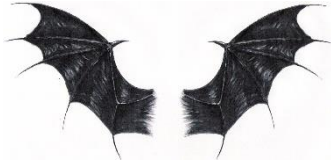
coerentes. Fragmentos de agonia crua o perfuraram. Ele ofegou, soluçando por cada respiração conquistada com dificuldade.

A Icrathari afastou a mão e Jaden caiu de joelhos. Náusea agitou o seu estômago. Seu corpo estremeceu com a violência. Ele vomitou. O cheiro acre de sangue e bile encheu suas narinas.

Embora estivesse fraco demais para vencer, ele lutou quando os vampiros o arrastaram pelos pés. O riso baixo e zombeteiro, sobre suas tentativas lamentáveis de se libertar ecoou por seu crânio dolorido. Um dos vampiros pegou as lâminas gêmeas de Jaden e caminhou em sua direção. Jaden, com os dentes cerrados, preparou-se para a morte, mas antes que qualquer lâmina pudesse entrar em seu corpo, uma dor aguda explodiu na parte de trás de sua cabeça, arrastando-o para a escuridão.



Capítulo 2



O luar banhava a praça vazia da cidade, cobrindo os prédios com um brilho pálido. Vampiros e Icratharis dominavam nas noites de lua cheia. Os humanos se escondiam em suas casas em oração.

Sozinha na praça da cidade, Ashra balançou a cabeça com tristeza.

Séculos antes, nos primeiros anos de Aeternae Noctis, ela ria das superstições dos humanos. O humor, no entanto, há muito desapareceu, e a convicção se transformou em um dever relutante. Se não fosse por sua lealdade pessoal a si mesma, Tera, Siri e Elske, honraria a visão de Rohkeus para Aeternae Noctis? Suspeitava que não.

Me resta fazer o que ele gostaria, mesmo que não haja mais alegria na maldita responsabilidade que assumi.



Olhou para a lua, eterna e inabalável, e vagou pelos campos e florestas circundantes. Seus dedos longos traçavam as colunas altas e estreitas intercaladas entre as plantações e as árvores. As colunas brilhavam no intervalo de doze horas, imitando o sol. Em Aeternae Noctis, a cidade da noite eterna, as plantações prosperavam sob o sol artificial; os humanos, no entanto, estavam menos resignados com seu destino.

Os humanos nunca se conformaram. Nunca deixaram de ter esperança, e por que deveriam? Fora da cúpula de vidro, a Terra parecia verde e exuberante com a beleza da vida.

Se ao menos fosse real. Ashra suspirou.

Vampiros de pele clara passaram por ela, cumprindo suas tarefas com graça silenciosa e eficiente. O tempo dos vampiros na cidade era limitado. Por paranóia e medo, os humanos não permitiam mais contato. O impacto da obra dos vampiros, no entanto, duraria muito além daquelas poucas horas na cidade. A biblioteca do filósofo fora saqueada, seus preciosos livros



foram queimados. O laboratório oculto do cientista, escondido em um porão sujo, fora destruído, seus experimentos também. Com a aparente aleatoriedade do puro acaso, algumas crianças de cinco anos foram roubadas dos pais, enquanto outras foram ignoradas. Os vampiros também levaram dez homens e mulheres no auge da juventude.

De coração partido, o povo de Aeternae Noctis chorou pela perda.

Para Ashra, seus soluços eram um ruído fraco, misturando-se com outras melodias noturnas.

O ar tremeu ao seu redor, quando outro Icrathari pousou silenciosamente ao seu lado com suas grandes asas.

Ela olhou para o lado. — O que é isso, Tera?

A Icrathari vestida de couro parecia confusa. Sua longa trança sobre um ombro, a ponta roçando sua cintura. — Nós temos um problema. Perdemos dois vampiros.

Ashra arqueou uma sobrancelha. — Para os humanos?



— Para um humano.

— Fascinante. — Despreocupada, Ashra tirou as sandálias e mergulhou o pé nas águas do lago Spiritus, que cercava a base de Malum Turris. — Ele era um dos Escolhidos?

— Não.

— Nós calculamos errado?

— Não, nós não calculamos errado. O humano estaria entre os Escolhidos meses atrás, se não tivesse sido excluído por causa de seu acordo prévio com Dana.

— Dana? — O lago ondulou quando Ashra entrou, seu vestido branco esvoaçante arrastando-se pela água. A água gelada provocou uma carícia quase imperceptível contra sua pele. Era uma pena que seu corpo imortal endurecido sentisse apenas sensações extremas. Ela suspirou. Dana, a vampira que liderava as equipes de escoteiros, ficaria com o coração partido, mas os acordos só eram cumpridos até certo ponto. Felizmente, as explicações tediosas poderiam esperar, já que Dana estava em



uma missão de reconhecimento. — Você sabe o que deve fazer.

— Enviei-o a Malum Turris para aguardar seu julgamento.

— Por que você está usando essa questão mundana e administrativa? — Irritação afiada na voz de Ashra. — Transforme-o em um vampiro.

Tera bufou. — Não é tão simples, Ashra. Confie em mim; você vai querer vê-lo.

— É melhor que não seja uma perda de tempo. — Ashra ergueu o rosto para o céu noturno, fechou os olhos e respirou fundo. Uma brisa repleta do aroma de flores que desabrochavam à noite, vinham de Malum Turris e varriam uma cidade silenciosa cheia de humanos que se encolhiam. A doce fragrância, como as águas cristalinas do lago Spiritus, vinha da torre que os humanos chamavam Malum Turris, a torre do mal. Se eles soubessem...

Tolos. A palavra estava cheia de desprezo e sublinhada pelo cansaço.

Ashra arqueou as costas. As asas de couro preto se abriram e bateram, erguendo



a Icrathari imortal no ar. Gotas de água pingavam de seu vestido molhado, enquanto seguia em direção a Malum Turris, com Tera ao seu lado.



A torre negra era mais do que a peça central de Aeternae Noctis. Malum Turris ancorava a cúpula de vidro de paládio que cercava a cidade. Anunciada pelo sussurro de asas planando, Ashra pousou na varanda que circundava o andar mais alto da torre. Suas asas dobraram-se contra suas costas, as pontas com chifres banhadas a ouro, um símbolo de seu status dominante, subindo alguns centímetros acima de seus um metro e sessenta de altura. Seus passos quase não fizeram barulho quando ela entrou em uma enorme sala circular, conhecida apenas como câmara.

A câmara não era uma sala do trono, mas o centro administrativo de Aeternae



Noctis. As paredes negras não tinham adornos, o chão metálico não tinha nada. Luzes fluorescentes emanavam de painéis claros dispostos no teto e um cilindro grosso de vidro de paládio, especialmente projetado para ser permeável a gases, ligava o ápice da cúpula à fundação de Aeternae Noctis. Apesar de sua aparência enganosamente frágil, o vidro de paládio era mais forte que o aço. O cilindro era a linha de vida da cidade, filtrando e transfundindo o ar retirado da atmosfera alterada fora da cúpula.

Com Tera ao seu lado, Ashra avançou. Uma parede de vampiros se abriu para revelar os outros dois Icrathari, Siri e Elsker. Um humano de cabelos escuros caiu aos pés de Elsker, os pulsos algemados atrás das costas. Ashra abafou uma risada. Certamente Tera estava exagerando; o humano era de longe a criatura mais fraca da câmara.

Tera ajoelhou-se, colocou os dedos nos cabelos do humano e puxou a cabeça para trás. O rosto do humano era bonito,



acentuado por suas feições simétricas e perfeitamente esculpidas, mas, no conjunto, ele não era convincente o suficiente para justificar o barulho.

Ashra deu de ombros. — Você está desperdiçando meu tempo, Tera.

Aparentemente indiferente, o senhor da guerra Icrathari sacudiu o humano com força. Os olhos dele se abriram. Eram de um verde brilhante, da cor exata do anel de esmeralda que Ashra usava no dedo indicador da mão direita. Seu olhar estava desfocado, e o estreitamento reflexivo de seus olhos combinava com o aperto de sua mandíbula, sugerindo uma dor contundente.

Tera olhou para cima e encontrou o olhar de Ashra. — Prove a alma dele.

Ashra recuou, seu lábio superior curvando-se de nojo. Ela não tinha vontade de provar a alma de um humano. Ao longo dos séculos, os humanos ficaram fracos com suas vidas consumidas pela superstição e pelo medo. Era melhor viver à beira da fome perpétua do que preencher sua fome



com a desculpa lamentável que os seres humanos chamavam de alma.

— Vá fundo —, disse Tera.

Mas por quê? A testa de Ashra franziu. Ela olhou para Siri e Elsker, mas os dois Icrathari deram de ombros, aparentemente não mais bem informados do que ela. Ela olhou para Tera. O senhor da guerra Icrathari, conhecido como Lâmina de Ashra, era o epítome do eufemismo calmo. Se ela estava insistindo, deve ter tido uma boa razão.

Ashra ajoelhou-se ao lado do humano. Sem vacilar, colocou a mão no abdômen musculoso dele. Estava sangrando, sua carne rasgada pelas garras de um vampiro.

O homem ficou tenso com o toque dela, e seus olhos se arregalaram de agonia quando seus poderes sugadores de alma penetraram nele. Sua respiração ficou dura e rápida, seu peito arfava com o esforço enquanto ele torcia o aperto inflexível de Tera, tentando libertar-se.

Os olhos de Ashra se estreitaram. O humano estava enfraquecido, aproveitado



sua fonte de vida, ela atravessou seus pensamentos atordoados e estremeceu com o eco de cada espasmo de dor que assolava seu corpo, mas ainda assim, ele lutava com Tera no plano físico e Ashra na dimensão psíquica, negando o acesso dela às memórias e à alma dele.

Ela franziu a testa e forçou sua vontade contra a dele, arrancando um grito angustiado de sua garganta, mas ainda assim, sua vontade não desmoronou.

Indecisa, Ashra olhou para Tera. — Você provou-o?

Tera assentiu. — Não foi difícil da primeira vez; ele não sabia o que esperar, mas, aparentemente, agora sabe e está fazendo um bom trabalho em revidar.

Foi esse respeito relutante que ela ouviu na voz de Tera? — A alma dele realmente importa?

O Icrathari assentiu novamente.

Ashra ergueu seus ombros com o movimento de um suspiro silencioso. Sua resistência a deixou com pouca escolha. Ela



inclinou-se para frente e deslizou os lábios sobre os dele em um sussurro de um beijo.

Os mitos humanos falavam de succubus e incubus, demônios que, com um toque, podiam provocar luxúria em suas vítimas relutantes. Todos os mitos foram baseados na realidade. A beleza enlouquecedora e o poder de sugar almas dos Icrathari geraram as lendas dos succubus e incubus. Com um toque, os Icrathari poderiam atrair suas vítimas para um estado de êxtase sexual, dobrando à vontade e descobrindo a alma.

O humano ficou tenso contra Ashra, resistindo ao contato íntimo. Ela quase recuou. Os séculos haviam embotado seus poderes inatos? Certamente ela não tinha esquecido como atrair um homem.

Ela fechou os olhos e lembrou-se do amor.

Como sempre, o rosto de Rohkeus - aqueles lindos olhos verdes dourados, tão incomuns para um Icrathari e um sorriso provocador, veio à tona. Com um meio sorriso sonhador, ela aprofundou o beijo,



levando a memória do amor diante dela como uma estaca afiada.

Por fim, o homem relaxou, sucumbindo ao beijo. Ela inclinou-se para ele, indiferente ao seu sangue vermelho manchando seu vestido branco. Ele estava quente, até febril. Apenas deslizando mais de um metro e oitenta, ele tinha mais de trinta centímetros além dela, mas sua força física, comparada à dela, era insignificante. Ela era bem envelhecida, com mais de quatro milênios, ela era a mais velha dos Icrathari e a mais forte. Ela poderia ter quebrado o pescoço dele com tão pouco esforço quanto uma criança humana estalando um galho.

A mão dela passou pelo torso musculoso dele. Ele tornou mais fácil para ela ser gentil. Seu corpo tremia como se a desejasse. A boca dele estava faminta pelo beijo dela. Ele arqueou contra ela, como se desejasse mais. Sua necessidade era como uma criatura viva, selvagem e ansiosa pelo toque dela.

Com os olhos fechados, Ashra estremeceu. Apenas uma outra pessoa a desejava tanto.



E ele estava morto.

Ela abriu caminho através das memórias de corpos pálidos emaranhados em lençóis de seda frios. Quando seu poder sugador de almas se esgotou, não encontrou oposição. Imagens da vida do ser humano vieram em um cenário de imagens, sons e sensações vívidas.

Ashra olhou para Tera, seu sorriso pouco mais que uma curva quase imperceptível em seus lábios. — Ele acredita ser o protetor da filha da profecia. Ela estava entre os presos de hoje à noite?

Tera assentiu.

Ashra riu, o som sem humor. — É uma pena que sua herança genética não tenha sido suficientemente superior para impedir que ela seja abatida.

— Tem mais. Vá mais fundo.

Ela passou pela escuridão no início de suas memórias, esperando uma escuridão mais profunda. Em vez disso, as cores mudaram para tons de ocre e cinza. Memórias, mais antigas que seu corpo, estavam em sua alma; lembranças de uma



Terra há muito perdida para eles, um planeta cercado e nutrido pela água; imagens de prédios altos brilhando sob um sol benevolente e de cidades prósperas cheias da agitação dos humanos; lembranças de conversas calmas e íntimas sob uma lua prateada, a mesma lua prateada que agora agraciou Malum Turris com sua luz, embora mil anos mais antiga e vista apenas sob a proteção da cúpula.

Ela se via como ele devia tê-la visto, um Icrathari muito mais jovem, ainda esperançoso pelo futuro, nunca percebendo que a Terra que todos eles conheciam e amavam estava irremediavelmente perdida. Ela já pareceu tão vulnerável? Seu sorriso já foi tão bonito, tão cheio de amor quanto vira?

— Rohkeus? — Oh, abençoado Criador, isso foi sussurrado em sua voz?

Ashra afastou-se e olhou para o humano. A boca dela abriu-se. Seu coração batia forte no peito, a batida irregular. Não poderia ser. Simplesmente não poderia ser...



Ela olhou para Tera. O outro Icrathari assentiu.

A alma de Rohkeus renasceu... em um ser humano.

Ashra jogou a cabeça para trás e riu, um som desesperado.

Elsker deu um passo à frente. O único Icrathari masculino era ligeiramente mais alto que o Icrathari feminino e vestia uma camisa de seda preta e calça de linho. Seus cabelos prateados eram curtos e seus olhos azuis claros eram arregalados. — Rohkeus renasceu? Isso é impossível.

Siri deu de ombros, seu vestido vermelho mudando em torno de seu corpo curvilíneo. Seus cabelos prateados, curtos, emolduravam seu rosto. — Coisas estranhas acontecem. — Seu olhar violeta pálido percorreu o humano. — Pelo menos ele teve o bom senso de escolher um corpo bonito.

Ashra balançou a cabeça, o movimento sacudindo-a para fora de seu torpor. Seu príncipe, seu amor, reduzido a um humano? Seus dedos delgados se fecharam em punhos. Seus olhos dourados brilhando, ela



afastou-se dele, embora seu corpo tremesse com a perda de seu calor. Não, o humano não era Rohkeus, ele nunca poderia ser Rohkeus.

Armando-se contra o suspiro de dor que escapou de seus lábios, quando o efeito anestesiante de seu beijo desapareceu, Ashra levantou-se com uma graça sinuosa. — Ele não é um de nós. Não mais. — Nada fora mais devastador do que perder Rohkeus para um assassino humano. Ver sua alma renascer naquela raça desprezível e fraca era um insulto à pessoa que Rohkeus fora.

— Devemos transformá-lo em um vampiro? — Tera perguntou.

— Mate-o. Liberte a alma de Rohkeus.

Siri pegou a mão de Ashra antes que ela pudesse se virar. Os lábios de Siri, pintados da mesma cor provocante que seu vestido, formaram um O. — Você não está falando sério. Quantas pessoas têm uma segunda chance no amor de uma vida?

Uma segunda chance? Seu pulso traidor disparou enquanto seus lábios curvavam-se com nojo. — Ele é humano.



— Nós podemos torná-lo imortal, um vampiro.

Ashra engoliu em seco. — Mas não um Icrathari.

O olhar de Siri caiu. — Não, claro que não.

— Mate-o.

— Você não pode. — Siri deu um passo à frente, colocando-se entre Ashra e o humano quase inconsciente. — Isso é incrível. Isso nunca aconteceu antes, uma alma renascida.

— Rohkeus está morto, e eu domino Aeternae Noctis. — Ela virou-se para Tera. — Eu disse para você matá-lo.

Tera hesitou por uma fração de segundo e depois balançou a cabeça. — Eu não farei isso, nem Siri ou Elsker. Se você o quer morto, terá que fazer isso sozinha. — Tera soltou o cabelo do humano e ele caiu. O senhor da guerra olhou para os vampiros que haviam observado toda a troca com óbvio fascínio. — Leve-o para uma cela. Certifique-se que ele seja alimentado e banhado. — Seus frios olhos cinza se



estreitaram. — Não haverá vingança contra ele pelas mortes de Sasha e Raphael.

— Por enquanto —, um vampiro murmurou.

O humano quase consciente foi arrastado da câmara, deixando uma faixa vermelha no chão de aço.

Ashra fixou uma expressão indiferente no rosto e virou-se para Siri. — E a irmã dele, a chamada filha da profecia?

— Ela está com as outras crianças que foram abatidas esta noite. Eles serão processados.

— Algo único nela? Você a provou?

Siri assentiu. — Eu tomei um gole. Ela é uma criança precoce, mas bastante comum.

Comum, exceto pelo irmão.

— Devemos processá-la ou descartá-la? — Siri perguntou quando Ashra permaneceu em silêncio.

Ashra olhou para cima, um sorriso fino colado nos lábios. — Temos medo de uma criança?

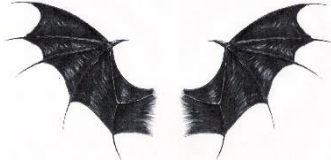
Aparentemente, ninguém se atreveu a responder sua pergunta retórica.



Bom. Ashra girou nos calcanhares. —
Processe-a. — Ela passou pelos silenciosos
Icrathari e vampiros. Ela teve que mudar.
Tinha que tirar o cheiro do humano de suas
roupas e exorcizá-lo de sua mente e coração.



Capítulo 3



A consciência voltou lentamente. O frio do chão penetrou nos ossos de Jaden. Ele estremeceu, o movimento disparando novos espasmos de dor através dele. O frio, pelo menos, havia destruído a letargia provocada pela concussão e perda de sangue. Tremendo, ele levantou-se e pressionou a mão contra a barriga. Sua mão ficou molhada e pegajosa com seu sangue.

Com os dentes cerrados contra a dor, Jaden avaliou suas feridas. As profundas incisões no estômago eram as lesões piores. O resto, principalmente as contusões doloridas e pele lacerada, teria sido menor, se não fosse a sua condição enfraquecida.

Há quanto tempo esteve apagado? Não sabia. Ele também não sabia ao certo onde estava, embora tivesse lembranças nebulosas suficientes para arriscar um palpite.



Malum Turris.

Alguém já entrou em Malum Turris e escapou para contar a história? Não em sua vida, certamente, e não na memória coletiva do povo de Aeternae Noctis.

Seu olhar viajou pela sala sem características. O teto um pouco mais alto que ele, diferenciava-se de um lado por uma porta selada. Ele respirou fundo. Tinha que encontrar Khiarra, de alguma maneira, mas primeiro tinha que permanecer vivo.

Jaden arrastou-se até uma bandeja e copo de metal em um canto da cela. A água no copo estava fria e clara; aliviou sua garganta seca e as crostas secas de pão no prato suavizaram quando as mergulhou na água.

A comida e a bebida deram-lhe força para se levantar e examinar sua cela. As paredes e o chão eram construídos com um metal polido muito mais duro que o aço. A porta não tinha fechadura, trava ou maçaneta, mas estava bem selada, separada da parede por uma abertura fina, muito



estreita para deslizar uma lâmina, não que ele tivesse.

Ele jogou seu peso contra a porta, mas ela não se mexeu. Bateu os punhos contra a porta até que suas mãos estivessem ensangüentadas, mas não conseguiu machucá-la. Ninguém apareceu.

Drenado, Jaden caiu no chão. As feridas em seu estômago começaram a sangrar novamente. Ele pressionou as mãos contra o abdômen e cerrou os dentes contra o gemido de dor. Como poderia encontrar Khiarra quando nem sequer conseguia encontrar uma saída da sua cela?

Ele examinou a sala novamente, mas a única outra coisa que viu foi um objeto fino e cilíndrico enfiado em um canto do teto. O tubo girava em um ritmo fixo, como se estivesse examinando a célula. Sua testa franziu. O que era isso? Que tipo de magia o Icrathari criou?

A exaustão tomou conta dele. Ele arrastou os joelhos até o peito, curvando-se em um pequeno espaço para preservar o calor do corpo, fechou os olhos e os sonhos



que o assombraram por cinco anos retornaram, vislumbres de uma mulher de pele clara, olhos dourados e cabelos prateados até a cintura. Pela primeira vez, um nome meio formado fez cócegas em sua mente, e seus lábios formaram uma palavra desconhecida.

— Ashra.



No conforto de sua suíte e com uma nova muda de roupa, Ashra se afastou da tela e das imagens de coragem misturadas com desolação. O humano era um lutador. Caído contra a parede, obviamente exausto de seus esforços para se libertar, seu olhar percorreu a sala, ainda procurando uma rota de fuga. Ele estava em estado lamentável, e provavelmente morreria dentro de uma semana.

Seria uma morte lenta, com um desgaste de sua saúde devido à fome, sede, frio e perda de sangue. Com sua morte, a alma de



Rohkeus estaria mais uma vez livre, e não mais presa em um corpo humano.

— Não posso lhe dar mais misericórdia do que isso, meu amor. — Sua voz ficou presa à beira das lágrimas.

Na tela, o humano virou a cabeça e pareceu olhar diretamente para ela. Ele deve ter visto a pequena câmera presa ao canto da sala onde o teto encontrava a parede. Seus olhos eram os de Rohkeus, até as manchas de ouro cravadas nas profundezas da esmeralda. Como os olhos de Rohkeus, eles eram janelas para sua alma. Nas memórias do humano, ela testemunhou sua força e devoção. Ele também tinha a compaixão e a sabedoria de Rohkeus?

O humano se enrolou em uma bola fetal. Apesar da distância imposta pela camera, ela podia vê-lo, tremendo de frio. Ela levantou o queixo desafiando a dor latejante no peito. Três dias. Ela daria a ele três dias para viver, não mais.

Os olhos dele se fecharam.



Com alívio, ela respirou fundo. Quando os olhos dele se fecharam, ela viu o humano, não Rohkeus.

Ela afastou-se da tela e pegou um copo de água.

Sua voz rouca sussurrou o nome dela. — Ashra.

O copo dela caiu e quebrou no chão de metal. Ela virou-se e olhou para a tela. Ele era um humano, um mortal lamentável, ferido e moribundo, mas a chamava pelo nome.

Com o coração disparado, ela inclinou-se para ficar mais perto. Seus lábios se moveram, moldando palavras ininteligíveis, intercaladas por gemidos suaves e grunhidos de dor. Ela apenas imaginou seu nome?

Ashra afastou-se da tela. Havia perdido tempo suficiente com o humano. Ela foi desligar a tela, mas hesitou, a mão pairando sobre o interruptor, esperando, esperando ouvir outra palavra dele.

Sua mandíbula contraiu-se, apertando-se contra a esperança crescente. *Eu sou uma tola.*

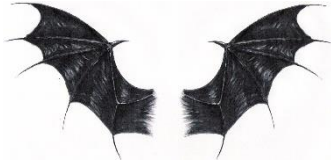


A tela ficou preta.

O comunicador colocado na parede tocou suavemente antes da voz de Siri aparecer. — Ashra? Precisamos de você na câmara. Dana e os batedores estão de volta.



Capítulo 4



O retorno dos batedores normalmente gerava interesse e esperança, mas o clima era sombrio quando Ashra entrou na câmara para saber sobre a saída. Os outros três Icrathari também se reuniram. A vampira Dana, a líder dos batedores, afundou em uma cadeira, os rasgos em suas roupas de couro oferecendo vislumbres de contusões e arranhões estragando sua pele pálida. O olhar de Ashra varreu os dois vampiros cansados agachados ao redor de Dana. Ela ficou tensa, poucos haviam retornado.

— Quais as notícias?

— Poucas, e nada boas —, disse Dana, sua voz vacilante. Ela passou a mão pelo cabelo curto e escuro. — Vimos dois bandos itinerantes de daevas, mas não conseguimos chegar perto o suficiente para plantar um rastreador.



— Eles viram você? — Ashra perguntou.

Dana balançou a cabeça.

— Então o que aconteceu com sua equipe?

— Nós encontramos um imortal.

Os olhos de Ashra se arregalaram. — Qual?

— Eu não sei. Não paramos para perguntar o nome dele, e ele não parecia do tipo tagarela. Ele matou Tyrone e Cade antes de percebermos que estava lá, e se desfez do resto de nós enquanto fugíamos. — Dana balançou a cabeça. — Loth e Mord não conseguiram. Não conseguimos parar para matá-lo. Ele estava... — Sua voz ficou presa e ela engoliu em seco. — Ele os comeu vivos.

Elsker respirou fundo. — Quantos imortais você acha que existem por aí?

Tera encolheu os ombros. Suas asas de couro farfalharam suavemente quando se mexeu. — Pelo menos uma dúzia. É difícil obter uma contagem precisa. Graças ao Criador, eles são caçadores solitários.



Elsker balançou a cabeça. — Por direito, eles não deveriam existir. A responsabilidade... a culpa é nossa. Deveríamos fazer melhor do que transformar humanos em vampiros mais velhos. Tudo o que conseguimos fazer foi criar vampiros anciões insanos, os imortais.

Siri cruzou os braços sobre o peito. A voz dela era fria. — Você tem medo de pesquisa e experimentação, Elsker?

— Somente quando leva ao desastre. — Ele estendeu a mão em um gesto que abrangeu a cidade. O brilho suave das luzes emanava de casas e edifícios sob a lua eterna. — Os imortais são monstros estúpidos e insensíveis.

— Não são tão estúpidos se encontraram uma maneira de sobreviver à luz do sol.

— Nossos experimentos renderam em tragédia. Os humanos não conseguem lidar com infusões completas de sangue puro de Icrathari, não mais. Nós não produzimos um vampiro mais velho em gerações. É tolice continuar tentando.



— Temos que continuar tentando. Os vampiros mais velhos são infinitamente mais rápidos e mais fortes. Eles curam mais rápido, podem fazer qualquer coisa que um Icrathari faz, exceto voar. Usar uma mistura de sangue icrathari e sangue de vampiro para transformar humanos é insignificante. A potência do sangue icrathari nos vampiros diminuiu. Precisamos de vampiros mais fortes. — Siri lançou um olhar a Dana. — Sem ofensa.

Dana encolheu os ombros. — Não ofendeu. — Ela levantou-se, sondou uma das muitas lacerações no abdômen e estremeceu. — Vou tomar minhas injeções de nutrientes e descansar um pouco antes de retirar minha equipe novamente. Existe algum recruta adequado no lote mais recente de humanos escolhido ontem à noite?

Sua pergunta era inocente, até esperada. Humanos adultos talentosos e capazes eram recrutados a cada lua cheia para preencher as fileiras vampíricas, o incessante ônus de proteger Aeternae Noctis exigia isso.



Ashra olhou para cima. Ela percebeu e segurou o olhar interrogativo de Dana. — Jaden Hunter foi levado.

Os olhos verdes de Dana se arregalaram. — Não! Você prometeu.

— Nem todas as promessas podem ser cumpridas. Os humanos o consideram um dos líderes emergentes...

— Então você o levou para eliminar uma ameaça?

— Ele matou dois vampiros, Dana.

— Ele fez? — Orgulho surpreso brilhou em seus olhos.

— Ele também é o protetor da filha da profecia.

Dana zombou. — Você acredita no absurdo que os humanos dizem a si mesmos para manter a esperança viva?

— Não importa no que eu acredito. Só importa o que eles acreditam, pelo que estariam dispostos a lutar e morrer.

— Mas você não pode transformá-lo. Fizemos uma barganha.



— Uma barganha que se tornou inválida quando ele se tornou uma ameaça para Aeternae Noctis.

Dana abriu as mãos. — Ele é um humano. Como ele pode ser uma ameaça para a cidade?

— Eu julgarei isso —, disse Ashra.

Siri riu suavemente. — Você pode? Com o seu coração em risco?

Os olhos de Dana se estreitaram. Seu olhar passou entre Siri e Ashra. — O coração dela?

— Jaden tem uma alma antiga. Você pode até dizer que ele é mais velho que todos nós aqui —, disse Siri.

— Pare de dizer bobagens —, Dana retrucou. — O que é isso sobre uma alma antiga em Jaden?

Os ombros esbeltos de Tera se moveram em um encolher de ombros graciosos. — Rohkeus.

— Rohkeus. O fundador da Aeternae Noctis? — Dana balançou a cabeça, o movimento desesperado, quase frenético. — Não, isso é loucura. Isso é impossível.



— É verdade —, disse Tera. — Eu também provei a alma dele.

Consternação brilhou no rosto de Dana. — Onde ele está agora?

— Ele não é da sua conta —, disse Ashra.

Dana caminhou até Ashra. A um metro e meio, o vampiro pairava sobre a diminuta Icrathari. — Ele sempre será minha preocupação.

Ashra permaneceu imóvel.

A testa de Dana franziu. — Você e Rohkeus eram amantes, não eram?

Ashra arqueou uma sobrancelha, mas não disse nada.

O silêncio preencheu o espaço entre eles. A vampira riu, o som oco. — Você seria uma péssima nora.

Ashra explodiu em gargalhadas. A diversão que borbulhava pegou-a desprevenida, o primeiro lampejo de humor que ousou brilhar na rotina sombria de responsabilidade sem fim em anos, talvez até décadas. Ela estendeu a mão para a vampira. — Acho que podemos concordar em não ser da família.



Dana olhou para a mão de Ashra, mas não a aceitou. Ela balançou a cabeça, os lábios pressionados em uma linha tensa. — Mas o que isso significaria para Jaden? Tenho que vê-lo, por favor. Você não pode me negar, meu filho. Faz vinte e três longos anos.

Lide com isso. Sobrevivi por mil anos sem Rohkeus. — Jaden tinha cinco anos quando você foi levada. Ele não tem lembrança de você.

— Eu preciso vê-lo.

Ashra podia pensar em uma centena de razões pelas quais não, mas Dana estava certa. Uma mãe tinha direito ao filho. — Muito bem. Venha comigo.

Ela poderia ter mergulhado no poço próximo ao núcleo de vidro de paládio da torre, Rohkeus projetara a torre para os Icrathari, mas desde que Dana a acompanhou, as duas mulheres entraram no elevador que esperava. O elevador, pouco mais do que uma plataforma quadrada sem portas ou paredes, deslizava através dos muitos níveis de Malum Turris.



Numa corrida contra o tempo, contra a aniquilação, Rohkeus havia projetado e construído Malum Turris e Aeternae Noctis para serem funcionais, não bonitas. Um milênio depois, beleza, ainda não havia chegado à cidade da noite eterna. A torre, a estrutura de suporte central da cúpula, foi construída em liga de aço carbono, o que garantia um resfriamento perpétuo no ar. As paredes e o chão de cor preta roubavam o calor do corpo de todos os seres vivos. Felizmente, os Icrathari e os vampiros eram imunes ao frio. Como humano, porém, Jaden sofreria, seu tormento implacável.

Ashra rangeu os dentes contra a dor repentina no peito. Ela não precisava lembrar que não havia lugar para humanos em Malum Turris. Não havia lugar para Jaden na torre ou em sua vida.

Dana passou os dedos magros pelos cabelos. Como ele é? Como ele está?

— Ele estava ferido.

— Como? Quão ruim?

Ashra deu de ombros. — Tera foi gentil com ele.



— Ele lutou com Tera? — Dana balançou a cabeça. — E ela não quebrou todos os ossos do corpo dele, como fez com o último humano que a desafiou?

— Não, ela provou a alma dele e encontrou motivos suficientes para se segurar. — O elevador passou pela estreita entrada da arca e continuou em direção aos níveis mais baixos, onde as máquinas agitavam, suas engrenagens oleadas e motores meticulosamente cuidados, mantendo o Aeternae Noctis no ar e funcionando.

As celas estavam no nível mais baixo, entre os pilares fundamentais de aço carbono que sustentavam a cidade. As células eram raramente usadas; vampiros desonestos eram rapidamente executados. Ashra não tinha tempo nem paciência para insubordinação; a vida em Aeternae Noctis pendia de um fio muito fino para arriscar a sabotagem de um subalterno descontente.

Dana seguiu Ashra pelo labirinto de corredores. A Icrathari parou ao lado do scanner biométrico que controlava a



fechadura da porta. Dana passou por ela para ficar em frente à porta.

Ashra lançou um olhar à vampira. — Você tem certeza que quer vê-lo?

— Sim.

Ashra inclinou a cabeça em reconhecimento e inclinou-se para frente no dispositivo de reconhecimento de íris. A confirmação biométrica de sua identidade levou apenas um momento. A fechadura abriu-se e a porta deslizou para o lado.

Jaden se lançou, atacando Dana. Ele a girou em um movimento suave e empurrou com força, o momento a lançando na cela. Suas botas de couro quase não faziam barulho enquanto ele corria pelo corredor.

Um sorriso raro e involuntário curvou os lábios de Ashra. Com uma risada, ela foi ao ar, suas asas abriram-se e bateram, elevando-a no ar. Como quase todo o resto em Malum Turris, o corredor era largo e alto para permitir aos Icrathari sua maior vantagem, o vôo. Ela alcançou o humano e pousou na frente dele com os pés silenciosos.



Seus olhos se arregalaram com partes iguais de descrença e horror. — Ashra.

A respiração dela ficou presa com seu nome nos lábios dele.

Ele estava tão confuso quanto ela pelo reconhecimento aparentemente instintivo dela? Ele deve ter ouvido alguém chamá-la pelo nome. Ele não poderia saber, do contrário. No entanto, quando Ashra procurou sua memória impecável, ela não encontrou menção de seu nome, pelo menos não em sua audição.

Ela olhou nos olhos dele, aqueles lindos olhos com manchas de ouro embutidas em verde esmeralda. Maldito seja, aqueles eram os olhos de Rohkeus. O humano não tinha o direito de voltar a sua vida normal, conquistada com muito esforço, nem o direito de interrompê-la. Suas asas bateram com força, um único movimento que a elevou para que pudesse olhar diretamente para o rosto dele. — Não —, ela respirou tão suavemente que apenas ele pôde ouvir. *Onde estava quando precisei de você? Onde estava quando quase morri ao perder você?*



Agarrando o rosto dele em suas mãos, ela pressionou os lábios nos dele, despejando toda sua mágoa e dor naquele único beijo.

O humano ficou tenso com o contato íntimo e invasivo.

Ela não o soltou. Em segundos, ele relaxou, sua vontade fraca e maleável sob a compulsão sexual do Icrathari, e ela o atraía de volta para sua cela.

Ele afastou-se dela. Os lábios dele sangraram, as presas dela haviam cortado sua pele sensível, e seus olhos estavam desfocados enquanto lutava para afastar sua influência psíquica. Ele deu um único passo instável para trás. O ódio brilhava em seus olhos estreitados. Ele cuspiu uma única palavra. — Demônio.

O punho que ele jogou a pegou no rosto e a jogou nos azulejos frios. Atordoadada com o impacto, ela levantou-se e o encarou, os olhos arregalados e incrédulos, quando ele passou por ela, obviamente procurando a saída. Ele realmente resistiu e a golpeou?

Como ele ousa?



Ela lançou-se no ar e o agarrou por trás. As unhas dela se estenderam. Nítidas e curvadas como garras, perfuraram seus ombros. Ela o puxou e o jogou para longe. Ele bateu na parede e caiu no chão. Um suspiro de dor rasgou seus lábios. Apoiando-se pesadamente contra a parede, ele levantou-se. Ele ainda estava lutando para ficar em pé, quando ela aproximou-se dele. Pegando nos cabelos dele, puxou a sua cabeça para trás.

— Não — implorou Dana, emergindo da cela, a mão estendida para um filho que claramente não a havia reconhecido.

Ashra ergueu o queixo, endurecendo o coração com o brilho de agonia estendida sobre as feições de Jaden. Sua mão direita ficou tensa em uma garra.

Rasgue sua garganta. Termine este pesadelo.

Nós dois sabemos que nunca deveria ter chegado a isso, Rohkeus. Você nunca deveria ter voltado. Não há espaço para você na cidade, na torre ou no meu coração.



O olhar dele focou nela. Não havia pedido de misericórdia em seus olhos. Aparentemente, o terror e o medo não tinham influência sobre ele, mas o ódio fervia, não quente e violento, mas frio e escuro, o tipo de ódio que fora alimentado ao longo de décadas.

Ela engoliu em seco. *Não há esperança para nós, não se você ver apenas um demônio quando me olhar.*

Preparada para arrancar a garganta dele, ela puxou o braço para trás e golpeou, golpeando como uma cobra, mas os dedos de Dana se fecharam em torno de seu pulso, arrancando-a do golpe mortal. Ashra bateu a cabeça do humano contra a parede, deixando-o inconsciente e o deixou cair no chão antes de se virar para encarar Dana.

— Como você ousa? — Seu tom era suave, mas as palavras não eram.

A rebelião contra os Icrathari custou a vida de muitos humanos e vampiros, mas Dana não se encolheu, embora ela devesse saber que não tinha chance contra um Icrathari antigo. A vampira agachou-se e



arreganhou os dentes. — Você não pode matá-lo.

Ashra afastou os cabelos prateados do rosto. Suas asas ondularam quando ela arqueou as costas. — Nós somos monstros para ele. O pesadelo da humanidade.

As mãos de Dana fecharam-se em punhos. — Nós conquistamos esses títulos e, se você matá-lo, confirmará as impressões dele sobre nós.

Ashra deu de ombros, o movimento gracioso e despretencioso. Era uma pena que Dana também tivesse que morrer. Ela caminhou em direção à vampira, mas parou ao som de um zumbido baixo pulsando através da torre. O olhar de Ashra brilhou no corredor em direção ao leste. Além do labirinto emaranhado de paredes idênticas, ficavam as portas reforçadas de aço carbono que barravam a única saída de Aeternae Noctis.

A indecisão passou por ela, mas a praticidade venceu. Talvez em outro tempo e lugar, Dana teria morrido por sua insubordinação, mas com a cidade sendo



atacada, Ashra tinha um uso melhor para os talentos de Dana.

Ela acenou para a vampira. — Temos trabalho a fazer. — Ela não olhou para o homem ferido e inconsciente caído no chão enquanto corria pelo corredor.

Dana hesitou por apenas um momento antes de dar um passo ao lado dela.

Ashra parou por um dos muitos limiares que dividiam o corredor. Seus dedos tocaram um ritmo impaciente contra o console de comunicações. — Siri?

A voz de Siri soou fina através do dispositivo colocado na parede. — Daevas, pelo menos cinquenta deles. Ativei os escudos pulsares, mas eles são persistentes. Elsker e Tera estão saindo, Tera diz que vai argumentar com eles.

Ashra engoliu o riso. Tera argumentava com a ponta de suas lâminas. — Quantos vampiros a acompanham?

— Não é o suficiente —, disse Siri, sua voz normalmente calma entrelaçada com tensão. — Perdemos muitos na última batalha, e os humanos que transformamos



em vampiros na noite passada ainda estão se recuperando da sede de sangue.

— Dana e eu estamos saindo.

— Devo ir também? — Siri perguntou.

— Não. Fique e cuide da cidade.

Com Dana do seu lado, Ashra correu pelo labirinto de Aeternae Noctis. Pouco antes de entrarem na câmara oriental mais distante, ela lançou um olhar para a câmara girando sobre o limiar e assentiu, confiando que Siri estava prestando atenção no monitor.

Siri estava. As portas de aço carbono abriram-se, o chão abriu-se. Ashra agarrou Dana pela cintura e passou pelas portas que se abriam. O chão enegrecido sumiu. As asas de Ashra bateram o suficiente para transformar uma queda livre em um mergulho controlado. A um metro do chão, ela soltou Dana, que rolou para frente e se levantou agachada. As asas de Ashra bateram de volta, arrancando-a de seu mergulho, e ela subiu no ar.

Ela lançou um olhar por cima do ombro. Aeternae Noctis, protegida sob a



cúpula e carregada trinta metros acima do chão enegrecido, passou por ela. Um vento perpétuo varreu seu rastro, sua mordida fria e cruel.

Gritos e uivos cortaram a noite enquanto Icratharis e vampiros lutavam com Daevas no ar e no chão. Ashra teve vislumbres de Tera e Elsker enquanto eles arrancavam Daevas do céu, e os jogaram ao chão, onde os vampiros esperavam como cães treinados para matar. A lua banhava a noite com seu brilho prateado, mas Aeternae Noctis envolvia grandes faixas de campo de batalha na sombra maciça que lançava.

Ainda assim, ela não precisava de luz para lutar, não quando os olhos dos Daevas eram de um tom dourado.

Um rosnado, baixo e ameaçador, ondulou em sua direção. Ashra girou quando um Daeva lançou-se sobre ela, asas em forma de morcego se abriram com garras estendidas. Suas garras marcaram seu vestido, mas não marcaram sua pele. Era claramente um daeva jovem, sem força e sabedoria, se tivesse, teria atacado um



vampiro. Sem remorsos, Ashra passou a mão em volta do pescoço e apertou. Sua pele de couro, assada pelo calor do sol durante o dia, pode ter se mostrado resistente às garras de um vampiro, mas não oferecia proteção contra a força de um Icrathari.

Osso estalou na mão dela. Os olhos do Daeva arregalaram-se e ofegaram. Em pânico, suas asas bateram enquanto tentava se libertar, mas era tarde demais. Ashra enfiou a outra mão no estômago, as garras rasgando sua carne endurecida. Ela apertou em volta do pescoço até o osso quebrar em seu aperto implacável, cortando a espinha do Daeva. Com um chiado, ele morreu.

Até os imortais poderiam perecer. Só era preciso saber exatamente como matá-los.

Os icrathari sabiam muito sobre os Daevas. As criaturas aparentemente demoníacas, originalmente descendentes dos quatro Icrathari que escolheram não entrar em Aeternae Noctis, foram alteradas pela dureza do ambiente e um milênio de evolução subsequente. As únicas



características que os Daevas e Icratharis ainda pareciam compartilhar eram o dom do voo e da cura acelerada.

Um terreno comum desapareceu mil anos antes. Qualquer esperança de paz pereceu logo em seguida. Séculos de guerra sobre o controle de Aeternae Noctis haviam destruído sua espécie.

No terreno, o exército de vampiros de Tera lutava em grupos de três, dois para prender a atenção do Daeva, o terceiro para atacar com golpes mortais. Ashra não precisava de tanta distração. Daevas se espalharam para fora de sua trajetória de vôo, batendo asas loucamente quando ela girou em um mergulho. Ela pegou um Daeva no ar. Ele gritou, uivando de dor quando ela rasgou seu estômago. Seu grito desapareceu quando arrancou a cabeça dos ombros. Suas asas abriram-se até os três metros de altura quando ergueu-se e jogou a cabeça e o corpo do Daeva em outro demônio alado.

O Daeva desviou, mostrando suas presas. O luar dançava através de um fino



anel de prata na mão esquerda. Com um rosnado, o Daeva lançou-se sobre ela.

Ashra sorriu quando deu um mergulho. O lábio superior afastou-se, expondo os incisivos alongados.

Eles colidiram no ar, lutando. Suas garras cortaram sua pele, marcando linhas verticais em seu braço. A dor, estranha por ser tão rara, atravessou-a. O Daeva era mais velho que os jovens que matara com facilidade. Seus olhos dourados se fixaram nela. Neles, o ódio brilhava, o ódio estimulado pela memória.

Ela olhou para seus traços irreconhecíveis. Foi um Icrathari no passado. Nasceu antes do apocalipse e sobreviveu. Ela o reconheceu.

Não importa. Seu flash irracional de compaixão passou. O Daeva atacou sua casa e colocou em risco seus vampiros e os humanos sob sua proteção. Ashra cortou, passando as garras no rosto. Sua pele escura abriu-se e minúsculos riachos de sangue dourado escorreram por sua bochecha.



Ele gritou e estendeu a mão por cima do ombro para agarrar sua asa. Sua mão se fechou em torno do osso que atravessava o comprimento de sua asa esquerda e fechou em punho. Osso esmagado sob suas garras.

Raios de dor pulsaram nas costas de Ashra, arrancando um grito dela. A outra asa dela continuou batendo no ar, tentando mantê-la no ar. Uma queda daquela altura não a mataria, mas os ferimentos seriam inconvenientes. Em desespero, ela pegou os pulsos do Daeva em suas mãos quando ele tentou afastar-se.

Ele fez um som sibilante. Aparentemente, respondendo à sua convocação, dois outros Daevas mergulharam em direção a Ashra, os braços com garras estendidas.

Apesar de sua asa quebrada, Ashra torceu no ar. Sendo mais forte girou o Daeva, forçando os dois atacantes a se afastarem desesperadamente, mas era tarde demais. Os dois, impulsioneados pela matança, foram imprudentes. Asas de morcego emaranhadas em uma enxurrada



de garras e presas que atingiam-se indiscriminadamente.

— Ashra! — Elsker mergulhou na confusão. Com um ataque violento, empurrou o antigo Daeva para longe de Ashra. O pânico esmagou Ashra quando ela caiu através da cortina de asas de morcego no chão.

Um pouco antes do impacto, o ar ao seu redor tremia, vibrando quando uma rajada de asas negras varreu em sua direção. Tera a pegou a um metro do chão. O impulso para frente de Tera fez com que ambos colidissem com um grupo de vampiros de olhos arregalados. O rosto da senhora da guerra Icrathari estava sombrio de raiva reprimida quando levantou-se. Tera avançou em direção a Elsker, mas os Daevas se separaram da briga com os Icrathari e fugiram, deixando para trás os feridos e os mortos.

Com suas asas quebradas tornando a fuga impossível, os Daevas feridos foram massacrados. Os vampiros rondavam o campo de batalha, ostensivamente cuidando



de seus feridos e enterrando seus mortos. Ninguém fez nenhum movimento para voltar à cidade.

Ashra lançou aos vampiros um olhar estreito e ocultou o sorriso de sabedoria. Os vampiros estavam naturalmente curiosos sobre seus mestres Icrathari, principalmente quando discordavam.

— Seu idiota. — A voz de Tera, embora baixa, carregava claramente a noite tranquila. Ela pairava vários metros acima de Ashra, com os olhos cinzentos presos no rosto de Elsker. — Eu disse para você afastar Ashra da luta e deixar os Daevas comigo. Em vez disso, você cobra e os enfrenta. Você poderia tê-la matado.

Elsker lançou um olhar perturbado para Ashra. — Eu estava tentando desviar a atenção dela.

— Você deixa isso para mim. Eu poderia ter matado eles. Agora fugiram!

O homem Icrathari corou. — Eu só...

— Eu sou a lâmina de Ashra. Você é apenas a voz dela...



Ashra interrompeu. — Chega, vocês dois. Eu preciso da minha voz tanto quanto da minha lâmina e da minha mão. — Lembrou-os, referindo-se à Siri. Ela olhou para o oeste, a cidade abobadada, carregada no ar por seus enormes motores de repulsão, já estava a uma milha de distância, sempre fugindo do brilho mortal no horizonte oriental. Quanto mais tempo permanecessem na superfície do planeta, mais eles teriam que carregar seus feridos para alcançar a cidade.

Ela rangeu os dentes enquanto flexionava a asa machucada. Músculos rasgados puxavam o osso que se curava, desconfortáveis, mas não mais dolorosos. Ashra olhou para os vampiros. — Voltem para a cidade. Elsker, Tera e eu vamos em breve.

Os vampiros lançaram um olhar para Tera. O senhor da guerra acenou para seu segundo em comando, uma vampira chamada Yuri. — Sem viagens paralelas. — Advertiu Tera.



— Não sonharia com isso, Tera. — Respondeu Yuri, um sorriso aparecendo em seu rosto normalmente sem sorriso. Ela mexeu a cabeça, balançando a trança vermelha por cima do ombro, embainhou as espadas e inclinou-se para ajudar um de seus companheiros feridos.

Ashra esperou até os vampiros, inclusive Dana, desaparecerem ao longe.

Tera quebrou o silêncio primeiro. Com uma carranca no rosto, ela andou pelo chão rachado. — Eu sei o que você vai dizer, Ashra. Precisamos parecer unidos na frente dos vampiros, e todo esse maldito absurdo.

— Não é bobagem, mas não era isso que eu ia dizer. O Daeva com quem lutei... é antigo. É tão velho quanto nós.

Elsker zombou. — Isso é um absurdo. — Ele estendeu a mão em um gesto pela paisagem queimada. — Como algo poderia ter sobrevivido aqui por mil anos? As chances são...

— Não superior à alma de Rohkeus renascer em um ser humano —, disse Ashra, — e até isso aconteceu. — Ela virou-se para



Elsker. — Você anda com os batedores de vez em quando. Você nunca viu aquele Daeva antes?

— Não, nunca chegamos perto dos Daevas. Eles são muito menos comuns do que parecem ser. — Disse Elsker.

Tera bufou. — E, no entanto, eles atacaram Aeternae Noctis pela sétima vez, sempre algumas horas depois da lua cheia, quando nos distraímos transformando os humanos que selecionamos da cidade. A cada vez, os Daevas atacam em maior número e, a cada vez, os encontramos com menos vampiros. Seis meses atrás, eu nunca precisaria de vocês dois para ajudar na defesa da cidade, mas agora preciso. — Ela fez uma pausa, lançando um olhar acusador para Ashra. — Nossas defesas diminuíram.

Ashra arqueou, esticando os músculos das costas. As asas de couro se contraíram quando o osso se reparou e o tendão e o músculo se uniram. — Não podemos levar mais do que precisamos. Os humanos estão com muito medo de nós.



— Eles preferem estar com medo ou mortos? — Tera exigiu. — Você mimou os humanos por muito tempo, Ashra. Eles precisam saber a verdade.

Ashra deu as costas para Tera e Elsker. A lembrança voltou espontaneamente, do rosto de Jaden, do ódio em seus olhos quando cuspiu aquela maldita palavra, *demônio*. Se o homem, possuidor da alma de um Icrathari, a olhava com tanto ódio, como poderia esperar menos dos outros humanos?

Ela balançou a cabeça e suspirou, o som inaudível. — Eles não conseguiriam lidar com a verdade. — Ela abriu as asas e testou sua força quando a levantaram no ar. Um músculo contraiu-se, mas mesmo aquela dor surda logo passou. — Quero aquele Daeva, Tera. Encontre-o para mim.

Elsker foi ao ar, pairando ao nível dos olhos. Sua testa franziu. — Eu lidero os batedores. Esse é o meu trabalho.

Ashra arqueou uma sobrancelha. — Você disse que raramente vê Daevas.



— Nossos batedores têm maior alcance e treinamento para sobreviver se forem pegos de dia. Nossos guerreiros precisam ficar perto para proteger a cidade. — Protestou Elsker.

— Eles protegerão a cidade com a mesma eficácia, encerrando a ameaça dos ataques de Daevas. — Ela olhou para Tera, e a senhora da guerra assentiu, com um sorriso nos lábios. — Quero que você encontre o santuário deles e queime-os debaixo dele. Quantos guerreiros você tem?

Tera lançou um olhar para os túmulos no chão. — Doze agora.

— Os dez humanos que pegamos ontem são seus, Tera. — Disse Ashra.

— Mas os batedores... — Elsker protestou. — Nós devemos reabastecer suas fileiras também. Perdemos quatro para os imortais. Tudo o que me resta é Dana e mais dois.

— Os batedores restantes se juntarão aos guerreiros e se reportarão a Tera. — Ela lançou um olhar de alerta para Elsker



quando ele abriu a boca para protestar. — Essa é minha decisão, Elsker.

— Você não pode...

Suas asas a carregaram para frente. Quase quinze centímetros a separavam de Elsker. Ela olhou para ele. — Eu disse para você segui-los após o primeiro ataque a Aeternae Noctis, sete meses atrás. Você não os encontrou e seus ataques aumentaram. É hora de tentar outra coisa antes que a cidade esteja realmente ameaçada.

— Você empregaria força bruta sobre a diplomacia? — Elsker perguntou, sua voz tão tensa quanto sua expressão dolorosa.

— Eu faria qualquer coisa para proteger a cidade, Elsker —, respondeu ela. Sua voz levantou-se em desafio. — Você não?

Ela lhe deu as costas quando ele não respondeu. A cidade ainda estava mais longe, embora a distância não fosse nada para um Icrathari. Ela abriu as asas, curtindo a noite. Sem restrições, voou para o céu. Suas asas de couro preto tinham um brilho suave, e os pequenos chifres de ponta



dourada que cobriam cada articulação das asas brilhavam à luz prateada da lua.

A lua não mudou. A Terra, tão antiga, não era mais a mesma. A terra que os humanos viam por baixo da cúpula, a Terra que ansiavam, de intermináveis prados e florestas luxuriantes descansando à sombra de montanhas cobertas de neve, era uma ilusão, uma imagem criada e sustentada pelos poderosos projetores que circundavam Malum Turris. Como um anel de luz.

A Terra, a verdadeira Terra, era um deserto árido, sua superfície seca e rachada sob um sol implacável. No novo mundo, os Icratharis eram os mestres incontestáveis, os únicos imortais que sobreviveram, inalterados, pelo apocalipse. Ela nunca permitiria que seu domínio diminuísse.

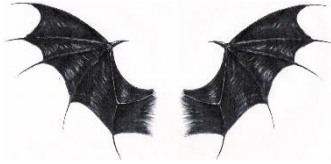
Com Tera e Elsker ao seu lado, Ashra voou em direção a Aeternae Noctis. Ela mergulhou sob a cidade, deslizando entre os poderosos impulsores de repulsa e subindo pelas portas de aço carbono que se abriam.



Dana estava na entrada, com o rosto perturbado. — Ele se foi —, ela explodiu. — Jaden se foi.



Capítulo 5



Ashra inclinou-se contra as paredes frias da câmara, os braços cruzados sobre o peito, enquanto seus companheiros Icratharis e Dana pairavam ao seu redor em vários estágios de alarme.

— Por que, em nome do Criador, você o deixou de fora no corredor? — Siri exigiu. — Temos celas de retenção para um propósito.

— Ele estava inconsciente e eu subestimei sua resistência. Você consegue encontrá-lo? — Ashra perguntou.

Siri abriu as mãos. — Lucas está amarrado com os novos vampiros que ainda estão febris pela doença do sangue. Phillip está ocupado processando as crianças que escolhemos ontem à noite.

— E a vigilância remota?



— Somente nas celas e em todos os pontos de entrada em Malum Turris. As chances de vê-lo são pequenas.

— E seus engenheiros?

— Engenheiro. Singular, não plural. Não consigo afastar Xanthia do trabalho dela. Ela é a única coisa que mantém os motores e a cidade funcionando.

Dana deu um passo à frente. — Eu vou procurá-lo.

Siri balançou a cabeça. — Você está subestimando o tamanho da torre. Mesmo com a arca, usamos quase uma fração dela. Há seções da torre que nunca vi e tenho explorado em meu tempo livre, mapeando-a, há mil anos.

— Você tem? — Ashra perguntou, suas sobrancelhas arqueadas.

— Sim, claro. — Siri bufou. — E antes que alguém me chame de algo rude que me forçará a enfiar suas palavras e sua língua na garganta, você saberá que o conhecimento é uma arma.

— Claro que é. Onde está o seu mapa da torre?



Siri bateu na lateral da cabeça.

Ashra revirou os olhos. — Qual é o sentido do conhecimento se não estiver acessível?

Siri riu. — É acessível para mim. Vamos pensar sobre isso. — Ela andou por toda a sala, o vestido vermelho esvoaçante moldando suas curvas. — Para onde ele iria? Ele estava tentando escapar da torre, então é lógico que permanecesse no nível mais baixo, procurando um caminho de volta para a cidade.

— Ele iria? — A testa de Ashra franziu. De costas para os companheiros, caminhou até a janela, cada passo lento e medido. As memórias de Jaden, colhidas em sua alma, passaram por sua mente, imagens de uma menina sorrindo e rindo, brincando, seguras no conhecimento de que ela era amada e protegida. A meia-irmã de Jaden, uma parte fundamental e irrevogável de seu mundo, provavelmente nunca teria nascido se os Icratharis não tivessem tomado Dana à vinte e três anos atrás. O marido de Dana em



luto, acreditando que ela estava morta, acabou casando-se novamente.

Oh, os problemas que trazemos sobre nós. — Jaden não vai embora sem a irmã.

Siri suspirou.

Ashra olhou para ela. — O que é isso?

— É uma vergonha, ele provavelmente morrerá de fome antes que alguém o encontre. Ele era a nossa melhor chance de nos conectar com os humanos.

— O que?

Siri deu de ombros. — Você tem que admitir que ele tinha possibilidades. Um humano com a alma de um Icrathari, não poderíamos ter escolhido uma pessoa melhor para preencher a lacuna com os humanos.

— A lacuna não pode ser preenchida.

— Nós nunca tentamos. — Siri desviou o olhar. Os ombros dela caíram. — A cada mês fica mais difícil fazer o que fizemos por mil anos. O que acontecerá quando os Icratharis... os imortais Icrathari começarem a contar os dias?



Os olhos de Ashra se estreitaram. — Siri?

A Icrathari voluptuosa suspirou. — Estou cansada, Ashra. Todos nós estamos. Mil anos sem fim à vista. — Ela balançou a cabeça. — Não sei se podemos fazer isso por mais mil anos.

— E como preencher a lacuna com os humanos, fará com que seja diferente?

— Eu não sei. — Siri deu de ombros. — Neste momento, estou pronta para tentar qualquer coisa. Como isso pode ser pior do que tudo o que tentamos até agora? Vinte e cinco vampiros mantêm e defendem esta cidade, e isso inclui nossos mais novos recrutas, abaixo dos quinhentos nos dias após o apocalipse. Todo mês enterramos mais vampiros do que acrescentamos às nossas fileiras.

— Não se trata dos números, Siri.

— Não —, disse Siri. — Trata-se de sobrevivência, e estamos perdendo nossa vantagem, uma vantagem que nem mesmo a tecnologia e as defesas da Aeternae Noctis podem compensar. Em algum momento,



seremos invadidos e depois? Você tem que parar de mimar os humanos, Ashra. Você não tem escolha.

— Você arriscaria que todos ficassem loucos?

Siri balançou a cabeça. — Não, claro que não, mas...

Todos humanos que descobriram a verdade enlouqueceram e perderão a vontade de viver. Você esqueceu o quão perto a humanidade chegou à beira da extinção imediatamente após o apocalipse? Nós os perdemos aos milhares. Centenas deles morriam todos os dias por suicídio ou simplesmente porque haviam perdido a vontade de viver.

Tera bufou. — Depois do que fizeram ao planeta, quem poderia culpá-los?

Ashra fitou a senhora da guerra. — Eles estavam parados no passado quando deveriam ter se concentrado no futuro.

Elsker interveio. — Está além deles. Os humanos não podem lidar com o presente, sem falar no futuro. Mesmo alguns dos Escolhidos que selecionamos por sua



resistência mental e emocional, não conseguiram lidar com os fatos. Quantos vampiros recém-transformados perdemos por suicídio quando descobriram a verdade sobre o planeta? Demais para contar. — Ele balançou a cabeça. — Por que continuamos defendendo os humanos?

Porque é o que Rohkeus teria feito. É o que Rohkeus gostaria que fizéssemos.

Ela fechou os olhos. Uma imagem de Rohkeus surgiu de suas memórias. Ele teria franzido o cenho de maneira inimitável, e faria parecer simples, óbvio. — Nós somos os primogênitos da Terra, os únicos verdadeiros imortais. Se não protegemos a Grande Mãe e a vida que ela embala, quem poderia ou iria querer?

No entanto, ninguém mais se sentia da mesma maneira, Siri menos que tudo. Siri, de quem Ashra dependia para gerenciar as funções de engenharia, médica e científica de Malum Turris e Aeternae Noctis, aparentemente não acreditava mais na visão de Rohkeus para restaurar a Terra.



Muito pior, ela não tinha uma resposta para Siri, Tera e Elsker. Ashra estava disposta a caminhar pela eternidade, impulsionada pelo dever e pela memória de um amor perdido, mas como poderia sujeitar os outros ao mesmo?

Ela deu as costas aos três Icratharis. — Vou conversar com Lucas e verificar o progresso no último lote de humanos.

— E o que devemos fazer sobre Jaden? — Siri perguntou.

Ashra balançou a cabeça. — Ele terá que viver ou morrer por sua própria ingenuidade.

— Ele não vai conseguir —, disse Siri. — Mantivemos a cidade no século XVII, na torre, ele é um homem fora do seu tempo. Pense nisso, tecnologia artificialmente inteligente, identificação biométrica e dispositivos controlados remotamente. Ele nunca encontrará um caminho no século trinta e dois.

— O vigésimo segundo —, corrigiu Tera em voz baixa.

Siri arqueou uma sobrancelha.



— É o século trinta e dois —, admitiu Tera. — Mas não fizemos nenhum progresso real em ciência ou tecnologia desde o século XXI, desde o apocalipse.

Siri deu de ombros. — Não importa. Mais progressos foram feitos nos quinhentos anos anteriores ao apocalipse do que em qualquer era anterior a isso. Eu mantenho minha avaliação. Ele ficará preso na primeira porta trancada que encontrar.



No fundo das entranhas de Malum Turris, Jaden traçou o contorno da porta, diferenciado da parede apenas pelas costuras em torno de três de suas bordas. Que tipo de feitiçaria mantinha a porta fechada? Que magia os Icratharis usavam, e como ele, um humano, poderia esperar desafiá-los?

Em alguma parte distante de sua mente, as garras geladas de terror o invadiram, mas engoliu em seco contra seu



medo, ele não tinha escolha. Jaden respirou fundo, desacelerando conscientemente a respiração como uma defesa contra as batidas rápidas do coração. Ele deu um passo para trás. Não viu nenhum cilindro giratório como vira na cela, mas, a cerca de um metro e meio do chão, um quadrado de duas polegadas de vidro escuro estava embutido no batente da porta metálica. Ele abaixou-se para examinar. Linhas finas e vermelhas tremeluziam na superfície do vidro. Com o suave sussurro de aço contra aço, a porta deslizou para trás sem protestar.

Ele olhou, boquiaberto, para a porta aberta. Por que a magia o favoreceria?

Não importa. Tinha pressa. Precisava encontrar Khiarra.

As paredes eram frias ao toque, e o frio no ar percorria suas roupas. Com um braço em volta do estômago para acalmar os tremores e conter o sangramento de seus ferimentos, Jaden andou pelo corredor circular. Explorou todos os cômodos e encontrou suas espadas, que limpou e



embainhou nas tiras de couro presas nas costas.

O peso de suas armas o ancorou contra a beira agitada do pânico, enquanto procurava algo, qualquer coisa, para apontar o caminho para fora da torre. Era como se estivesse em um mundo diferente. O ar na torre era inodoro, até estéril, em comparação com os fedores e ruídos da vida que infundiam a cidade. Um zumbido baixo estremeceu através da torre, uma vibração tão intensa que fez o ar e o chão tremerem.

Necessidade crua em vez de curiosidade o empurrou. Sua exploração o levou a salas tão grandes que não podia ver a parede do outro lado, quartos envoltos em escuridão, exceto pelos pontos de luz amarela que emanavam em intervalos regulares das paredes.

Quando seus olhos se ajustaram à escuridão, pôde ver formas maciças, semelhantes a funil, cada uma tão alta quanto a catedral na praça da cidade. As máquinas estavam marcadas com fendas retangulares estreitas cortadas no metal,



lembrando-o dos exaustores do forno da cozinha. Os grandes tubos cilíndricos que emergiam do topo das máquinas interconectavam-se em um labirinto aéreo. Ele olhou para cima, mas o emaranhado de canos se perdeu na escuridão.

Nenhum humano poderia ter projetado máquinas tão inspiradoras.

Quem então fez isso? Um Icrathari?

Eles eram monstros, como os vampiros, predadores que atacavam humanos.

Seu olhar percorreu a sala. Parecia vazia. Ainda cauteloso, caminhou até uma das máquinas e espiou por uma fenda retangular. Lâminas largas e planas giravam, emitindo o agora familiar zumbido que permeava a torre. O núcleo da máquina brilhava em vermelho profundo ao forçar rajadas de ar condensadas através das aberturas de ventilação sob a máquina.

Mas sob... para onde? O que havia debaixo da torre?

Jaden reprimiu o lampejo de curiosidade, tinha que se concentrar. Estava



quase certo de uma coisa, teria que subir a torre para encontrar Khiarra.

Horas de busca não renderam nada, apenas exaustão. Ele encontrou um poço central que subia tão alto que desaparecia na escuridão, mas não havia nada que pudesse usar para acessar os níveis superiores. Jaden franziu a testa. Os Icrathari voavam, mas os vampiros eram tão terrestres quanto ele, tinha que haver uma maneira de escalar a torre. Ele virou-se e andou para frente. Seus pensamentos se voltaram para dentro. Se tivesse projetado uma torre em torno de um poço central, teria colocado uma escada sobre...

Um grande pilar quadrado ficava a vários metros do poço. Ele o confundira com outra estrutura fundamental, mas um exame mais minucioso revelou um painel quadrado de vidro escuro, semelhante ao que encontrara ao lado da porta selada.

Aqui.

Ele inclinou-se para olhar dentro do painel. Mais uma vez, as finas linhas vermelhas brilharam horizontalmente



através da superfície vítrea e toda a parede do pilar deslizou. O movimento foi lento e relutante, como se não tivesse sido aberto recentemente. Ele olhou para a escuridão. Seu coração disparou. Dentro do pilar, uma escada estreita terminava.

Ele foi até a abertura, aliviado e bocejando. A esperança avançou quando começou a subir.

Esperança o manteve quando os minutos passaram para uma rotina sem fim. O frio que invadia o ar, combinado com seus ferimentos, minou sua força. Ele parou várias vezes para descansar, afundando no chão frio, o peito arfando por causa dos esforços. A exaustão o atraiu até o colapso, mas o medo alojado em seu peito o levou a continuar. Ele tinha que encontrar Khiarra antes que os vampiros a matassem.

Apoiando-se na parede e colocando obstinadamente um pé na frente do outro, forçou-se a avançar. Depois do que pareceu uma hora de escalada extenuante, arrastou-se para um patamar selado por uma porta. Mais uma vez, ele abriu a porta espiando



pelo painel de vidro. Saiu para um corredor iluminado apenas pela luz saindo de uma sala no outro extremo. Um murmúrio baixo de vozes indistintas flutuou em sua direção.

Com cuidado para ficar fora de vista, ele pressionou contra a parede e avançou para olhar a sala. Painéis de luz branca iluminavam a grande sala, lançando um brilho pálido sobre os dez homens e mulheres que estavam deitados, aparentemente inconscientes, em camas estreitas. Tubos translúcidos finos, cheios de sangue, emergiram das veias sensíveis dos humanos e fluíram para máquinas de aço na cabeceira de cada leito.

Símbolos ininteligíveis dançavam nas telas das máquinas em um fluxo interminável de informações que parecia fazer sentido para o vampiro e o Icrathari que estavam de costas para Jaden. Os dois examinaram as máquinas, tocando ocasionalmente na tela, mas aparentemente se contentavam em assistir à mudança dos dados.



— Espero que o último lote de humanos sobreviva à transformação —, disse o vampiro. — Estou usando a mesma proporção de Icrathari para sangue de vampiro que usamos dois meses antes.

— Quando você conseguiu transformar o lote inteiro pela última vez? — o Icrathari perguntou.

Jaden ficou tenso. Aquela voz, sensual e baixa, era como cetim preto enrolado em uma lâmina afiada. Ashra.

O rosto dela, mais sonho que memória, brilhou em sua mente. Por cinco anos, desde o nascimento de Khiarra, ele sonhava com ela, uma mulher esbelta dançando sob a luz da lua crescente. Ondas de cabelos prateados emolduravam um rosto de beleza etérea. Seus olhos dourados brilhavam, gentis com amor e doce humor, enquanto ela o olhava.

Nos seus sonhos, ele não tinha visto as asas negras de morcego.

No entanto, essas asas fizeram toda a diferença do mundo.



Uma Icrathari. Eu tenho sonhado com uma Icrathari. Ele recuou mental e emocionalmente, mas a curiosidade amorteceu sua repulsa instintiva. *Porque ela?*

Na sala, o vampiro assentiu em resposta a Ashra. — A Siri continua tentando aumentar a concentração de sangue Icrathari para fortalecer os vampiros que criamos, mas os humanos não podem mais lidar com o sangue Icrathari em volumes significativos. Estou diluindo na proporção de uma a cem e, mesmo assim, pode haver um sucesso ou um fracasso.

Ashra balançou a cabeça. — Quão mais fracos são os vampiros agora em comparação com os primeiros dias de Aeternae Noctis?

O vampiro deu de ombros. — Impossível quantificar. A manutenção de registros não é a força de um Icrathari, e nunca houve vampiros anciões desde antes do apocalipse.

— Nós os criamos —, disse Ashra.

— Os vampiros mais velhos que perdem a cabeça e se tornam imortais não contam.



Ashra assentiu, aparentemente concordando.

— Pelo menos o julgamento manteve a cidade segura da fúria insana de um imortal —, continuou o vampiro. Ele balançou a cabeça. — Eu sei que precisamos de vampiros mais fortes, mas estou inclinado a concordar com Elsker. Os humanos não podem mais tolerar transfusões completas de sangue puro de Icrathari, a transformação requer maior força mental e vontade do que os humanos hoje possuem.

Ashra desviou o olhar. Suas asas de couro agitaram contra as costas pequenas. — Estamos travando uma batalha perdida, Lucas? — Ela perguntou, sua voz calma.

— Talvez —, disse Lucas. — Mas você está lutando há mil anos. — Ele riu. — Por que parar agora?

Ashra riu, o som como sinos prateados. — É verdade. Obrigado pelo que você faz. — Ela afastou-se de Lucas.

Jaden se pressionou contra a parede ao lado da entrada. Ele prendeu a respiração,



mas seu coração batia forte. Procurando não fazer barulho, ele puxou uma lâmina.

Ashra saiu da sala, seu rosto minúsculo sereno e adorável. A bainha irregular de seu vestido de chiffon branco roçou suas panturrilhas. Seus pés com sandália não faziam barulho contra o frio piso de metal.

Ele pulou. Jaden passou o braço em volta do pescoço esbelto e a puxou contra seu peito, segurando a ponta da lâmina no pescoço dela.

Ela não reagiu. Na verdade, ela nem pareceu surpresa.

A confusão passou por Jaden, mas seu aperto em volta do pescoço dela aumentou. — Onde está minha irmã?

Sua voz não era mais alta que um sussurro, mas o vampiro Lucas apareceu no limiar. Seus brilhantes olhos azuis examinaram a cena com um interesse moderado, e um lampejo de sorriso apareceu em seus lábios. — Ashra?

Ela bateu os dedos no vampiro, dispensando-o.

Lucas deu de ombros e virou-se.



Com um movimento sinuoso, Ashra desvencilhou-se das garras de Jaden e virou-se para encará-lo.

Atordado, ele olhou para as mãos vazias antes de levantar o olhar. Os olhos deles se encontraram.

Ela balançou a cabeça, avisando-o contra uma tentativa tola de recapturá-la. Ela não sorriu, embora seus olhos dourados brilhassem com diversão zombeteira. — Vou levá-lo até sua irmã.

Tinha que ser uma armadilha.

Os olhos dela se estreitaram. — Guarde sua espada. Você não pode me machucar e só vai me irritar se tentar.

Sua mão esquerda fechou-se em punho. Rangeu os dentes. Ele poderia confiar em um monstro?

Que escolha tinha? Seu coração apertou-se. *Khiarra.*

Lentamente, endireitou-se e guardou a espada na bainha.

Ashra deu as costas para ele e afastou-se, claramente esperando que a seguisse. Ela o levou para longe de Lucas e dos humanos



que pairavam à beira de se transformar em vampiros.

— Como você conseguiu encontrar o caminho até aqui? — Ela perguntou.

Ele checkou o ritmo para acompanhar o passo mais curto dela, e a olhou com um olhar incerto do que dizer ou se deveria responder.

Ela parou em frente à porta do outro lado do corredor e olhou para ele. — Então?

Sua testa franziu. *Que tipo de jogo estava jogando?*

Ela cruzou os braços sobre o peito. Uma sobancelha fina se arqueou.

Ele inclinou-se para olhar o painel de vidro ao lado da porta. Como tantas vezes antes, a porta se abriu.

O riso de Ashra soou novamente, musical e sedutor. — Mas é claro. — Suas asas de couro abriram-se e bateram, erguendo-lhe um pé no ar para que ela pudesse olhar diretamente para o rosto dele. — Que olhos lindos. — Uma risada espreitou em sua voz. O som era intoxicante, tão hipnotizante quanto o beijo dela.



Ele não conseguia desviar o olhar dos olhos dourados dela, onde a sabedoria antiga se misturava com profunda tristeza. Algo mais permaneceu naquelas profundezas insondáveis. Ele não podia nomear à emoção, mas já a tinha visto antes, estava certo disso.

Seus lábios abriram-se como se uma palavra tremesse à beira de ser dita.

Ele a cortou. Talvez fosse um covarde e um tolo, mas não ousou ouvir a voz que era mais sedutora que a de uma sirene. — O que você é? Demônio? Anjo?

O queixo dela levantou-se. O momento da vulnerabilidade desapareceu. — Eu sou uma Icrathari, a mais velha da minha espécie. — As asas dela dobraram contra as costas, e ela pousou silenciosamente. De costas para ele, passou pela porta e caminhou até o poço central. O olhar que lançou por cima do ombro era ao mesmo tempo travesso e zombador.

Ela achava que era tão estúpido a ponto de confiar nela com sua vida?



Por outro lado, como poderia recuar de um desafio tão flagrante?

Ele caminhou até ela, encontrou seu olhar e assentiu.

Os olhos dela se arregalaram. Um fantasma de um sorriso brincou em seus lábios. O braço dela serpenteava em volta da cintura dele, agarrou-o com força e pulou no poço.

A onda de vento arrancou um grito de sua garganta. Ele fechou os olhos com força até ouvi-la rir, baixa e macia. Forçando-o a abrir os olhos, percebeu que tinha um aperto mortal no outro braço dela.

Suas asas queimaram e seu peso mudou. Eles desviaram através do poço em direção a um patamar aberto. Os pés de Jaden atingiram o chão primeiro, o impacto foi suave. Ashra pousou ao lado dele. Ela o soltou e avançou como se ele não tivesse importância. Suas asas se esticaram antes de dobrar contra suas costas. — Por aqui —, disse sem olhar por cima do ombro.

Ela o levou pelo corredor e parou em frente a uma porta selada. Ficou na ponta



dos dedos dos pés e inclinou-se perto do painel de vidro. Depois de um momento, a porta deslizou. Ela deu um passo para o lado e acenou para ele ir à frente dela.

Jaden lançou um olhar de soslaio para Ashra e a precedeu no quarto. Ele parou, inalando bruscamente. Ele esperava uma pequena cela, não uma sala que se estendesse até onde seus olhos pudesse ver. Tubos compridos, cada um um pouco mais alto do que Ashra, estavam empilhados um sobre o outro como ervilhas em uma vagem. Corredores estreitos separavam as fileiras de tubos. O ar era frio, muito mais frio do que no resto da torre.

Seus passos ecoaram, suaves e desagradáveis como um sussurro na igreja.— Que lugar é este? — Perguntou.

— Chamamos de arca —, respondeu Ashra.

Ele roçou os dedos levemente contra a superfície de vidro fosco de um tubo. A fina camada de gelo derreteu ao seu toque para revelar o rosto de uma criança, os olhos fechados, flutuando em um líquido



translúcido. Ele tropeçou de volta. — O que é isso? Essa criança está?

— Em hibernação, não morta. — Os dedos de Ashra deslizaram sobre a superfície do recipiente, seu toque gentil, como se acariciasse o rosto da criança.

O olhar dele mudou. A sala continha milhares e milhares de tubos. — Foi isso que você fez com as crianças que tirou de nós? Você as armazenou como comida?

Ashra revirou os olhos. — Oh, por favor. Por que nós as comeríamos? Elas não são particularmente saborosas. Icrathari são imortais, não precisamos de sustento.

— Mas os vampiros são bebedores de sangue.

— Os vampiros são quase imortais. O único momento em que precisam de alimento é para curar-se de ferimentos, e nesses momentos, eles precisam de sangue forte para curar, sangue de vampiro ou Icrathari, sangue humano não atenderia às suas necessidades.

— Então por que levar as crianças?



— Porque há muitos de vocês. Aeternae Noctis não pode suportar todos vocês.

— Então você as abate?

Ashra levantou o queixo. — Sim. Aqueles com genes e linhagens fortes deixamos para trás e permitimos a reprodução. Aqueles com linhagens mais fracas tomamos.

Sua testa franziu. — Mas você não as mata.

— Não temos motivos para matá-los. A cidade não pode sustentar um número crescente de seres humanos, mas congelada criogenicamente, as crianças não ocupam recursos adicionais, além do espaço.

— Crio...

— Congeladas criogenicamente em cápsulas vitais, seu crescimento fica suspenso.

— E então o que?

— Eles dormem, esperando.

— Pelo quê?

Ashra passou o dedo por uma das cápsulas de vida, deixando um rastro claro através do invólucro gelado. — Algum dia,



poderemos encontrar uma maneira de sustentar mais pessoas aqui na cidade, ou quando o planeta estiver pronto para nós novamente, devolveremos os filhos aos pais.

— Mas você leva nossos filhos há mil anos. Há milhões de crianças aqui?

— Não. Quando ficamos sem espaço, eliminamos seletivamente as crianças cujos pais faleceram e cujas famílias se foram.

— Como?

Ashra virou-se para um console iluminado. Palavras fluíram sobre a tela. Seus dedos bateram no console. Um único casulo brilhava, destacando-se dentre os outros que ainda estavam lançados na escuridão. A mão dela pairava sobre o console, mas não tocou no botão vermelho.

— Nós alteramos os nutrientes no casulo selecionado. A criança transita do sono para a morte sem acordar e os ácidos liquefazem o corpo.

Os olhos de Jaden se arregalaram. — E depois?

— E então os restos são reciclados. —

— No que?



— No solo. Em seus campos e florestas —, respondeu Ashra. — Não desperdiçamos, não podemos.

— O que? Você tem usado nossos filhos para fertilizar a terra? — Ele agarrou seus braços e a sacudiu com força. — O que você é, um monstro?

— Eu sei que você gostaria de pensar assim —, ela respondeu. — Mas não somos nós quem devem temer.

Não, ela não era. Ela era a mulher que dançava através de seus sonhos, seu rosto deslumbrante inundado de prazer enquanto fazia piruetas impecáveis com a música que só ela podia ouvir. Nos sonhos dele, o sorriso dela era convincente, o riso contagiante. Os olhos dela eram gentis com amor.

Não eram esses frios olhos dourados que agora o encaravam.

O que mudou em você? Ele reprimiu a pergunta e, em vez disso, examinou a variedade de vida. — Onde está Khiarra?

Os dedos dela dançaram sobre o teclado. Uma cápsula diferente brilhava.



— Solte-a —, disse ele.

Ela fez uma careta. Por um breve momento, sua mão pairou sobre o botão vermelho e depois moveu-se em direção a outro botão. Ela bateu levemente e digitou mais alguns comandos no console. Um braço robótico desceu do teto e extraiu a cápsula de sua coluna antes de abaixá-la no chão. A metade superior da cápsula abriu-se.

Jaden lançou a Ashra um olhar suspeito. Ele correu em direção à cápsula aberta. Khiarra estava nua, com os braços ao lado. Ela estava imóvel e sua pele estava fria ao toque. Seu coração se contraiu. Ela estava realmente apenas dormindo? Talvez eles tivessem calculado mal.

— Ela precisará de alguns minutos para acordar —, disse Ashra. — Há toalhas e aventais lá. — Ela virou o queixo em uma fileira de prateleiras perto do chão.

— Por que você tem toalhas e avental aqui?

Ashra desviou o olhar. — Às vezes, devolvemos as crianças.



— Quando?

— Quando achamos que é a coisa certa a fazer.

Uma memória apareceu. Os olhos de Jaden arregalaram-se. — William foi devolvido. Três anos atrás, depois que seu irmão mais velho foi morto em um acidente de barco no rio, seus pais encontraram William em sua cama, não mais velho do que ele no dia em que foi arrebatado pelos vampiros. Você o mandou de volta para os pais dele.

Ashra deu de ombros. — Necessidade. Sem o irmão, a criança tinha que continuar a linhagem. A diversidade genética é tão importante, talvez até mais, que a excelência genética.

Que tipo de monstro era esse que matava crianças por falhas genéticas e depois as devolvia aos pais em luto? Ele pegou toalhas e uma bata da prateleira, levantou Khiarra do líquido viscoso e a secou com uma toalha, tentando colocar calor de volta em seu corpo.



Os cílios de Khiarra tremaram. Ela abriu os olhos e olhou para ele. Seus olhos se fecharam novamente, quando ela suspirou. O som aliviou a preocupação de seu coração, embora estivesse letárgica e seu corpo ainda estivesse frio ao toque. Ele puxou uma bata sobre a cabeça dela, enrolou-a em uma toalha seca para se aquecer mais e a abraçou.

Ele virou-se para Ashra. — Como volto para a cidade?

O sorriso de Ashra não alcançou seus olhos. — Por quê?

— Vou levá-la para casa.

— E se eu te disser que seus pais estão mortos?

A respiração de Jaden ficou presa. Ele rangeu os dentes contra a onda de tristeza. Seu aperto aumentou ao redor do pequeno corpo de sua irmã. — Então ela é meu fardo —, disse ele sem hesitar. — Ela está destinada a terminar a noite eterna.

Ashra acenou com a mão, o gesto cansado. — Ela é muito bem-vinda ao seu



destino, se ela tirar os humanos de nossas mãos no processo.

Jaden balançou a cabeça. — Eu não entendo. Você nos oprimiu por séculos. Precisa de nós para sustentá-los...

— Entenda uma coisa, humano. Sob nenhuma circunstância precisamos de você. Por um milênio, fomos sobrecarregados com vocês. Os vampiros que criamos foi por necessidade. Tudo o que fizemos, foi por necessidade e um dever ingrato. Você quer sua irmã? Leve-a e vá embora. O destino dela está em suas mãos. Suas asas se abriram e bateram, elevando-a no alto, fora do alcance dele.

Ele olhou para a estranha Icrathari que despertou emoções nele que não estava preparado para abordar, que respondeu suas perguntas com declarações que evocavam mais perguntas, a Icrathari cujo rosto havia assombrado seus sonhos por cinco anos, um rosto que finalmente tinha nome. — Ashra...

Seus ombros moveram-se em um encolher de ombros desdenhosos. — Fuja,



Jaden. Se puder, retorne à sua pequena vida, ao seu pequeno mundo. Você não tem lugar no meu.



Ela está destinada a terminar a noite eterna.

Ashra bufou. Ela tentara alcançar o humano, preencher a lacuna como Siri chamava, mas obviamente tudo em que ele conseguia pensar era na profecia, aquela que significava condenação para Icratharis, vampiros e humanos.

Ela desviou o rosto, não querendo vê-lo fugir com a irmã nos braços.

Ele era humano e, quando estava acordado e consciente, não se lembrava da alma preciosa nem das lembranças que carregava por dentro. Ele não tinha lugar no mundo dela.

Ela teve que deixá-lo ir embora, por um momento, ele parecia escutar. Ele havia questionado, havia desafiado. As perguntas



costumavam ser o começo da compreensão, mas no final ele afastou-se.

Ele não olhou para trás.

Ashra lançou um olhar por cima do ombro. O queixo dela ergueu-se, embora sua alma doesse. Ela não podia deixá-lo ir embora. Ela não podia dar as costas para ele sem saber que porção da alma de Rohkeus havia se concretizado em seu frágil hospedeiro humano.

Como ele se sairia diante da verdade da Terra em ruínas? Ele teria forças para sobreviver à revelação e vontade de prosperar em circunstâncias alteradas?

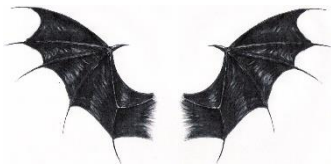
Quanto de Rohkeus Jaden possuía?

Ela tinha que saber.

Não estamos prontos. Amaldiçoar você, Jaden, e amaldiçoar a alma inestimável que você carrega. Eu nunca teria lhe dado uma chance caso contrário.



Capítulo 6



O corpo de Jaden deveria ter cedido horas antes, mas a força de vontade e a necessidade motriz de proteger sua irmã o mantiveram. Felizmente, o esforço físico o impediu de se debruçar sobre a agitação emocional provocada pelos Icratharis. Respirando pesadamente, com o coração disparado pelo esforço de ultrapassar os ferimentos, Jaden emergiu da escada para o nível mais baixo de Malum Turris. O embrulho em seus braços se mexeu.

Ele caiu contra uma parede. Os grandes olhos azuis de Khiarra piscaram para ele. — Eu posso andar.

Ele colocou sua irmã no chão, mas a apoiou até ter certeza de que ela poderia suportar suas próprias forças.



Ela não balançou. Na verdade, ela estava mais firme do que ele. Ela olhou em volta dele. — Onde estamos?

— Malum Turris.

Os olhos dela se arregalaram e um sorriso de medo se espalhou pelo rosto. — Estamos na torre? — Ela olhou para a bata de linho e puxou o material grosseiro com óbvio desgosto. — O que é isso?

— Pergunte-me depois e fique perto de mim. Temos que voltar para a cidade. — Com Khiarra ao seu lado, ele vasculhou cada quarto no nível do labirinto. Ele abriu todas as portas lacradas que espreitava olhando o painel de vidro que agora percebia ser algum tipo de sistema de segurança.

A boca de Khiarra se abriu na primeira vez que a porta se abriu. — É Mágica.

Jaden olhou para sua irmã. Sua mente girou, as palavras de Ashra se fundiram com as maravilhas de um mundo que ele nunca havia percebido que existia além da cidade de Aeternae Noctis. *Não, é tecnologia, tecnologia que os Icrathari nos mantiveram*



longe. O que mais eles nos negaram? Eles também esconderam o mundo de nós. Não há outra razão para nos prenderem na cúpula a não ser para satisfazer suas necessidades.

Exceto que Ashra dissera o contrário.

Você acreditaria na senhora demoníaca dos vampiros? Por mil anos, eles roubaram nossos filhos.

Mas devolveram os filhos, alguns deles. Os outros dormem, eternamente jovens.

E outros são expurgados, seus corpos despojados em suas essências básicas para nutrir as flores.

Como poderia tanta luz residir nas trevas, tanto bem entrelaçar com o mal?

Ele rosnou baixo na garganta, virou-se e bateu a palma da mão contra uma parede. *O que você é Ashra? Demônio ou anjo?*

—Jaden.

Ele virou-se e viu Khiarra parada ao lado de uma abertura selada no chão. Sua testa franziu. A cidade ficava ao redor da torre, não embaixo dela, mas os dedos pequenos de Khiarra já estavam batendo no console



ao lado da abertura. O chão se afastou e a escuridão os saudou. — Volte, Khiarra.

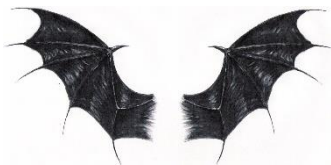
Era tarde demais. Ela gritou, caindo.

Ele mergulhou atrás dela. Seu maior peso lhe permitiu alcançá-la, e ele a puxou para seus braços. Seu pequeno corpo estremeceu contra o dele, seu grito arrancado pelo vento. Ele virou-se para que suas costas recebessem o impacto de qualquer patamar, embora na escuridão ele não pudesse dizer quando o patamar chegaria.

A julgar pela distância em que estavam caindo, ele tinha certeza de que não sobreviveriam.



Capítulo 7



Jaden fechou os olhos e segurou Khiarra com força. Ele se preparou para o impacto, mesmo sabendo que seus esforços eram inúteis. Khiarra morreria, ele falhou.

Braços poderosos agarraram ele e Khiarra. Seus olhos abriram-se e olhou para um rosto bonito e pálido com olhos dourados. — Ashra.

Suas asas de morcego eram invisíveis na escuridão, sua batida poderosa sem som contra o rugido de Aeternae Noctis enquanto ele passava por cima.

Atordoadado, Jaden olhou para o lado de baixo da cidade, uma vasta folha de metal, sua superfície lisa marcada por cilindros maciços que jorravam jatos de ar quentes e potentes, sustentando a cidade no alto, a trinta metros acima do solo.



Não, isso era impossível. Aeternae Noctis foi construído no terreno. Quantas vezes ele pressionou contra o vidro, olhando as vistas magníficas e imutáveis do lado de fora da cúpula, cenas de montanhas cobertas de neve se elevando sobre prados verdejantes e florestas de pinheiros?

Aeternae Noctis não era uma cidade pairando acima da Terra, constantemente em movimento.

Ele olhou para a cidade abobadada, que corria em direção ao oeste.

Mas era...

Com a mandíbula frouxa, ele olhou para Ashra. Seu pulso palpitava enquanto sua garganta estava apertada, as palavras perdidas, enterradas pela descrença.

O rosto da Icrathari não tinha expressão. Seu silêncio carregou uma repreensão mais alta que palavras quando os abaixou suavemente no chão.

A boca rosa de Khiarra abriu-se em um sorriso. — Você é bonita.

Sim ela é. Jaden olhou em volta. — O que é este lugar? — Ele deu alguns passos à



frente. Poeira e areia giravam em torno de seus pés. Ajoelhou-se e colocou a mão no chão ressecado. Linhas irregulares estalavam na terra cozida. Não havia vegetação, nenhuma que ele pudesse ver. O céu estava limpo e sem nuvens, o arco da lua visível.

Ele estremeceu tanto contra o frio do ar quanto o gelo que se alojava dentro.

Nada. Não havia nada.

— Estamos no inferno? — Ele mal reconheceu sua voz trêmula.

Ashra balançou a cabeça. — Esta é a Terra, o que restou dela.

— Não, a Terra é verdejante...

Ashra deu de ombros, o movimento indiferente. — O que você viu é uma imagem holográfica projetada da torre. Não tínhamos como tirar suas lembranças da Terra. Os humanos murchariam sem esperança.

— O que aconteceu?

Ela chutou o pé de sandália, traçando padrões no chão. — Mil anos atrás, os humanos travaram sua última guerra. A tecnologia deles se destruiu. A arma



suprema deles danificou a atmosfera. Ela olhou para cima, seus olhos dourados tristes.

— O sol, a fonte da vida, trouxe a morte. Queimou tudo em seu caminho. A única segurança foi encontrada à noite.

— Mas isso não explica isso. — Jaden acenou com a mão para a cidade envolta em cúpula, pairando acima do solo, seus motores funcionando.

— Quando os humanos começaram a guerra final, Rohkeus viu sua destruição. Ele projetou Aeternae Noctis, e transformamos humanos em vampiros aos milhares, recrutando-os para trabalhar duro para construir a cidade. — Ela deu as costas para ele, aparentemente perdida em lembranças. — Ele os dirigiu com força, às centenas, eles morreram de exaustão, mas a cidade foi construída e abastecida poucas horas antes do planeta começar a morrer.

— Abastecida?

— Com humanos e com as amostras genômicas de todas as espécies possíveis de animais e plantas, conseguimos salvar, mas,



por todos os nossos esforços, economizamos apenas uma fração, menos de quinze por cento das espécies conhecidas. O resto pereceu, tanto quanto sabemos.

— Não há nada vivo por aqui?

— Nada que você queira encontrar, humano —, disse ela com um sorriso de escárnio.

— E tem sido assim há mil anos?

Ela olhou em volta. — Melhorou. De acordo com os estudos de Phillip, o ar está respirável agora e não é tão frio quanto à noite. Com o tempo, talvez vocês, humanos, possam retornar ao seu planeta, e nos livraremos desse fardo.

— Não há alegria em sua responsabilidade?

Ela olhou incisivamente para Khiarra. — Existe na sua?

Ele olhou para sua irmã de olhos arregalados, que estava encarando Ashra com reverência. — Sim, quando há amor, pode haver mais do que o tédio do dever.



Ela encolheu os ombros. — Bem, você queria se libertar de nós e agora está livre. Aproveite sua vida, Jaden Hunter. Você tem duas horas até o nascer do sol.

— Ashra, espere. Droga. — O poderoso bater de asas engoliu sua maldição. Ashra desapareceu, um traço pálido de prata contra o céu noturno. *Por que nos salvar do outono se você vai nos deixar morrer?*

Khiarra puxou suas calças. — Jaden, eu estou com medo. Onde estamos?

— Fora do paraíso. — Ele a levantou. — Teremos que encontrar abrigo antes que o sol nasça.

O brilho da lua oferecia luz suficiente para ver, e Jaden podia distinguir os penhascos rochosos ao longe. Era difícil avaliar a que distância estavam, mas estavam sem opções. Ele ergueu Khiarra para que ela pudesse montar em suas costas. Os braços pequenos dela envolveram o pescoço dele. — Segure-se.

Ela gritou de alegria. — É como uma corrida de cavalos ao redor do lago Spiritus.

Ele riu. — Sim, é.



Ele carregou Khiarra que era leve e correu a noite toda. O ar frio sacudiu o suor de seus esforços, embora seus músculos tremessem, exaustos. Quando ele aproximou-se, o contorno dos penhascos rochosos mudou de foco. Como os dentes de um predador, eles cortavam a tela do céu. Ele lançou um olhar para o horizonte. Brilhava laranja. O calor irradiava do leste. Eles estavam quase sem tempo.

Ele olhou para o rosto de pedra pura. Os apoios para as mãos eram poucos e distantes entre si. Gentilmente, ele deu de ombros a Khiarra e a colocou em uma fenda. — Fique aqui. Vou em frente para encontrar um caminho seguro e um lugar para me esconder. Volto para você.

Ela olhou para ele. — Não me deixe.

— Eu voltarei.

Khiarra pressionou a boca em uma linha fina, mas não conseguiu esconder o tremor dos lábios.

Ele acariciou a cabeça dela e, em seguida, com um salto, subiu pela face da rocha. Seu olhar procurou à frente por



bordas para usar como pontos de apoio, mas havia muito poucos. Muitas vezes, tinha que pressionar as palmas das mãos contra a superfície e inclinar-se para obter um ponto seguro. Com os dentes cerrados, ergueu-se na rocha, lutando por cada centímetro conquistado com muito esforço. Mãos sangrentas, ele se arrastou para o topo do penhasco. Ele caiu de cansaço por um momento e depois levantou a cabeça para examinar o ambiente. O topo do penhasco era tão estéril quanto o chão abaixo, mas havia uma caverna na parede norte. Seria protegido dos raios diretos do sol nascente e poente.

Isso manteria Khiarra a salvo enquanto o sol estivesse no céu. Então o que? E a água e a comida? O que ele poderia descobrir aqui que o sol não tivesse queimado?

Ele ajoelhou-se, mas o movimento foi interrompido quando uma figura pálida decolou da caverna, carregada por asas de morcego. Um Icrathari? Era um de cabelos curtos, não era Ashra, ele tinha certeza



disso, mas o que outro Icrathari estaria fazendo aqui?

Não o havia notado. Ele desapareceu rapidamente, voando em direção ao oeste, em direção a Aeternae Noctis.

Jaden levantou-se, estendeu a mão por cima das costas e desembainhou as lâminas. Ele apertou os dentes contra a dor aguda que ondulava em seu abdômen enquanto suas feridas abertas puxavam suas roupas. Movendo-se em silêncio, ele fechou a distância para a caverna. Ele não viu nada e não ouviu nada, mas por instinto levantou os braços, as lâminas cortando para fora. Um rosnado rasgou a escuridão quando o preto da caverna se afastou para revelar um demônio não mais alto que o Icrathari, mas mais hediondo onde o Icrathari era bonito. Sua pele estava rachada, enegrecida pelo sol, e seus olhos brilhavam em amarelo, não o ouro silenciado dos olhos de Ashra, mas em amarelo brilhante. Seu sorriso expôs presas.

Ele pulou em sua garganta.

Ele aparou o ataque. Sua lâmina deslizou através do estômago do demônio.



Sangue da cor do ouro pingava da ferida aberta. Os olhos do demônio se estreitaram, encolheu os ombros como se descartasse o ferimento.

Da escuridão da caverna, dois outros demônios emergiram. Com assobios de alegria maliciosa, eles se jogaram nele. Jaden girou, agachando-se sob suas garras cortantes. Seu treinamento intensivo permitiu-lhe sobreviver ao ataque inicial, apesar de seus ferimentos, mas ele gritou quando um deles rompeu suas defesas, arranhando suas costas com as garras, deixando-o de joelhos. O cheiro metálico de sangue encheu o ar.

Um dos demônios lambeu os lábios enquanto estudava Jaden com uma expressão de antecipação perversa.

Jaden levantou. Raios de dor pulsavam em sua espinha. Seus músculos das costas gritaram em protesto ao menor movimento, mas seu aperto aumentou nas lâminas. — Vamos. Eu não tenho a noite toda.

Com um escárnio, os três demônios atacaram. Ele lutou duas vezes, sua lâmina



cortando o braço de um demônio, mas o terceiro demônio deixou cortes sangrentos em seu braço esquerdo. Jaden amaldiçoou, condenando sua fraqueza. Sua mão esquerda estava quase inútil, os músculos danificados demais para manejar sua arma. Em vez disso, ele atirou a espada direita como uma adaga, perfurando a asa de um demônio, e depois transferiu a espada restante da mão esquerda para a direita. Ele havia machucado os três, pelo menos uma vez, mas os ferimentos não pareciam perturbá-los. Eles o rodearam, seus olhares atentos. Como se estivessem em acordo silencioso, os três se lançaram contra ele simultaneamente.

Ele abaixou-se, usando a lâmina para cortar o peito de um dos demônios. Ele caiu, gritando, mas os outros dois o atacaram, suas garras rasgando pele e carne. Dor, vermelho quente, passou por ele. Uma luz branca ofuscante flutuou através de sua visão, e então o ataque desapareceu. O peso sufocante de membros fortes foi retirado dele.



Perplexo, ele olhou para cima. Ashra havia agarrado os dois demônios pela nuca. Ela atirou um para longe dela e arrancou a cabeça do outro demônio antes de dirigir suas garras pelo estômago.

Quando o demônio que ela jogou fora se lançou em sua direção, ela o descartou tão facilmente quanto matou o primeiro. O terceiro demônio, ferido e confrontado por um Icrathari, fugiu, com suas asas de morcego carregando-o para o leste.

Jaden se arrastou na posição vertical. O medo percorreu-o. O brilho no horizonte era mais do que apenas um brilho. O nascer do sol não passava de minutos. Khiarra!

Ele pulou a beira do penhasco, meio deslizando, meio caindo, até o fundo. Khiarra correu para fora da fenda e se jogou nos braços dele. Ele reprimiu o gemido de dor. — Nas minhas costas, apresse-se e enrole a toalha sobre sua cabeça e corpo.

Ela colocou os braços em volta do pescoço dele quando ele começou a subir o penhasco. Seus dedos estavam escorregadios pelo sangue, o braço esquerdo gravemente



ferido para suportar o peso dele e o dela. No meio do caminho, ele escorregou, deslizando vários metros pela face do penhasco antes de pegar uma borda com a mão direita. Com os dentes cerrados, ele olhou para o leste. Ele estava sem tempo.

— Jaden, está quente! — Khiarra lamentou.

— Fique debaixo da toalha. — A pedra chiou sob seus dedos. Ele subiu mais alguns centímetros, mas a beira do penhasco parecia muito longe. Sua pele queimava, descascando para revelar carne vermelha e crua.

O peso de Khiarra nas costas rasgadas desapareceu. — Jaden! — Ela gritou, sua voz vindo do alto.

Ele olhou para cima, seus olhos se estreitaram contra a luz brilhante. Ele mal conseguia distinguir Khiarra agarrada por um Icrathari. Juntos, eles desapareceram por cima da borda. Ashra tinha levado Khiarra para a caverna? Ele orou que sim.

Sua pele ardendo pela sua carne escaldante. Impulsionado além da dor,



Jaden abriu caminho por cima da borda. Uma força poderosa o pegou. Ele conteve o grito de agonia com o contato. Numa agitação de asas batendo, a luz deu lugar à escuridão. O calor punitivo esfriou o suficiente para ele perceber quanta dor estava sentindo.

Ele levantou a cabeça, lutando para focar sua visão embaçada. Khiarra se amontoou na escuridão, entre duas pedras. Pés brancos com sandálias passeavam na frente dele.

— Idiota. — A voz de Ashra cuspiu uma maldição.

Ele levantou-se e tropeçou na direção de Khiarra. — Está tudo bem —, ele sussurrou, a língua pesada na boca, as palavras distorcidas.

A mão de Ashra apertou seu braço não ferido. — Sente-se antes de desmaiar.

O olhar dele caiu no braço dela. Sua pele pálida estava avermelhada das pontas dos dedos até os ombros expostos. Seu vestido branco parecia chamuscado em alguns lugares, como se estivesse muito



perto do fogo. Ele pegou a mão dela. —
Você está machucada.

Ela voltou seu olhar de ouro para ele. —
E você é louco.

O que? Ele balançou sua cabeça. O pensamento claro exigia mais esforço, mais energia do que seu corpo poderia poupar. Ele concentrou-se nela, mas não havia água, nem ervas, nada que ele pudesse usar para tratar as queimaduras. O desamparo, pior que a dor, levantou-se, sufocando-o.

— Você viu o Icrathari? — Ela respondeu à pergunta concisa.

Ele assentiu.

— Descreva-o.

— Muito rápido...

— Mas era um Icrathari.

Ele assentiu. — Cabelo curto...

Ela puxou a mão da dele e deu as costas para continuar seu ritmo inquieto.

Jaden encostou-se na parede da caverna e cambaleou em direção à entrada. Ele levantou a mão para proteger os olhos da luz do sol. A cada passo, o calor passava de opressivo para intolerável. Ele estremeceu,



engolindo em seco, com saliva, e afastou-se da entrada o suficiente para achar que podia aguentar o calor. Lentamente, com a dor deixando trilhas de fogo ao longo de sua espinha, ele caiu no chão, esticando o corpo em frente à entrada da caverna. A escuridão rastejou sobre sua visão e o arrastou para dormir.



Idiota.

Ashra tinha que inventar um insulto mais inventivo. A palavra “tolo”, embora apta, estava se desgastando após repetidas aplicações. Ashra era antiga e imortal, mas ele estava preocupado com as queimaduras solares dela, enquanto aparentemente cego para o fato de que sua pele havia descascado de sua carne. Ele segurou a mão dela, aparentemente procurando maneiras de acalmar sua queimadura, enquanto desatento ao braço aleijado, rasgado e o fato



de que estava lentamente sangrando até a morte.

Ferido e morrendo, ele se deitara bem na entrada da caverna. Qualquer um que tentasse entrar na caverna teria que passar por ele. Ele realmente achava que precisava de sua proteção? Idiota.

Havia aquela palavra novamente.

Em um silêncio aborrecido, ela viu os olhos dele se fecharem e suas respirações erráticas se acalmarem, se aprofundando. Ele deve ter perdido a consciência. Ela rangeu os dentes contra a pontada inesperada no peito. O sono aliviaria sua dor e o levaria à morte.

Culpa e raiva lutavam pela vantagem.

Ela não deveria tê-lo testado. Qual foi a ingenuidade e determinação de um homem contra o inevitável calor do sol? Ela não deveria ter deixado ele. Ela não deveria ter voado muito acima da Terra, observando-o, confiando em sua velocidade superior para devolvê-la ao seu lado, se necessário.

Ela chegara tarde demais. Ela não havia previsto a presença dos Daevas. Ela não



contava com ele arriscando sua vida retornando para sua irmã.

A garota se arrastou para frente. — Jaden?

Ashra lançou à criança um olhar indiferente. Que quantidade absurda de esforço foi dedicada a salvar a garota. — Você vale a pena? — Ela perguntou, sem esperar uma resposta.

Khiarra mordeu o lábio inferior e se encolheu contra a parede. Uma única lágrima escorreu por sua bochecha quando ela olhou em direção ao irmão. — Ele vai ficar bem?

Ashra ouviu, sua respiração diminuindo, cada uma pegando em seu peito. Ela contou os momentos entre cada um. Jaden estaria morto dentro de uma hora, certamente não mais. Ela deu as costas para ele. Ficaria presa com um cadáver e uma criança chorona por quase 12 horas, até o sol se pôr de novo e fosse seguro para ela sair da caverna.

Idiota.



Por que ele lutou com os Daevas?
Como um humano poderia lutar contra um imortal e sobreviver? E por que voltou para sua irmã quando deveria ter ficado em segurança na caverna? Vendo sua pele nítida e esfolada sob os raios punitivos do sol...

Ashra olhou para os punhos cerrados. Ela fechou os olhos com força contra a memória que queimara em sua psique.

Parecia demais ver Rohkeus queimar.

Um leve puxão na bainha do vestido a trouxe até o presente. Pequenos dedos envolveram seu punho. Os músculos de seu braço se contraíram, em parte para impedir que batesse na criança, mas também para relaxar e ceder.

Khiarra não foi embora. Sua mão pequena acariciou o punho de Ashra, o toque gentil e terno, como uma criança convencendo um animal de estimação aterrorizado a emergir de seu esconderijo debaixo da cama.

O toque e a emoção sentida por trás dele perfuravam os sentidos imortais de



Ashra, mas ainda assim, ela não olhou para a criança.

A voz de Khiarra tremeu. — Eu amo meu irmão. Por favor, ajude-o.

Os ombros de Ashra caíram com um suspiro. *Não posso ajudá-lo. Meu sangue o envenenará.* Sua conversa com Lucas repetiu em sua mente. — Os humanos não são mais fortes o suficiente.

— Meu irmão é forte —, pediu Khiarra. — Só um pouco, por favor?

Um pouco?

Ashra olhou por cima do ombro. Os humanos foram transformados em vampiros, drenando todo o seu sangue e substituindo-o por uma mistura de sangue de vampiro e Icrathari. Jaden nunca sobreviveria a uma transfusão completa de puro sangue Icrathari, nenhum ser humano tinha desde o apocalipse, mas e se ela não o drenasse? E se ela lhe desse algumas gotas de sangue Icrathari em vez de substituir todo o dele pelo dela?

O pior cenário era improvável. Uma transfusão completa de sangue puro de



Icrathari transformaria um humano em um vampiro mais velho, o primogênito de um Icrathari, somente nos dias de hoje eram chamados de imortais, os párias imortais, enlouquecidos pela infusão de poder bruto. A probabilidade de Jaden se transformar em um imortal era pequena, com apenas algumas gotas de sangue.

Além disso, mesmo que o pior acontecesse, que chance um imortal recém-nascido enfrentaria contra o mais velho e o mais forte dos Icrathari? Se ele mostrasse algum indício de loucura, ela o quebraria e o estriparia, fragmentando sua vida e sua alma, pré-requisitos para matar imortais verdadeiros, como Icrathari e Daevas, libertando o espírito de Rohkeus mais uma vez.

Ashra puxou a mão da de Khiarra e, para sua surpresa, sentiu a perda de seu calor. Ela lançou um olhar estreito para a criança, mas os olhos azuis de Khiarra estavam arregalados, a expressão suplicante, esperançosa. A Icrathari deu as costas a Khiarra e ajoelhou-se para pegar Jaden em



seus braços. Ele parecia não pesar nada. A pele dele estava pegajosa e o batimento cardíaco trêmulo deslizou contra o peito dela.

Com uma unha, ela cortou o pulso e o segurou acima da boca dele, contando as gotas douradas que escorriam pelo braço e pingavam na boca dele. Muito pouco não forneceria ajuda, muito mataria. *Cinco gotas. Seis. Vamos, Jaden. Sete. Oito. Dê-me um sinal. Nove. Dez...*

Sua garganta trabalhou. Ele respirou instável, seu peito arfando pelo esforço. Os olhos de Jaden se abriram.

Ashra puxou o pulso para trás e pressionou a mão na ferida aberta.

Ele arqueou, as mãos arranhando a garganta como se estivesse envenenado. Seus olhos estavam tão dilatados que pareciam quase pretos na penumbra da caverna.

Oh, abençoado Criador, ele estava se transformando, enlouquecendo. Ela tinha que matá-lo antes...



Khiarra passou por ela e agarrou as mãos de Jaden. — Está tudo bem, Jaden —, ela cantou, sua voz embargada de lágrimas. — É o anjo. Ela te deu remédio. Ela está tentando ajudar. Você vai ficar bem.

Seu olhar mudou e fixou em sua irmã. Os lábios dele tremeram. — Khiarra? — Seus olhos passaram rapidamente pelo ombro de Khiarra para se concentrar em Ashra. — Anjo?

— Sim, ela é linda e boa. Ela é um anjo. Ela salvou nossas vidas.

Ashra não teve coragem de corrigir Khiarra. Além disso, sua voz parecia acalmar Jaden.

Khiarra acariciou sua testa febril. — Você não pode morrer. Eu preciso de você. Papai diz que você deveria cuidar de mim. — Ela limpou as lágrimas dos olhos com dedos delicados e os pressionou contra os lábios rachados e sangrando de Jaden.

Ashra engoliu em seco e desviou o olhar. *Onde há amor, pode haver mais do que o tédio do dever.* Como os humanos, em toda a sua tolice, entenderam a verdade



fundamental, enquanto os Icrathari, sem idade em sabedoria, falharam em compreender?

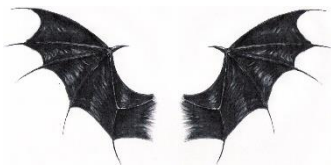
O preto cheio de terror dos olhos de Jaden cedeu ao verde manchado de ouro. O medo animal que ela podia cheirar subindo dos poros da pele dele dissipou-se. Ele caiu no chão da caverna e fechou os olhos. Seu batimento cardíaco se estabeleceu em um ritmo constante.

Estremecendo, Khiarra se aconchegou ao lado dele e aninhou-se no calor de seu corpo.

Ashra deu um único passo para trás. Ela olhou para ele, desejando que seu corpo se curasse. De que adiantava o sangue antigo e imortal se não pudesse salvar a vida dele?



Capítulo 8



Uma hora se passou e depois duas. Khiarra adormeceu. Suas lágrimas deixaram manchas pálidas em seu rosto pequeno e empoeirado. O sol continuou a caminho de seu pico, e Ashra parou em um ritmo inquieto para mover Khiarra e Jaden para o fundo da caverna. A temperatura no fundo da caverna era substancialmente mais fria, embora o suor ainda brilhasse na pele de Khiarra e Jaden.

Ashra virou-se para a entrada encharcada de luz da caverna. Até os Icrathari não tinham lugar ao sol, mas, de alguma maneira, os Daevas e os imortais sobreviveram fora da escuridão benevolente de Aeternae Noctis. Como? E quem foi o Icrathari que se encontrou com os Daevas?

Se estivesse voando mais baixo, poderia ter vislumbrado mais do que pele pálida e



asas de morcego. Se ela não tivesse parado para salvar a vida de Jaden e Khiarra, ela poderia ter alcançado o traidor Icrathari. Ela arqueou as costas e suas asas farfalharam. Não havia razão para nenhum Icrathari negociar com um Daeva. Que tipo de traição teria que enfrentar?

Ela virou-se quando Jaden se mexeu. Ele rolou de lado e empurrou um cotovelo. Ele olhou por cima do ombro e encontrou o olhar dela, mas não disse nada. Ele colocou a mão na testa suada de sua irmã e verificou o pulso dela antes de pressionar seu peso contra a parede da caverna e se arrastar para cima.

Sua pele, embora ainda estivesse vermelha, agora cobria a carne que fora queimada. Contra todas as probabilidades, ele se curou com a infusão do sangue dela. Suas costas pararam de sangrar e recuperou a força do braço. Ele examinou seus ferimentos e olhou para ela. — O que você fez comigo? Eu sou um vampiro?



Ela riu. — Não se iluda. Você é um humano com dez gotas de sangue Icrathari nas veias.

— Por quê? Por que você me salvou?

O olhar de Ashra foi para a garota adormecida. — Porque ela disse por favor.

Jaden exalou baixinho. — Você pode levá-la de volta para a cidade?

Seu pedido não a surpreendeu, mas seu tom prosaico o fez. Ela ouviu Rohkeus na voz dele, calma, fria, sempre prática. Ela inclinou a cabeça para um lado. — De volta à teia da decepção tecida pelos Night Terrors?

Ele inclinou a cabeça, reconhecendo a repreensão. — Você a levará, por favor?

— E você? Você vai voltar também?

Ele soltou um suspiro. — Não há nada aqui fora, não existe mais nada?

Ela balançou a cabeça.

— Se soubéssemos...

Ashra bufou. — Você realmente acredita que isso mudaria a maneira como os humanos enxergam vampiros e Icratharis?



— Você nunca nos deu a chance de acreditar de forma diferente. Tudo o que fez instalou medo em nós. Você destrói qualquer progresso que fazemos.

O queixo dela caiu. — Progresso? É isso que vocês, humanos, chamam de armas da morte que vocês criaram, armas que destruíram nossa atmosfera e condenaram todos nós à noite eterna? A tecnologia é para adultos. Humanos são crianças, são egoístas e mesquinhos. Não, enquanto eu governar Aeternae Noctis, a humanidade se debaterá na era medieval, nunca progredindo além de espadas de aço e lâmpadas a óleo. Você não pode confiar em mais.

Ele endireitou-se. — Eu sei agora, e você não pode me impedir de contar aos outros. Considere Ashra, a tarefa que você assumiu de proteger os remanescentes da vida na Terra, seria mais fácil se não a odiassemos e a temessemos.

Ele a estava desafiando? Apesar de tudo, ela sorriu. Jaden tinha espírito, poucos teriam ousado enfrentar um Icrathari. Siri



estava certa? Ele poderia preencher a lacuna com os humanos? Ashra inclinou a cabeça, estudando-o. — Você realmente não sabe, não é?

— Não sabe o que?

Ela começou obliquamente. — Qual é o meu nome?

— Ashra.

— Como você sabia disso?

— Devo ter ouvido alguém chamá-la pelo nome.

— Você não ouviu.

Ele franziu a testa. — Devo ter ouvido. Sei o seu nome, embora não possa explicar como ou por quê. — Ele inalou, sua respiração arrancada dele em um suspiro. As palavras saíram com relutância dele. — Nos últimos cinco anos, eu sonhei com você. Quando fecho os olhos à noite, vejo você.

Ela piscou. As memórias de Rohkeus sobreviveram ao renascimento de sua alma? Quanto Jaden se lembrava de sua vida anterior? Ela lutou para esconder sua



surpresa. Com esforço, manteve o tom de voz. — Exatamente como eu sou agora?

Jaden deu um passo à frente com uma graça surpreendente. Ele elevou-se sobre ela, mas suas mãos eram gentis quando seguraram seu rosto e o levantaram. — Não. — Sua testa franziu. Ela sentiu a seriedade dele, não havia zombaria, brincadeira ou flerte em sua atenção. Ele traçou os lábios dela. — Você sorri mais.

— Isso é tudo? — Ashra perguntou. Ela olhou para a boca da caverna, o pôr do sol estava a duas horas de distância. Ela tinha que decidir até então se Jaden e Khiarra retornariam a Aeternae Noctis com ela.

Seu coração zombou de sua mente. Havia mesmo uma decisão a ser tomada? Ela poderia deixar Rohkeus, mesmo um pedaço dele, para morrer?

Jaden a soltou e andou em círculo ao seu redor.

A incerteza fez cócegas em sua coluna. Ela resistiu à reação nervosa de se virar e mantê-lo na mira. Ele era um humano, afinal. Ele não poderia machucá-la. Em vez



disso, suportou seu escrutínio. Seus nervos tremeram de antecipação quando as mãos calejadas tocaram suas asas.

— É ainda mais macio que o couro fino —, ele murmurou, maravilhado em sua voz.

— O que você estava esperando? Escamas?

Ele riu.

Ela apertou os dentes contra o arrepio que percorreu sua espinha. Ela fechou os olhos, ouviu a voz dele e sentiu apenas o toque dele. Ela quase podia acreditar que realmente era Rohkeus. Ninguém mais foi capaz de mexer tanto com ela, fazendo tão pouco.

O olhar dele desviou para frente de seu vestido branco translúcido e parou em seu abdômen. — Não me lembro disso. — Seu toque, embora gentil, pareceu queimar o vestido de gossamer, enquanto ele traçava a cicatriz de dez centímetros pelo estômago dela. — Isso é novo?

— Mil anos de idade. — Ela não se considerava vaidosa, mas teve que combater o recuo instintivo, a necessidade de



esconder dele uma única imperfeição física. A lesão antiga foi apenas parcialmente obscurecida pelo chiffon transparente. Pele vermelha enrugada em torno da carne machucada, ela derramou ácido na ferida em uma tentativa frenética e enlouquecida de dominar suas capacidades naturais de autocura. *Depois de te perder, tentei me matar, mas Elsker me parou.* Com esforço, ela encontrou seu olhar. — Você está ausente há muito tempo, Rohkeus.

Seus olhos verdes se afiaram em um olhar perturbado. — Meu nome é Jaden.

— Você carrega uma alma antiga, Jaden.

— Rohkeus? O criador de Aeternae Noctis?

— Ele era nosso príncipe. — *E meu amante.* — Ele era o mais velho e o mais sábio dos Icratharis. Ele reconheceu a loucura da humanidade antes de muitos de nós, antes dos humanos. Quando os humanos embarcaram em sua guerra final, ele projetou e construiu Aeternae Noctis.

— A cidade é incrível.



Ela assentiu, passando por Jaden para se aproximar da entrada da caverna. O calor escaldante do dia diminuía quando o sol atormentava outra parte do planeta. — Ele foi incrível.

— O que aconteceu?

Ela inalou profundamente e ficou em silêncio até ter certeza de que podia manter a voz firme. Mesmo assim, sua voz tremia. — Ele morreu.

— Eu pensei que os Icratharis eram imortais.

— Não envelhecemos ou morremos de doença, mas podemos ser mortos.

— Como?

Ela virou-se para encará-lo, seu sorriso fino e sem humor. — Um humano não precisa saber como matar um Icrathari.

— Quando ele morreu?

— Ele nunca entrou na Aeternae Noctis. Um humano o matou na entrada da cidade quando o sol estava nascendo. Seu corpo foi consumido pela parede de chamas que expurgou a Terra naquele primeiro dia após o apocalipse.



A mão de Jaden descansou suavemente em seu ombro. O toque dele pareceu queimar contra a pele dela. — Sinto muito.

— Todos sentimos muito. Nós poderíamos ter usado a liderança dele. — *E eu poderia ter usado o amor dele.*

— Parece que você não se saiu muito mal.

Ela riu. — Ah, ele teria rido de todos os erros que cometemos, embora a maioria dos erros possa ser corrigido, com tempo suficiente.

— A cidade é o que ele gostaria que fosse?

É isso? — Eu não sei. Nós tentamos o nosso melhor, mas ninguém sabe se alcançamos completamente sua visão para Aeternae Noctis. — Ela virou-se para olhá-lo. — Nós alcançamos?

Jaden deu de ombros. — Eu não sei. Tudo o que sei é que te vejo nos meus sonhos.

Ashra apertou os lábios. — É bom saber que ele não me esqueceu. — Ela passou por ele, mas ele a pegou pelo braço. Ela o



olhou, uma sobancelha arqueada em questão.

— Pela intensidade dos sonhos que tenho, diria que esquecer você não era uma opção para ele. — Seus olhos verdes, os de Rohkeus, eram convincentes e foi tudo o que viu quando ele inclinou-se. Os lábios dele pairavam sobre os dela, sua respiração flutuando contra a pele dela. O primeiro contato foi hesitante, pouco mais que o roçar dos lábios rachados dele contra os dela. A textura áspera enviou chiados de sensação através dela, tão estranho que ele sozinho poderia fazer seu corpo, endurecido pela idade, sentir o toque mais fraco. Ela fechou os olhos e se permitiu afundar nas memórias. Amor, quase um sussurro, acenou. — Rohkeus.

Jaden se afastou.

Ele balançou a cabeça bruscamente, como se estivesse sacudindo um sonho ou um pesadelo. Quando ele deu dois passos rápidos para trás, com os pés instáveis, seu coração se partiu.



— Eu... — Jaden virou-se e pressionou o antebraço contra a parede da caverna. A mão que ele passou pelo cabelo tremia. — Eu não posso.

— Você não pode ou não quer?

Os olhos dele encontraram os dela. — Não sou Rohkeus.

Ela riu, o som baixo, sem diversão. Se ao menos ele soubesse o quanto parecia Rohkeus naquele momento, seus olhos estreitos atentos e sua boca em uma linha reta. Ele usava uma expressão que ela reconheceu como autoridade fria e determinação firme.

Deixe ir. Ele não está pronto para aceitar quem ou o que é.

Mas ela não podia. Não quando ele a rejeitou no processo de se rejeitar. — Você disse que me vê quando fecha os olhos.

— Não sei o que você fez comigo.

— Não fiz nada. Os Icratharis apenas provam lembranças. Nós não as criamos.

— Seu toque enfeitiça, seduz. — Ele afastou-se dela. — E você me disse que tenho



a alma de um Icrathari morto. Não confio no que me lembro ou sinto.

Eu não confio em ti. Ele não disse isso em voz alta, mas poderia muito bem ter dito.

A respiração de Ashra sussurrou fora dela em um suspiro. Ela olhou pela boca da caverna para a esfera amarela afundando sob o horizonte. Era mais fácil mudar de assunto do que entorpecer o coração. — Nós devemos ir. Pode levar algumas horas para localizar a cidade e carregar vocês dois me atrasará.

— E se os demônios atacarem?

— Os Daevas?

— Daevas. — Ele repetiu a palavra, como se estivesse testando. — O que eles são?

— Descendentes dos quatro Icrathari que escolheram não entrar em Aeternae Noctis.

— Não demônios, então.

Ashra riu, o som fino. — Não mais do que sou. Embora, aos seus olhos, eu seja um demônio.

Ele desviou o olhar. A culpa, talvez até a vergonha, tremeluzia sobre suas feições.



A respiração dela ficou presa. Ele poderia ver algo mais do que um demônio quando a olhava?

Uma sensação estranha flutuou em seu peito. Levou um momento para reconhecê-la como esperança.

Quando ele falou, perguntou apenas dos Daevas. — Você será capaz de sobrevoá-los?

Você é evasivo, assim como Rohkeus. Ela balançou a cabeça. — Não carregando vocês dois.

Ele ficou em silêncio por um longo momento. Finalmente, falou. — Leve Khiarra. Vou esperar.

Ashra fez uma careta. — Dependendo de onde a cidade está e quão perto está do amanhecer, talvez eu não possa voltar para você até amanhã à noite.

— Posso fazer isso. Khiarra não pode. — Jaden pegou a criança adormecida, deu um beijo em sua testa febril e depois a transferiu para os braços de Ashra.

Ashra assentiu vivamente. O gesto ocultou a dificuldade de engolir além do nó na garganta. Fazia muito tempo desde que



ela fora tocada com afeto fácil, o tipo oferecido apenas pela família, dado livremente sem questionar ou motivar. A criança que ela carregava, no entanto, afundou nela.

Suas mãos roçaram quando a criança adormecida rolou dos braços de Jaden para os de Ashra. Ele olhou para ela, a expressão em seus olhos perturbada.

Ele temia pela vida de sua irmã.

Como ele deveria.

A dúvida dele machucou-a. O queixo dela ergueu em desafio. Deu alguns passos para trás e virou-se. *Não olhe para trás.* Ela saiu da caverna e entrou em um crepúsculo ainda quente. Suas asas bateram, carregando-a no ar. Por um momento, pairou no ar, esperando que o farol de retorno implantado em seu cérebro fosse ativado e depois virou-se para a pulsação sutil em sua cabeça. Aeternae Noctis não estava longe. Pelas suas estimativas, não mais que 24 quilômetros. Siri deve ter redirecionado a cidade por um caminho



semelhante ao do dia anterior, com a esperança de encontrá-la.

Ela voou pelo céu noturno sem nuvens, voando alto até avistar um esquadrão de cinco vampiros, liderados por Yuri, a uma milha de Aeternae Noctis. Os vampiros ergueram os olhos, enquanto se aproximava deles.

— Você está bem, Ashra? — Yuri perguntou.

Ela assentiu, pousando silenciosamente no chão ao lado dos vampiros. Com cuidado, transferiu a criança para os braços de um vampiro em espera. — Leve-a de volta para a cidade.

— O que devemos fazer com ela?

— Coloque-a na minha suíte com um guarda o tempo todo. — Ela teria que decidir o que fazer com Khiarra.

— Você não vai voltar para a cidade conosco?

— Jaden ainda está lá fora.

Os olhos de Yuri se estreitaram. — O humano? Filho de Dana?

— Vou voltar para pegá-lo.



Yuri fez uma careta. — Os outros levarão a criança de volta à cidade. Eu vou te acompanhar.

Ela revirou os olhos. — Posso me mover muito mais rápido sozinha.

— E Tera vai me esfolar se eu deixar você ir sem escolta. Ela e Siri quase caíram ontem. Elas se culparam por não acompanhar você. Se não fosse Elsker jogando o pacificador, elas poderiam ter destruído a câmara.

Todos os Icrathari foram contabilizados, mas um deles havia deixado a cidade no dia anterior para procurar os Daevas. Mas para que? Cooperação ou controle, não havia outras razões possíveis, e ambas eram traidoras. Ashra cerrou os dentes. Ela teria que chegar ao fundo disso.

Irritação sacudiu suas asas. Para esconder o gesto impaciente, ela esticou as asas por toda a extensão e subiu ao ar mais uma vez. A leve carícia do vento noturno provocou um sorriso nela. Ela raramente deixava Aeternae Noctis e havia esquecido a pura alegria de voar sem restrições, sem



restrições pelas fronteiras da cúpula de vidro. O sorriso dela aumentou, relaxando em um sorriso raro. Ela voou em volta de Yuri enquanto a vampira corria em direção ao penhasco onde Ashra havia deixado Jaden.

O silêncio da noite foi quebrado pelo som da batalha vindo da caverna. Do seu ponto de vista, no alto, Ashra teve um vislumbre de Jaden lutando contra um maço de Daevas, enquanto o arrastavam ao ar livre.

Os olhos dourados de Ashra se arregalaram. Ela respirou fundo, mas verificou seu instinto de mergulhar na batalha. Tanto quanto sabia, os Daevas sempre tentaram capturar, não matar, vampiros. O que mais tarde aconteceu com esses vampiros, ela nunca soube. Se as mesmas regras de combate fossem aplicadas a Jaden, ele seria capturado e levado para o esconderijo, o esconderijo que os Icratharis nunca foram capazes de localizar, apesar das muitas tentativas ao longo dos anos.



As palavras finais de Rohkeus ecoaram em sua mente. *Custe o que custar, defenda a cidade.* Era uma oportunidade perfeita demais para recusar, independentemente do que isso pudesse custar a Jaden. Engolindo em seco contra a pontada inesperada em seu coração, ela subiu em linha reta. Yuri foi bem treinada, na sugestão de Ashra, o vampiro se escondeu, agachando-se para evitar ser detectado.

Ashra pairava muito acima da batalha, suas asas grandes mantendo-a no ar nas correntes de vento. Ela desviou o olhar quando Jaden caiu no chão, espancado inconsciente por criaturas imortais de força superior. Ele havia travado uma luta notável, no entanto, ferindo três dos cinco Daevas. Eles o levantaram, carregando-o para o sul.

Ele ainda está vivo.

Ela circulou até o vampiro que esperava. Yuri a seguiu. — Você não planeja segui-los.

— Tentamos encontrar a localização do acampamento deles durante anos. Aqui está a nossa chance.



— Tera não gostaria que você se colocasse em risco.

— Aeternae Noctis está em risco. Não podemos permitir outro ataque como o último. A menos que encontremos uma maneira de parar os Daevas, eles continuarão a nos assediar. Um dia, ficaremos sem sorte ou vampiros, e prefiro não esperar até que isso aconteça.

— Ashra, somos apenas dois.

— Você não é a melhor guerreira entre os vampiros?

— Sim, claro, mas...

— Não estamos aqui para começar uma briga com todo um povoado de Daevas.

A testa dela franziu. — Então, não vamos salvar o humano?

Ashra encontrou o olhar de Yuri. — Eu não decidi. — *Não era mentira.*

Yuri suspirou e balançou a cabeça. — Droga.

Ashra agarrou Yuri pela cintura e subiu no ar.

Os Daevas claramente se imaginavam os senhores da noite, não olharam para trás



para verificar se eram seguidos. A trilha levava a um leito seco de rio, em um vale onde várias estruturas brutas de pedras empilhadas se agrupavam em um amplo círculo. O coração de Ashra afundou. Havia poucos edifícios no assentamento para que fosse uma cidade Daeva de qualquer significado. Era um posto avançado? Pelo que sacrificou Jaden?

Ela aterrissou atrás de uma colina. Uma vez, fora um edifício de concreto, uma transição da era dos homens. Agora, tudo havia desmoronado em pó, desgastado pelo nada, pelos ventos não controlados que corriam através do canyon. Em silêncio, Ashra e Yuri aproximaram-se e esconderam-se atrás de montes de pedra com vista para o leito do rio. Os Daevas levaram Jaden para uma das pequenas estruturas de pedra. Uma enxurrada de asas de morcego se amontoou em torno da entrada e, em seguida, um par de cada vez desapareceu nas sombras dentro do edifício.

A noite ficou quieta.



Yuri olhou para Ashra. — Deve estar muito cheio lá.

— Também acho.

— E o jantar provavelmente seria um assunto mais barulhento.

Ashra rangeu os dentes. — Sim, seria. — Ela levantou-se. Suas asas bateram, carregando-a no ar antes de abaixá-la no leito do rio. Ela arrastou-se para frente, poupando um olhar ressentido para a lua, enquanto a banhava em um brilho prateado pálido.

Preparada para uma batalha, olhou para o edifício de pedra. Paredes ásperas, um chão de seixos e um silêncio mortal a cumprimentaram.

Yuri veio ao lado dela. — Que diabos?

As palavras do vampiro ecoaram os pensamentos de Ashra. Ashra entrou no prédio e andou ao longo de todo o comprimento. — Sabemos que eles não podem ter desaparecido no ar. Não há nenhum lugar para subir ou para o lado, então o único lugar é abaixo.



Juntos, elas ajoelharam-se para procurar no chão. Yuri encontrou uma trava e a puxou. Uma parte do chão parou, mas as pedras permaneceram presas ao alçapão de madeira. Com uma careta, Ashra arrancou uma pedrinha do alçapão e olhou para a parte de baixo da pequena pedra. Ela cheirou e lambeu. — Sangue. Sangue Daeva. Ela jogou a pedra de lado e riu, o som sem humor. — Se algum dia ficarmos sem fita adesiva para manter a cidade unida, colheremos sangue de daeva para colar.

Sob o alçapão, a escuridão as cumprimentou. Mesmo com sua visão aprimorada, ela não conseguia estimar a distância da queda. Ashra olhou por cima do ombro, para a segurança da noite. O mais inteligente seria voltar a Aeternae Noctis, reunir os vampiros e os outros Icrathari e voltar para invadir o esconderijo dos Daevas.

Mas Rohkeus, Jaden poderia não sobreviver por tanto tempo.

Ela olhou para Yuri. — Volte para a cidade. Diga à Siri para trazer Aeternae



Noctis. Vou resgatar Jaden e, quando voltar, não quero ter que perseguir a cidade com uma horda de Daevas furiosos no meu encalço.

Yuri balançou a cabeça. — Ashra, não acho...

— Vá.

Yuri fez uma careta. Com um movimento da cabeça que fez sua trança vermelha balançar, girou e correu na direção da cidade.

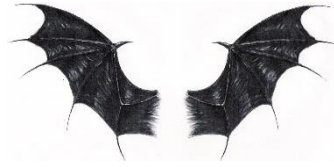
Pelas estimativas de Ashra, ela tinha menos de três horas antes da cidade voltar. Nesse ponto, Tera e seu pequeno exército de vampiros certamente desejariam um pouco da ação.

Ela teria que cronometrar bem o resgate de Jaden.

Com as asas dobradas contra as costas, Ashra saltou na escuridão.



Capítulo 9



A névoa escura rolou sobre a consciência Jaden como névoa sobre um prado, mas o movimento sacudiu picos de dor através de seu corpo e empurrou a escuridão para trás. Ele deslizou na extremidade da consciência, uma conversa gutural provocou-o com palavras que pairavam à beira da compreensão.

Fragmentos de memória o provocavam, flashes de rostos grotescos, presas à mostra e brilhantes olhos amarelos. Demônios. Não, Daevas, relacionados aos Icratharis, embora as únicas semelhanças aparentes fossem suas alturas e asas de morcego.

Ele abriu os olhos. O tom preto mudou para tons de cinza e depois se transformou em formas. Vagamente, conseguia distinguir o chão e as pernas finas dos Daevas que o carregavam sobre seus ombros.



Para onde eles o estavam levando?

Ele se mexeu, mas o aperto ao seu redor aumentou.

Uma voz baixa rosnou.

Um aviso, ele não precisava de um tradutor para interpretar o som.

O peso familiar nas costas garantiu que suas espadas ainda estavam em suas bainhas. Ele considerou suas opções e rangeu os dentes. Cinco contra um. As chances não eram boas, não quando havia perdido a primeira vez.

Ele tinha certeza de que a única razão pela qual ele não estava morto era o sangue de Ashra. A viagem sacudida por uma série de cavernas deveria ter sido angustiante, mas, com o passar dos minutos intermináveis, seu corpo doía menos. As costelas que os Daevas haviam rachado não faziam mais com que a respiração dele se prendesse a cada movimento. A picada de mãos ásperas contra suas feridas abertas desapareceu lentamente, embora as mãos não fossem menos ásperas.



Ele não podia necessariamente vencer uma luta contra os Daevas, embora o sangue de Ashra fosse garantia de que sobreviveria.

Mas sobreviver até que fim?

Os Daevas fizeram uma pausa. Pedra ralada contra pedra.

Ombros levantados em uníssono. Jaden caiu e bateu no chão. Sua cabeça girou e ele fechou os olhos contra a repentina vertigem. Quando abriu os olhos novamente, a porta de pedra estava de volta no lugar. Jaden reprimiu um gemido e levantou-se. Grãos de areia se mexiam sob seus dedos.

Uma risada baixa emergiu da escuridão, seu timbre ressonante, um vampiro.

Jaden girou na direção do som. Sua cabeça latejava em protesto, enquanto tentava se concentrar nas camadas de escuridão.

Uma figura emaciada se agachou sobre ele.

Com o coração batendo forte, ele se afastou até as costas baterem em uma parede.



O vampiro não fez nenhum movimento em direção a ele. — O que um humano está fazendo fora de Aeternae Noctis?

— Onde estou? — Até para seus próprios ouvidos, suas palavras soaram apressadas, em pânico.

— Sperare, lar dos Daevas.

Jaden reprimiu uma maldição. — Como faço para sair daqui?

— Você não pode. É um labirinto de túneis. Eu estava inconsciente quando fui trazido para cá. Escapei desta cela várias vezes, mas nunca encontrei o caminho para sair das cavernas.

Na escuridão, ele mal conseguia distinguir os traços do vampiro. Ele encontrou o penetrante olhar preto. — Você também é de Aeternae Noctis?

— Há muitos anos. Os Icrathari ainda governam?

— Sim.

— Em que ano estamos?

Jaden franziu a testa, mas ele respondeu. — 3125, como os humanos medem o tempo na cidade.



O vampiro suspirou. — O tempo voa, mesmo quando você não está fazendo nada.

— Há quanto tempo está aqui?

— Quatrocentos e noventa e oito anos.

— O que?

O vampiro riu. — Eu sou, como devo dizer, tenaz pela vida. Nem sempre estive sozinho. Muitos vampiros passaram por essas portas. Alguns até sobreviveram por vários anos, mas, eventualmente, o conceito de uma eternidade de prisão era demais para suportar, e eles desapareceram.

Enquanto o vampiro falava, Jaden explorou a cela com as mãos e os pés. O chão era seco e arenoso, as paredes arredondadas da cela escavadas na rocha. A “porta” era uma laje de pedra que parecia abrir com mais força se ele a pressionasse por dentro. Como as celas eram, era uma desculpa lamentável, mas como o vampiro havia indicado, a verdadeira prisão era a caverna do lado de fora, não a cela.

Ainda assim, isso não era motivo para não olhar. Jaden apoiou o ombro na laje de pedra e empurrou.



A pedra mudou.

— Cuidado —, disse o vampiro. — Os Daevas não gostam do gado fugindo. Quando te pegarem, vão te bater até estar quase morto.

— Gado?

O vampiro riu. — Por que você acha que os Daevas fazem prisioneiros? Como os Icrathari, os Daevas são verdadeiros imortais. Um Daeva maduro não precisa de sustento, mas seus jovens precisam.

— O jovem Daeva se alimenta de você há quase quinhentos anos? Mas você é um vampiro...

— Um vampiro mais velho.

— O que?

— O primogênito de um Icrathari. Meu criador era um Icrathari chamado Rohkeus.

Os olhos de Jaden se arregalaram. — Rohkeus?

O vampiro ficou em silêncio por um momento. Quando falou novamente, sua voz tremia com uma emoção que Jaden não conseguiu decifrar. — Você já ouviu o nome dele antes.



— Sim.

— Mas como? Rohkeus morreu há mil anos. Ele nunca entrou na cidade. Como um humano poderia conhecê-lo?

Jaden balançou a cabeça. O vampiro nunca acreditaria nisso. — O que aconteceu quando ele criou você?

O vampiro relaxou, agachando-se a vários metros de Jaden. Um par de calças esfarrapadas, seguradas por um cinto de corda, deslizava em seu corpo magro. — Eu toquei a eternidade. — Sua voz era baixa, reverente. — Nada pode descrever a onda de poder quando o sangue Icrathari inunda um corpo humano moribundo. Os humanos consideram pior do que a morte, mas nada poderia estar mais longe da verdade. O sangue de Icrathari torna o mundo vivo. Você ouve sons que nunca ouviu antes, distingue aromas únicos em uma mistura de aromas, vê coisas que antes eram muito pequenas para notar. — Os ombros do vampiro se moveram com um encolher de ombros. — O ataque aos sentidos leva muitos dos primogênitos à loucura. É uma



peessoa rara que pode abraçar a transformação com graça, sem medo de se tornar um monstro.

— E você não teve medo?

— Não. Se houver medo, qualquer indício de medo, a transformação falha. O resultado é um monstro impensado com o poder físico de um vampiro mais velho, mas sem inteligência para controlar seu poder ou a si mesmo.

— Um imortal —, disse Jaden, lembrando a conversa que ouvira entre Ashra e o vampiro Lucas.

— Sim. — O vampiro mais velho levantou-se, o movimento gracioso, como um predador se movendo. — Você sabe muito sobre os Icratharis e os vampiros. Quando Ashra mudou sua política de manter os humanos no escuro?

O vampiro se lançou.

Instinto e reflexos afiados pelo sangue de Ashra fizeram Jaden rolar para frente. O vampiro saltou sobre a cabeça de Jaden, mas em vez de bater na parede da maneira que um humano faria, o vampiro aterrissou com



uma graça silenciosa, com as mãos e os pés pressionados contra a parede de pedra em desafio à gravidade.

A mandíbula de Jaden caiu. Os olhos dele arregalaram-se. Vampiro mais velho, de fato.

O vampiro pulou da parede, suas garras estendidas. Jaden caiu de costas e bateu os dois pés no estômago do vampiro, momentos antes que as garras da criatura tivessem rasgado seu pescoço. O ataque quebrou a trajetória do salto do vampiro, virou-o sobre a cabeça de Jaden e o jogou no chão. O imortal grunhiu. Jaden ficou de pé e estendeu a mão por cima do ombro para sacar a espada, mas uma mão gelada se fechou na parte de trás do pescoço e o impulsionou para frente, batendo-o de frente na parede.

O impacto perfurou o ar dos pulmões de Jaden. Sua visão brilhou branca.

— Boa luta —, o vampiro sibilou. — Mas você não é bom o suficiente, humano. — Seu aperto mudou. Uma mão pressionou o



ombro de Jaden e a outra puxou a cabeça de Jaden para trás.

Jaden ofegou com a dor aguda quando as presas afundaram na veia na junção de seu pescoço e ombro. A toxina nas presas do vampiro estava agindo rapidamente. Anticoagulante e intoxicante, ele mantinha o sangue fluindo enquanto embalava a vítima em letargia onírica. Os olhos de Jaden se agitaram enquanto lutava contra a toxina que inundava suas veias.

Com um súbilo, o vampiro se afastou. — Você tem sangue Icrathari em você. — Ele girou Jaden para que pudesse olhá-lo nos olhos. Ele balançou Jaden com força. — Você não é um vampiro mais velho. O que você é? Um híbrido humano-Icrathari?

Jaden balançou a cabeça. As palavras pareciam desajeitadas em sua língua. — Ashra... salvou minha vida. O sangue dela...

— A cadela fria salvou você? — O vampiro riu sem alegria. — Ela condena vampiros até a morte por desafiá-la, mas salva a vida de um humano? Que tipo de domínio você tem sobre ela?



— Eu não sei.

O vampiro abaixou Jaden no chão. — É melhor eu não brincar com seu escolhido, então. — Seu tom, no entanto, era sardônico, em vez de reverente. — Qual é o seu nome, escolhido de Ashra?

Jaden afastou-se. As palavras do vampiro caíram, uma confusão incoerente em sua cabeça, competindo com a corrente de sangue em seus ouvidos e as batidas do coração.

O vampiro manteve distância. — Não vou te machucar. — Ele riu, um som baixo e divertido. — Pelo menos não permanentemente. Quem é você?

Jaden sabia que não estava pensando claramente, mas respondeu de qualquer maneira, forçando as palavras com os dentes cerrados. — Jaden.

— Eu sou Talon. — O vampiro deu um passo à frente.

Jaden recuou. A parede curva da caverna bloqueou sua fuga.

Talon fez uma pausa e levantou as mãos, como se quisesse garantir a Jaden que não



era uma ameaça. Suas garras, como as dos vampiros de Aeternae Noctis, possuíam um brilho perolado. Elas se retraíram até parecerem tão inofensivas quanto as unhas de Jaden. Os incisivos brilhantes de Talon desapareceram atrás de um sorriso de zombaria. Ele passou a mão pela boca para limpar uma mancha de sangue.

Mesmo na luz esparsa, Jaden podia ver que o vermelho estava sutilmente sombreado com ouro.

O sorriso de Talon aumentou. — Como você escapou de Aeternae Noctis?

— Minha irmã e eu estávamos em Malum Turris. Estávamos tentando encontrar o caminho de volta à cidade. Eu não sabia... não sabia o que havia lá fora.

— Os Icrathari chegaram a grandes extremos para manter vocês humanos no escuro, literal e figurativamente.

— Por quê?

Talon deslizou ao longo do muro para sentar de pernas cruzadas em frente a Jaden.

— Nos primeiros dias de Aeternae Noctis, os seres humanos cometeram suicídio aos



milhares quando perceberam o que haviam feito com o planeta e se condenaram à noite eterna. Para salvar a humanidade da extinção, os Icratharis apreenderam as crianças e as congelaram criogenicamente até a morte de todos os adultos que entraram em Aeternae Noctis. Quando todos os que restaram foram os icrathari e os vampiros, Siri redesenhou o interior de Aeternae Noctis e o mergulhou de volta no século XVII. Ela também projetou o holograma que se reflete na cúpula interna. Só então Ashra libertou os filhos do sono. — Talon riu. — Por muitos anos, os vampiros foram babás. Construímos as casas, cuidamos dos campos. Ensinamos aos jovens homens e mulheres os ofícios de alvenaria e carpintaria. Quando Ashra decidiu que os humanos tinham idade suficiente para se defenderem, ela ordenou que recuássemos para a torre. Com o tempo, os humanos esqueceram que já fomos seus protetores e defensores. Nós nos tornamos os Night Terrors.

— Por que Ashra...?



— O medo mantém os humanos longe do pecado maior, da curiosidade.

— Mas...

— Você estaria aqui, Jaden, se não estivesse curioso?

— Estava tentando salvar minha irmã.

— Talvez para você, o amor seja maior que o medo. — Seus ombros magros se moviam em um encolher de ombros. — A maioria dos humanos não consegue ver além do medo. Consome-os, concentram seu ódio nos Icratharis e nos vampiros. Pessoas que odeiam raramente param para entender.

Os olhos de Jaden se estreitaram. A compreensão surgiu em uma corrida de insight. — Eles gastam todos os seus recursos lutando contra os Icratharis e os vampiros, esmagando-se contra criaturas imortais que sempre serão mais rápidas e fortes, e nunca descobrirão a verdade de Aeternae Noctis.

— Exatamente. — Com um sorriso irônico, Talon acenou com a mão para abranger os arredores. — A verdade não revelada por trás da noite eterna mergulha as



peças em desespero. Ele até levou vampiros recém-transformados ao suicídio. Ashra disse uma vez: “Se a verdade atrapalhar, então a verdade seja condenada”. E ela está certa. Nós trabalhamos demais e por muito tempo para salvar os restos da humanidade para perdê-los para fraquezas humanas.

Jaden inalou bruscamente. Talon havia acrescentado profundidade e detalhes aos poucos fatos que Ashra lançou em seu caminho. *A verdade seja condenada.* Ele podia facilmente imaginar Ashra falando essas palavras com indiferença fria.

Exceto que a indiferença fria era a coisa mais distante das emoções e processos de pensamento que inspiraram a decisão de Ashra.

Ele olhou para as mãos cerradas. Como poderia conciliar mil anos de prisão de seu povo dentro da cúpula com a afirmação de Talon de que os Icratharis e os vampiros eram defensores e protetores da humanidade? Sua mente tremia, cercada por uma areia movediça de verdades,



verdades parciais e mentiras. Não havia meio termo, um caminho seguro que lhe permitisse conciliar tudo o que sabia com o que havia aprendido.

Algo tinha que dar, mas o que? Como ele saberia o que era real, o que realmente importava?

Ashra.

Ele estremeceu, assustado com o imediatismo de sua resposta instintiva.

O que havia de errado com ele? Ela era uma Icrathari.

Night Terror. Um Demônio.

Defensora. Protetora.

Talvez a pergunta mais importante fosse: o que ele era? Era apenas outro humano, mergulhado em medo, muito inundado pelo ódio para entender, ou poderia ser o primeiro a ouvir com o coração e a mente abertos?

Um coração e mente abertos... e uma alma que não era dele.

Memórias, sob o disfarce de sonhos, saltaram no lugar, os fragmentos se juntando a uma única imagem coerente de Ashra.



Ele a conhecia. A conhecia como ela tinha sido. A conhecia de uma maneira que ninguém mais conhecia.

Com um estalo, as emoções se uniram, o amor sem fim de uma vida anterior se misturava com a atração inexplicável de sua vida atual.

Jaden piscou, assustado com o alívio que o inundou. O amor deles, humano e Icrathari, era para ser?

A laje de pedra gemeu e deslizou para trás. Seis Daevas, seus olhos amarelos brilhando, entraram na cela. Eles empurraram o vampiro para um canto da sala e colocaram Jaden em pé.

— Eles são colhedores cuidadosos —, o vampiro gritou atrás de Jaden. — Não lute. Não entre em pânico. Vai ficar tudo bem.

Não entre em pânico?

Talon tinha alguma idéia de quão ridículo era o conselho para um humano no degrau mais baixo de um totem grande e crescente de criaturas sobrenaturais? Jaden forçou seus instintos de luta ou fuga e concentrou-se em contar seus passos e



memorizar o caminho através da confusão de túneis.

O túnel estreito abriu-se em um espaço duas vezes maior que o tamanho da cela. Os Daevas forçaram Jaden a cair sobre uma laje de pedra e arregaçaram as mangas, expondo os pulsos. Na batalha, com as garras estendidas e os lábios superiores puxados para trás para revelar dentes afiados, os Daevas pareciam monstruosos, mas naquele momento, as criaturas que ele confundira com demônios da lenda não eram duras, nem eram tão hediondas quanto pareciam. Eles não tinham pêlos na cabeça e sua pele escura parecia enrugada como passas deixadas muito tempo ao sol, mas seus traços eram delicados e não muito diferentes dos de um Icrathari.

Dois Daevas entraram, cada um carregando uma criança esvoaçante. Um dos Daevas olhou Jaden e assentiu. A sua sugestão, os Daevas que haviam escoltado Jaden pelos túneis o prenderam, dois seguravam seus pés, outros dois seus braços e outro sua cabeça.



Ele tremia pelo frio da laje de pedra que penetrava em seus ossos.

Dois Daevas puxaram as unhas afiadas sobre os pulsos, abrindo as veias. Ele reprimiu um suspiro de choque e dor e respirou fundo quando bocas pequenas grudaram nas feridas abertas. Asas de morcego tremiam nos pequenos corpos pressionados contra seus pulsos. Os bebês Daevas beberam com abandono febril. Jaden fechou os olhos contra a sensação apressada e arrepiante de sangue retirado de seu corpo. Ele tentou acompanhar os minutos, mas o esforço se intensificou a cada momento que passava. Jaden despertou de sua letargia atordoada quando um dos Daevas levantou seu bebê chorão do pulso. A criança gritou em protesto e tentou se agarrar a Jaden. Sangue escorria de sua boca, carmesim tingido com notas de ouro.

Os daevas trocaram olhares alarmados. Eles arrancaram as crianças, e um dos Daevas inclinou a cabeça para provar o sangue que ainda corria livremente de suas veias. Ela levantou a cabeça, os olhos

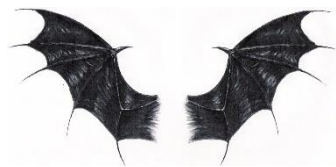


amarelos arregalados. Uma conversa rápida seguiu, os sons guturais, mas distintos. Os Daevas o soltaram e se afastaram da mesa de pedra.

Com a cabeça cambaleando, Jaden empurrou um cotovelo, mas um golpe forte na parte de trás da cabeça o mergulhou na escuridão.



Capítulo 10



Fragmentos esfarrapados de sensações atraíram Jaden para acordar. Ele rolou de lado e fez uma careta contra a dor aguda. Ele pressionou a mão na parte de trás da cabeça, sua mão ficou vermelha com o sangue. Droga. Na próxima vez, revidaria, pelo menos mereceria a surra.

Ele caiu da laje de pedra, mas se conteve antes que seu rosto se espatifasse no chão arenoso. A caverna estava vazia. A sobrancelha de Jaden franziu. Há quanto tempo estava inconsciente, e por que os Daevas o deixavam desprotegido?

Tremendo através de sua armadura de couro, ele virou a cabeça em direção a um som baixo que vibrava entre um zumbido e outro. Rangendo os dentes levantou-se. Suas pernas tremiam embaixo dele, mas inclinou-



se contra a parede e seguiu o som através de um labirinto de corredores.

O som ficou mais alto a cada curva. O caminho terminava na beira de uma fenda com vista para uma caverna enorme. O chão mergulhava pelo menos duzentos pés abaixo dele, e o telhado se estendeu por trinta metros acima. Olhar para cima o deixou tonto. As paredes estavam marcadas com pequenas aberturas em alturas e intervalos aleatórios, não muito diferentes daquele em que estava.

A caverna estava cheia de Daevas, milhares deles. O som, uma combinação de uma multidão de vozes falando no dialeto gutural Daeva e o bater de asas, era ensurdecedor. A agitação das asas de morcego era tão densa que Jaden mal conseguia distinguir a figura humanóide masculina parada no centro do chão da caverna.

Jaden não sabia dizer se era um humano ou um vampiro. Independentemente disso, os Daevas deram ao homem um amplo espaço, exceto dois Daevas que pairavam



em conversa com ele. Um dos Daevas gesticulou descontroladamente, apontando para a abertura da parede da caverna onde Jaden estava.

Todos os Daevas giraram em sua direção. Milhares de olhos amarelos fixos nele.

Jaden podia ouvir sua respiração rouca no silêncio absoluto da caverna.

O homem no centro da sala balançou a cabeça na direção de Jaden.

Jaden fugiu pelo corredor. O som de asas batendo cada vez mais perto, o barulho de couro contra pedra. Os corredores baixos e estreitos trabalhavam a seu favor, os Daevas só podiam atacá-lo um ou dois de cada vez. Ele correu pelas cavernas escuras que havia mapeado em sua mente, contando seus passos e acompanhando cada turno.

Ele não parou quando se viu frente a frente com um Daeva assustado. Ele se jogou contra a criatura. Seu peso maior, combinado com seu ímpeto e o elemento surpresa, deu-lhe uma breve vantagem. Ele esmagou o Daeva na parede de pedra. Seus



olhos rolaram em sua cabeça e caiu no chão. Um pacote choroso caiu de seus braços.

Sem perceber, Jaden pegou o bebê Daeva. Suas asas minúsculas bateram, mas Jaden as agarrou, imobilizando o bebê da mesma maneira que imobilizava as galinhas antes de matá-las para a refeição da noite. A criança chorou.

O som o colocou de volta em movimento. Ele atravessou os túneis, o bebê na mão, e bateu o peso contra a porta de pedra que selava a cela. A rocha gemeu e deslizou para trás. — Talon. Pega para mim! — Ele puxou uma espada da bainha nas costas e jogou-a primeiro na escuridão.

Um braço magro serpenteou e agarrou a espada. O vampiro mais velho emergiu das sombras, a tensão evidente em seu corpo emaciado. Ele olhou por cima do ombro de Jaden para um túnel que brilhava amarelo com olhos Daeva. O vampiro balançou a cabeça. — Os humanos nunca conhecem seus limites. — Ele saiu da cela. — Por aqui.

Juntos, Jaden e Talon seguiram o único caminho que podiam, o caminho que não



foi bloqueado por milhares de Daevas. Um rosnado baixo precedeu o bater das asas. Jaden lançou um olhar por cima do ombro. Ele girou e balançou a espada para desviar um golpe violento. Um riso furioso surgiu entre os Daevas agrupados, mas eles mantiveram distância, seus brilhantes olhos amarelos disparando para o bebê contorcido que pendia pelas asas da mão esquerda de Jaden.

— Parece que você pegou a princesa deles —, disse Talon com uma risada baixa. Ele também fez uma pausa. Ele manteve as costas pressionadas contra as de Jaden enquanto seus olhos procuravam no corredor escuro à frente por possíveis ameaças.

— O que? Você os entende?

— Você pode aprender qualquer coisa em quinhentos anos de cativo. — Talon lançou um rápido olhar por cima do ombro e acenou com a cabeça para um grande Daeva que emergia na frente do bando. — Essa é a mãe dela. Parece que você tem o refém perfeito.



Refém?

Mentalmente, ele recuou. O bebê Daeva era pouco maior que uma galinha da primavera e não mais pesado. Seus olhos amarelos estavam arregalados em seu rosto suave e sua pele era macia, sem danos ao sol. Ele piscou para ele, curioso e inocente. Confiando.

O grande Daeva deu um passo em sua direção.

Jaden deu um passo para trás e segurou a ponta da espada na garganta do bebê Daeva.

O adulto parou. O queixo dela ergueu-se e ela estendeu a mão em um gesto imperioso. Faíscas de luz refletiam em seu anel de prata.

Jaden balançou a cabeça. — Acho que não. — Suas palavras, silenciosamente pronunciadas, ecoaram pela caverna.

— Você tem um plano? — Talon jogou a pergunta para Jaden.

— Não, na verdade não. Apenas continue andando.



— Não é uma opção. — Talon ficou rígido. — Eles nos cercaram.

Jaden lançou um olhar na direção de Talon. Outro maço de Daevas apareceu em sua direção. A extensão de suas grandes asas de morcego encheu o túnel.

Após um momento de silêncio, Talon riu baixinho. — Este dia tinha que chegar, embora eu nunca pensei que morreria lutando ao lado de um humano. — Com presas, garras e uma espada, ele pulou na batalha.

Jaden e Talon mantiveram os Daevas afastados, mas Jaden estava convencido de que estava vivo apenas por causa da relutância dos Daevas em pôr em perigo o bebê.

Uma série aterradora de gritos e uivos surgiu das fileiras de Daevas lutando contra Talon. O ataque a Jaden caiu em confusão. Jaden lançou um olhar por cima do ombro enquanto os Daevas que estavam atacando Talon giravam, virando as costas para o vampiro mais velho, para enfrentar uma aparente ameaça atrás deles. Vislumbres de



prata brilharam através da labareda negra de asas.

A cortina de asas desabou como um véu desfiado. Ashra entrou na escuridão, seus cabelos prateados girando em torno de seu rosto inexpressivo. O sangue dourado dos daevas riscava seu vestido branco.

Jaden soltou o fôlego. Um sorriso apareceu em seu rosto. Ela veio buscá-lo. De alguma forma, ele sabia que ela viria. Os olhos verdes dele encontraram os dourados dela. — Tire Talon daqui.

Surpresa brilhou em seu rosto. Ela assentiu, agarrou Talon pela cintura e voou sobre os corpos dos daevas que havia matado. O Icrathari e o vampiro mais velho desapareceram na escuridão.

Os Daevas gritaram.

O desaparecimento de Ashra retirou os Daevas de sua restrição. Olhos amarelos brilhando, eles atacaram Jaden, aparentemente indiferentes ao seu pequeno refém. O instinto exigiu que protegesse a criança. Ele embalou o bebê no peito com uma mão. Com o outro, cortou com a

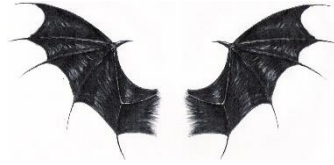


espada restante. Ele golpeou indiscriminadamente através da agitação de asas e braços que surgiram nele. Garras arrancaram sua espada da mão e rasgaram sua armadura de couro. Ele gritou, caindo de joelhos, seu corpo curvado sobre o bebê para protegê-lo do ataque brutal. A dor cruel o esculpiu como um arado cavando entalhes no chão.

Naquele momento aterrorizado, Jaden sabia que morreria.



Capítulo 11



Ashra voltou a tempo de ver o corpo de Jaden amassar-se sob uma agitação furiosa de asas negras. O cheiro metálico de seu sangue cortou o ar viciado. Ela respirou fundo e gritou. Seu grito de guerra correu à sua frente, tanto uma arma quanto suas garras e presas. As Daevas recuaram, encolhidos. Aquela fração de segundo de terror era tudo o que ela precisava. Ela entrou e pegou Jaden.

Suas asas negras pressionadas contra suas costas, ela passou pelos túneis curvos e depois pelo eixo que levava à superfície. Daevas correram atrás dela. As garras deles rasgaram a bainha do vestido.

Os batimentos cardíacos vacilantes de Jaden vibraram contra seu peito. Nos braços, seguro entre seus corpos, ele embalou um pacote contorcido. Ashra não



poupou um segundo olhar. Mais rápido. Ela atravessou a superfície, deu dois passos rápidos através da cabana de pedra e depois se lançou ao ar livre.

Suas asas abriram-se em toda a extensão de três metros, carregando-a pelo ar rarefeito. A sombra de Aeternae Noctis bloqueava o brilho da lua. Com Daevas em seus calcanhares, ela voou ao longo da parte inferior da cidade, desviando-se das explosões invisíveis de ar superaquecido que pulsavam nos enormes funis de escape. Gritos de dor e pânico se seguiram em seu rastro, enquanto Daevas involuntários eram grelhados vivos. Um Daeva agarrou seu tornozelo. Ela girou, suas asas envolvendo-a como uma capa preta. A força centrífuga arremessou o Daeva, lançando-o em uma coluna de ar escaldante.

Os músculos das costas doíam, suas asas esticaram, avançando em velocidade máxima, enquanto carregavam o peso de Jaden. A distância de três quilômetros da cidade abobadada, uma extensão interminável de aço carbono, parecia



incrivelmente longa, mas a entrada acenava com um brilho quente.

Quase lá.

As asas de Ashra se alargaram. Ela deu um sorriso irônico para a horda de Daevas que se aproximava dela. Suas asas caíram, carregando-a no ar. Ela disparou pelas portas de aço fechadas. Dois Daevas, com as asas apertadas contra as costas, avançaram atrás dela, manobrando pela entrada estreita e entrando na torre. Um terceiro seguiu.

Talon, com os pés apoiados em ambos os lados das portas de fechamento, passou a espada pelo estômago do primeiro Daeva. A criatura dobrou-se com um grito de dor. Talon chutou o Daeva da lâmina e derrubou a ponta afiada como uma navalha no pescoço esquelético.

Ashra jogou Jaden no chão. Sua mão flácida se afastou do corpo minúsculo que segurara, o bebê Daeva choramingou com a perda de contato e mergulhou mais fundo no calor de Jaden. O segundo Daeva lançou-se em direção à criança. Ashra virou-se e agarrou o Daeva pelo pescoço. O aperto



dela pulverizando os ossos. Murchou em suas mãos. Ela rasgou seu estômago e jogou seu cadáver no chão.

O terceiro Daeva lamentou. Seu grito sobrenatural foi interrompido quando as portas de aço carbono se fecharam, cortando seu corpo ao meio.

Talon deixou cair a espada, agarrou Jaden pelo pedaço de peito de couro e o bateu contra a parede. — Você... você é um humano que comanda Icratharis e vampiros mais velhos. Quem é você? O que você é?

Os olhos verdes de Jaden estavam desfocados. Seus lábios se moveram, mas nenhum som emergiu.

Talon empurrou com mais força.

Jaden arqueou as costas. Sua respiração pulsou, um suspiro de dor. Seus olhos reviraram, a cabeça inclinada para o lado.

— O que você está fazendo? — Ashra afastou Talon e pegou Jaden quando ele caiu em seus braços.

Uma rajada de asas surgiu na sala, Tera e Siri. Tera foi a primeira a chegar ao lado de Ashra. Seus olhos cinzentos varreram



Ashra, Jaden e depois focaram em Talon. O queixo dela caiu. — Talon?

O vampiro mais velho deu um sorriso. — Em pessoa.

— Mas como...?

Siri interrompeu. — O que é isso? — Ela inclinou-se e pegou o pacote de asas e apêndices finos. Uma pequena boca se abriu em um lamento. Lágrimas derramaram de grandes olhos amarelos fixados em um rosto de pele escura. — Um bebê? Isso é um bebê Daeva?

— A princesa deles —, disse Talon.

— Como você...?

— Jaden tomou-a como refém. Foi a nossa passagem.

Os olhos violeta de Siri brilhavam na luz fluorescente. — Eu tenho que mostrar para Phillip. Finalmente temos um Daeva para experimentar.

Ashra fez uma careta. — Não a machuque, Siri.

— Sim, claro —, disse Siri. Com a criança nos braços, ela saiu da sala.



Ashra pegou Jaden em seus braços. Ele estremeceu, arqueando-se para longe do contato como se o toque dela tivesse queimado contra a pele dele. Os olhos dele se fixaram no rosto dela. Os lábios dele tremeram.

— Vou levá-lo para a enfermaria —, sussurrou. Ela correu em direção ao poço central e pulou. Suas asas abriram-se, carregando os dois pela torre.

Lucas, o vampiro que gerenciava a enfermaria, girou enquanto Ashra corria para a clínica. Ele percebeu a situação em um único olhar. Com o rosto magro em linhas estreitas, apontou para uma das camas vazias. — Coloque ele aqui. Temos que tirar a armadura dele.

Jaden rangeu os dentes para não gritar de dor, enquanto Ashra e Lucas afastavam os restos de sua armadura de couro. Sangue escorria de sua boca, ele havia mordido o lábio inferior. A armadura inútil, rasgada em tiras finas por garras cruéis de Daevas, foi jogada de lado. Lucas abaixou Jaden, de bruços, sobre a superfície almofadada da



maca e depois cortou a camisa de algodão encharcada de sangue de seu corpo.

Lucas respirou fundo. As costas de Jaden eram pouco mais que uma polpa ensangüentada de músculos arruinados e tendões rasgados.

A porta abriu-se. Dana entrou correndo. Ela parou, com os olhos verdes arregalados. Sua expressão foi atingida. — O que aconteceu?

— Daevas. Ashra olhou para Lucas. — Você pode salvá-lo?

— Nós podemos transformá-lo. Ele perdeu muito sangue, mas é estável o suficiente para sobreviver à meia hora necessária para realizar uma transfusão completa.

— Não. — Jaden sussurrou. Os lençóis brancos embaixo dele ficaram vermelhos. — Não... vampiro.

Os vampiros e Icratharis ainda eram monstros para ele. A irritação atravessou Ashra, mas a dor simultânea a surpreendeu. — É a única maneira de sobreviver.



Inexplicavelmente, Jaden riu. O som era dolorido, mas claramente divertido. — Humanos morrem... o tempo todo.

Lucas interrompeu. — Ele precisará de sangue, independentemente, e não armazenamos sangue humano.

Dana encolheu os ombros. — Temos muitos humanos na cidade. Trarei de volta alguns doadores.

Ela virou-se para sair, mas Lucas estendeu a mão. — Você precisará de pessoas com tipos sanguíneos correspondentes e sem doenças transmitidas por sangue.

O sorriso de Dana era uma curva apertada, sem humor. — Vou encontrar alguns voluntários. Eu os conheço desde o meu tempo como humana. Vou trazê-los aqui. Quantos você precisa?

— Em uma caneca cada, pelo menos seis. — Lucas lançou um olhar para Ashra. — É claro que se estamos planejando drenar cada gota de sangue do corpo, precisaremos de apenas um. Nós ainda temos extras nesse ponto.



— Traga seis. — disse Ashra.

Dana assentiu e saiu.

Lucas olhou para Ashra. — Humanos na torre? Você está quebrando muitas regras por ele.

— Eu fiz essas regras.

Lucas assentiu. — Por uma razão. Para proteger os humanos de nós.

— Das impressões deles sobre nós.

Lucas concedeu o ponto com um aceno de cabeça. — O que mudou, Ashra?

Ela olhou para Jaden, mas não disse nada. Sua mente preencheu o silêncio. *Eu lembro do amor que ainda poderia estar lá esperando?*

Os minutos se arrastaram. A respiração de Ashra ficou presa a cada suspiro que arrancava o homem ferido. Cada momento passado ao lado de Jaden era uma cacofonia de ansiedade que tornava quase impossível para ela pensar claramente.

Ela deveria deixá-lo ir, libertar a alma de Rohkeus como pretendia desde o início, mas o caminho que parecia óbvio, agora não era mais o único caminho.



Ela engoliu a risada amarga. *Eu me enganei. Eu segui Jaden para provar que não havia nada de Rohkeus nele, mas existe. De fato, há mais do que apenas Rohkeus nele.*

O renascimento da alma de Rohkeus deu-lhe uma segunda chance na vida, no amor.

Isso significava que ela também tinha uma segunda chance de amar?

Lucas balançou a cabeça. — Ele não vai conseguir.

Vida. Amor.

— Vire-o de lado. — Ela ordenou. Com uma unha, ela cortou o pulso e pingou seu sangue dourado na boca de Jaden.

A testa de Lucas franziu. — Ashra

— Eu sei o que estou fazendo.

Instintivamente, Jaden virou o rosto pálido para ela. Seus olhos estavam fechados, mas sua garganta funcionava enquanto ele engolia o sangue que lhe dava vida.

Dana e cinco outros vampiros entraram na sala, cada um empurrando à frente deles um humano adulto com os olhos vendados.



Dana arrancou a venda do velho que ela escoltou. Os olhos dele se arregalaram. — Jaden?

Os olhos de Jaden se abriram. — Pai? — Com os dentes apertados contra a dor, empurrou um cotovelo. — Você está vivo. — Alegria e alívio eram evidentes em sua voz fraca.

O olhar de Gareth Hunter passou entre Jaden e Ashra. Seu lábio se curvou com nojo. Seu punho bateu em um golpe, que jogou Jaden de volta na maca. Jaden caiu em uma pilha sangrenta, inconsciente.

A visão de Ashra ficou vermelha, mas Dana estendeu a mão e segurou a mão de Ashra antes que as garras da Icrathari rasgassem a garganta de Gareth.

Inabalável, Gareth olhou para a Icrathari. — Se você acha que vou salvar a vida do homem, que você tornou escravo de sangue...

Dana interrompeu. — Você salvará a vida de nosso filho.



Gareth virou-se para Dana. Seu queixo caiu e seus olhos se arregalaram com partes iguais de terror e descrença. — Dana?

Ashra sorriu com novo respeito por Dana, que aparentemente havia sequestrado Gareth e vendado os olhos sem ser vista.

— Você é...

— Uma vampira —, disse Dana. — Jaden é humano e, para permanecer vivo e humano, ele precisa de uma transfusão de sangue humano.

— A troca de sangue é obra do diabo.

— O casamento com Lydia transformou você em um velho supersticioso. — Dana enfiou Gareth em uma das camas vazias, prendeu as tiras de couro nos pulsos, na cintura e nos tornozelos e depois se virou para Lucas. — Tire.

Lucas riu baixinho. Os outros vampiros vigiavam os humanos encolhidos, enquanto Lucas inseria agulhas em suas veias. O sangue deles fluiu carmesim para uma máquina, que analisou as impurezas antes de transferir através de um tubo translúcido e para uma agulha mergulhada



profundamente em uma veia na dobra do braço de Jaden.

Dana jogou para Lucas um pequeno frasco selado. — Eu sei que você não toma remédio, já que ninguém na torre precisa dele, então parei no herbalista. Depois que limparmos e esterilizarmos suas feridas, o bálsamo de aloe no frasco apressará a cura.

Lucas encolheu os ombros. — Como o sangue de Ashra. Tudo vai ajudar. É improvável que Jaden sobreviva como está. Tire os humanos daqui. Eles estão bagunçando minha clínica.

Dana olhou para Ashra. — Devolvo-os para a cidade?

O olhar de Ashra flutuou sobre os rostos comprimidos dos humanos. Ela balançou a cabeça. — Eles viram demais.

O rosto de Dana ficou tenso. — Nós os matamos?

— Depois de todo o esforço que você fez para encontrar seis doadores de sangue em vez de um? Não, não vamos matá-los. Ainda não. Coloque-os em uma cela. Não quero humanos vagando por Malum Turris.



Se eles lhe causarem algum problema, traga-os de volta aqui e Lucas os transformará em vampiros. — Um olhar para os humanos confirmou que sua ameaça, oferecida casualmente, foi recebida com um terror sincero.

Dana assentiu, arrastou o ex-marido e o empurrou para fora da porta. Os outros vampiros seguiram sua liderança e escoltaram os humanos abalados.

Ashra virou-se para Lucas. — Você disse que é improvável que Jaden sobreviva.

— Faz muitos anos que trato um ser humano, mas nunca vi feridas tão cruéis como essas. Mesmo que salvemos a vida dele, você precisa estar preparada para uma longa recuperação e a possibilidade de danos irreparáveis aos músculos das costas ou da medula espinhal. Ele nunca poderá andar de novo.

— Não há mais nada que você possa fazer? — Ashra perguntou.

— Transformá-lo em um vampiro é a única maneira certa de curá-lo.

— Não é o que ele quer.



Lucas encolheu os ombros. — Nem sempre conseguimos o que queremos. A última vez que verifiquei, nenhum dos vampiros aqui teve escolha.

O olhar de Ashra descansou em Jaden. — Não quero mudar o que há nele.

— A alma de Rohkeus? — Lucas bufou. — Você realmente acredita nisso?

— Há vislumbres de Rohkeus...

— Mais do que vislumbres —, uma voz interrompeu.

Talon entrou na enfermaria, com um sorriso sardônico no rosto. As roupas pendiam frouxas de seu corpo magro, mas ele lavara a sujeira da prisão no subsolo. Seu cabelo escuro estava úmido e os nós haviam sido penteados.

O queixo de Lucas caiu. Ele deu vários passos rápidos e agarrou a mão de Talon. — Talon! Meu amigo, há quanto tempo? Como você ainda está vivo?

— Faz quinhentos anos e meu cativeiro poderia ter sido mais longo se Jaden não tivesse me arrastado em sua tentativa insana



de liberdade. — Ele olhou para o humano inconsciente. — Ele fala com sua voz.

— Rohkeus?

Talon assentiu. — A voz de comando quando me ordenou a ele. A familiaridade... a certeza de que eu obedeceria. — As sobrancelhas dele franziram e ele balançou a cabeça. — Era a voz dele, a voz de Rohkeus.

Lucas suspirou. — Jaden lhe ofereceu esperança, e a esperança sempre assume a forma do que mais desejamos.

— Você está me chamando de idiota?

Lucas riu. — Eu não ousaria desafiar um vampiro mais velho, o único vampiro mais velho, mas suspeito que você possa ter uma transfusão após quinhentos anos de fome. Deite-se.

Talon se esticou na cápsula ao lado de Jaden. Ele franziu a testa enquanto examinava as costas mutiladas de Jaden, mas não disse nada. Lucas apressou-se sobre ele, preparando o equipamento médico para transferir um coquetel de sangue de vampiro e Icrathari que o corpo de Talon precisaria



para reparar os danos causados pela privação de longo prazo.

O olhar de Ashra ficou entre Talon e Jaden. Talon era um vampiro mais velho, tão antigo quanto Aeternae Noctis. O sangue de Rohkeus havia concedido imortalidade a Talon e força, velocidade e agilidade sobre-humanas. Com tenacidade, Talon aperfeiçoou a habilidade de guerreiro. Ao lado de Talon, Jaden estava imóvel e silencioso, seu frágil corpo humano quebrado. Sua habilidade fora aperfeiçoada há mais de uma década, em vez de mil anos, mas ele não era menos guerreiro.

Muito mais importante, se Talon tivesse falado a verdade de seu encontro, Jaden tinha o coração de um líder, a autoridade intuitiva que exigia obediência, e a graça de exercer essa autoridade com compaixão.

Ela fechou os olhos. Os ombros dela se mexeram com um suspiro silencioso. *Sua habilidade, sua graça, sua beleza... a alma que ele carrega é desperdiçada em um corpo humano. No entanto, é o que ele quer, viver e morrer como humano.*

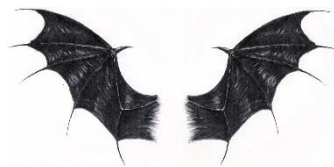


Se ele morrer... a voz mental de Ashra vacilou. Ela inalou profundamente. *Pelo menos ele trouxe Talon de volta para nós.*

Ashra virou-se para o vampiro mais velho. — Quando você estiver descansado, venha para a câmara. Quero o seu relatório.



Capítulo 12



Jaden acordou assustado. Ele afastou-se do travesseiro e do colchão e gritou quando a agonia rasgou suas costas. Nem mesmo o calor suave envolto sobre ele poderia aliviar a dor. Ele caiu de bruços na cama, as mãos cerradas em punhos.

— Vá devagar —, uma voz profunda e ressonante disse atrás dele. — Você tem sorte de estar vivo.

Sorte? Ele não duvidava que estivesse vivo, embora a sorte fosse questionável. Todos os músculos de seu corpo tremiam de exaustão e dor. Com os dentes cerrados, Jaden levantou a cabeça, quando um vampiro moveu-se para ficar na frente dele. Ele reconheceu o vampiro como aquele que vira em sua exploração inicial da torre, o responsável por transformar os humanos capturados em vampiros.



Lentamente, Jaden sentou. O peso dos cobertores de lã caiu de seus ombros. Ele estremeceu, e um sorriso sombrio passou por seus lábios. Pelo menos ele ainda era humano o suficiente para ser suscetível ao frio. — O que... onde estou?

— A enfermaria. Sou Lucas.

Jaden preparou-se para a onda instintiva de ódio e medo em relação aos vampiros, mas nada aconteceu. Franzindo a testa com a falta de reação, Jaden olhou para Lucas. — Sou Jaden.

— Eu sei. Como você está se sentindo?

— Ashra...

— Ela está bem. O que poderia machucá-la? Você, por outro lado, demonstrou uma incrível capacidade de sobreviver a encontros com espécies muito mais poderosas que você.

As mãos de Jaden se fecharam em punhos. Ele ainda podia provar o sangue de Ashra, agri-doce como vinho com mel, queimando em sua garganta. — Ele olhou para o vampiro. — Ashra me salvou?



Lucas encolheu os ombros. — Você teria morrido de outra forma, embora a transfusão de sangue de outros humanos tenha permitido que permanecesse humano.

Outros humanos. Jaden pressionou a mão na bochecha direita. Era macia ao toque, como se estivesse machucada. Uma dor surda pulsou em seu peito. Seu pai o golpeou. Jaden pressionou a mão sobre os olhos para bloquear a imagem do que seu pai deveria ter visto, sua boca pressionada contra o pulso de Ashra, sua garganta trabalhando, enquanto ele chupava avidamente o sangue dourado dela. *O que eu me tornei?*

O povo de Aeternae Noctis tinha uma descrição do que se tornara, um escravo do sangue. O termo era emitido com um cuspe e uma maldição para os humanos de vontade fraca, cativados pelo poder intoxicante do sangue de um vampiro. Inúteis para homens e animais, ignorados pelos vampiros e expulsos pelos humanos, os escravos de sangue vagavam pelas florestas na periferia da cidade. Aqueles



humanos, aprisionados na adoração impensada de seus indiferentes mestres vampiros, acabaram desaparecendo pela sede e a fome.

Jaden rangeu os dentes contra o desespero que o inundava. *Adoração impensada.* Nenhuma outra palavra descrevia com mais precisão sua atração irracional por Ashra. *Ela nem é humana, e sua espécie escraviza os humanos há mil anos.*

Uma voz traidora sussurrou em sua mente. *Ou os Icratharis nos salvaram?*

Mordendo um suspiro de dor, ele endireitou-se. Os músculos de suas costas puxaram sua coluna. Ele fechou os olhos com força, enquanto o mundo girava ao seu redor.

Lucas deu de ombros e recuou. — Se você está tão determinado a se levantar, também pode participar da reunião do conselho. Segure firme. Você precisará de algo para estabilizar suas costas feridas.

Os músculos do braço e do ombro de Jaden tremiam com o esforço de se manter



em pé enquanto Lucas passava outra camada de pomada calmante sobre as costas e, em seguida, enrolava bandagens grossas em torno do tronco. Quando sua tarefa foi concluída, o vampiro se ajoelhou e procurou em um armário, antes de se virar para jogar uma muda de roupa em Jaden. — Suas roupas e armaduras estão além do salvamento, mas devem servir.

Com a ajuda de Lucas, Jaden vestiu-se e saiu da enfermaria. O vampiro ficou perto e ofereceu a Jaden uma mão firme quando tropeçou, como fazia frequentemente. Lucas balançou a cabeça. — Você nem deveria acordar. Ashra vai me esfolar se você se machucar ainda mais.

— Tomarei cuidado. — Ele tinha que chegar a Ashra, ele tinha que lhe contar sobre o homem, humano ou vampiro, que vira na caverna dos Daevas, um homem que, com um aceno indiferente de sua mão, comandou milhares de Daevas.

Lucas levou Jaden para uma plataforma sem portas ou paredes. Os dedos delgados do vampiro dançavam sobre um console



brilhante, e a plataforma movia-se suavemente. O vampiro riu baixo e divertido, quando Jaden se encolheu. — É um elevador —, disse ele ao subir os níveis de Malum Turris. — Você não usou um quando Ashra levou você para a arca?

Jaden balançou a cabeça. — Não, ela voou.

Lucas riu alto. — Tera é o nosso guerreiro aéreo mais hábil, mas Ashra é quase tão capaz. Suas curvas arrepiantes pelos corredores de Malum Turris costumam fazer o vampiro mais velho duvidar de sua imortalidade.

À menção de um vampiro mais velho, Jaden olhou para cima. — Você não é um vampiro mais velho, é?

— Não, Talon é o único vampiro mais velho, e ele foi transformado antes do apocalipse. Desde então, Siri tentou transformar humanos em vampiros mais velhos, mas todas as transformações falharam.

— E os imortais são os resultados de transformações fracassadas?



— Exato. Eles não sobreviveram ao julgamento.

— O julgamento?

— Após uma transfusão completa de sangue puro de Icrathari, a transformação de humano para vampiro mais velho ou imortal leva pelo menos seis horas. Para proteger a cidade da raiva psicótica de um imortal, enterramos o humano fora de Aeternae Noctis. Se, por acaso, a transformação for bem-sucedida, o vampiro mais velho teria inteligência e habilidade para retornar à cidade. Um imortal, no entanto, vagará para sempre na Terra, se sair do chão.

— Como isso sobrevive?

Lucas riu. — Bem desconfortável, imagino. Vampiros e vampiros mais velhos morrerão se seus ferimentos excederem suas capacidades de autocura, mas sem ferimentos, podem viver indefinidamente. A sustentação, sangue, é necessária apenas para curar uma lesão e, nessas circunstâncias, o sangue Icrathari é muito mais preferível ao sangue humano. Quanto mais forte o sangue, mais rapidamente



curamos, como tenho certeza que você já descobriu isso.

Jaden exalou, soltando a respiração em um suspiro suave. — Então, o que os humanos são para você?

— Para mim e para muitos dos outros vampiros e Icratharis, um incômodo. Para Ashra, uma responsabilidade que ninguém pode convencê-la a abandonar. Mais de uma vez, seu compromisso com os humanos foi tudo o que os manteve vivos após uma rebelião.

— Rebelião?

— Você acha que é a primeira geração a desafiar os Icratharis? Yuri, a vampira que agora lidera o ranking de nossos guerreiros, foi a líder da última rebelião em toda a cidade. A Icrathari esmagou a rebelião e encontrou outros usos para o seu talento.

— Ao transformá-la contra os humanos pelos quais ela costumava lutar?

Lucas encontrou o olhar de Jaden. — Yuri é uma vampira, mas ainda luta pelos humanos. Você viu o mundo fora de Aeternae Noctis, os Daevas, os imortais.



Yuri e os outros vampiros defendem a cidade. Defendemos as pessoas que já fomos. — Ele encolheu os ombros. — Eu não deveria esperar que você entendesse. Nenhum humano entende, desde a fundação de Aeternae Noctis. — A plataforma parou, e Lucas saiu do elevador e entrou em uma enorme câmara circular, antes de se virar para oferecer a Jaden uma mão amiga.

— Jaden.

Ele olhou para a voz de Ashra, o som agora familiar de seda sobre aço.

Uma reunião de vampiros e Icratharis separaram-se para permitir que Ashra passasse. — O que você está fazendo aqui? Você mal estava vivo três horas atrás. — O brilho de seus olhos dourados era suave e sem dolo. Os lábios dela se curvaram com a sugestão de um sorriso docemente desinteressado.

Escravo de sangue, uma parte de sua mente zombava dele. Ele hesitou.



O sorriso dela vacilou. Os olhos dela se arregalaram. Surpresa e dor cintilaram através de suas profundezas.

Escravo de sangue ou não, ele ainda podia resistir a ela, e a machucou quando o fez.

Sua consciência doeu. Seu coração tremeu sob o assalto da verdade. Ela havia desafiado um clã inteiro de Daevas para salvá-lo. Havia assumido muito mais riscos por ele do que ele por ela.

Confiando em seus instintos, ele se afastou de Lucas e entrou no abraço da Icrathari. Ele pressionou a bochecha contra os cabelos dela, e o perfume de jasmim e jacinto flutuou em sua direção. Ele estremeceu quando os braços dela pressionaram levemente contra suas costas. O palpitar de agonia crua foi silenciado, mas perceptível. — A dor me lembra que estou vivo. — falou suavemente.

Uma risada baixa emergiu das fileiras dos vampiros. Ashra riu também, um som calmo. Com um braço em volta da cintura magra, ela virou-se e o levou em direção aos



outros. — Você conhece Talon, é claro. — Ela indicou o vampiro mais velho com um aceno de cabeça.

O sorriso de Talon era irônico, seus olhos escuros se estreitaram. Ele ainda parecia magro, mas sua pele tinha um rubor saudável. *Sangue*. Jaden lutou contra a corrida instintiva de horror. *Sangue forte. Sangue Icrathari, não sangue humano.*

Ashra apresentou os três icrathari, duas mulheres, um homem. — Tera, Siri e Elsker.

Jaden reconheceu Tera como a senhora da guerra Icrathari que o derrotou sem esforço. O bustiê e as calças de couro preto não eram armaduras, mas eram muito mais práticos do que o vestido transparente que Ashra usava. Os olhos de Tera eram como cacos de aço, e seus lábios finos pressionavam uma linha tensa. Como Ashra, ela era esbelta, mas havia uma aparência de força fina que não possuía. As aparências, no entanto, como Jaden sabia bem, enganavam em uma corrida, em que a força era função da idade, não do treinamento.



Tera ofereceu um aceno frio. Sua aceitação demoraria a chegar.

O leve sorriso de Siri era mais acolhedor, embora ainda reservado. O vestido de veludo vermelho grudava em um corpo curvilíneo e o cabelo curto emoldurava o rosto. Ao contrário de Ashra, cujas juntas de asa com chifres eram envoltas em ouro e Tera envoltas em aço, as articulações de asa de Siri eram expostas. Os ossos brilhavam, um marfim polido e cremoso encostado no preto azeviche de suas asas de couro.

Ashra falou. — Tera lidera nossos guerreiros e batedores. A Siri gerencia as equipes médica, de pesquisa e de engenharia da Aeternae Noctis. Elsker é meu conselheiro.

O único Icrathari masculino, vestido com uma camisa de seda preta e calça de linho, estendeu a mão para Jaden. Seu aperto de mão era firme e seu sorriso firme. — Bem-vindo de volta, Jaden. — Sua voz era suave, um teor melódico, e seu toque oferecia a familiaridade da amizade. Seus



pálidos olhos azuis brilhavam com calor e uma recepção que Tera e Siri reteram. — Faz muito tempo.

Elsker e Rohkeus eram amigos íntimos? Jaden não duvidou.

— E esses são os vampiros que dirigem as operações diárias de Aeternae Noctis. Você conheceu Lucas, que supervisiona a enfermaria. Phillip é o nosso principal cientista. Ele também administra a arca. Xanthia é nossa engenheira, ela mantém Aeternae Noctis no ar.

O olhar de Jaden permaneceu em cada um dos três vampiros, por sua vez. Todos aparentavam cinquenta e poucos anos, Lucas, Phillip e Xanthia foram transformados mais tarde na vida. Seu conhecimento humano e sua habilidade em seus campos escolhidos foram conquistados pelos Icratharis e imortalizados a serviço da cidade.

Ashra continuou as apresentações. — Yuri lidera os vampiros que defendem a cidade.



Ao contrário de Lucas, Phillip e Xanthia, Yuri parecia pouco mais velha que Jaden. Aparentemente, a confiança e insolência que haviam inspirado sua rebelião contra os Icratharis não foram totalmente eliminadas dela. Sua postura era orgulhosa e ela se movia com a graça descuidada de um guerreiro treinado. Como Tera, a quem ela respondia, usava o cabelo em uma trança nas costas.

Ashra gesticulou para o quinto vampiro na sala, uma mulher magra vestida com uma prática armadura de couro preto, não muito diferente do que Jaden usava. — E essa é Dana Hunter.

Dana Hunter?

Jaden enrijeceu. Seus olhos se fixaram em Dana. Os olhos esmeralda dela, tão parecidos com os dele, brilhavam com amor, mas sua postura permaneceu fechada. Seus dedos estavam entrelaçados, trancados na frente do peito em uma atitude de oração. Seu corpo esbelto tremia.

Poderia ser? Seu coração batia forte no peito. Sua mente girou, seus pensamentos



fragmentados demais para entender. Ele deu um passo instável para frente. Uma única palavra emergiu de seus lábios. — Mãe?

Sua garganta trabalhou quando ela engoliu em seco. Dana assentiu.

— Mãe. — Ele tentou a palavra novamente. Na segunda vez, sua voz tremeu menos. Dois passos rápidos o colocaram na frente dela.

Dana abriu os braços, envolvendo-o em um abraço que ele não sentia há 23 anos.

Ele enterrou o rosto no cabelo dela. — Você está viva —, ele sussurrou. Sua mente girou. Sua versão da realidade quebrou. Como vidro derretido, os fragmentos se remodelaram ao redor da mulher que um dia o ancorara, sua mãe.

Ela assentiu. As mãos dela acariciaram seus cabelos. Seu peito pesava contra o dele, e soluços suaves emergiram de sua garganta. Ela não disse nada.

Ele soltou um suspiro e se rendeu ao caos rodopiante de reações que o atormentavam. As perguntas teriam que esperar, até que ele fosse capaz o suficiente



para provocar suas emoções e formar frases coerentes. Depois de um longo momento, afastou-se e olhou para o rosto que antes existia apenas em suas memórias nebulosas.

— Nunca pensei que te veria novamente. Você... — Ele riu. O humor irônico o protegia da necessidade de aprofundar seus pensamentos. — Você foi a vampira que acompanhou Ashra à minha cela.

O canto da boca de Dana curvou em um sorriso. — Você me bateu e correu.

Ashra riu baixinho. — Ele bateu em nós duas.

Dana olhou para o filho. — Você perdeu seu medo de nós.

Jaden conseguiu dar um sorriso fino. — Aprendi que há muito mais a temer.

Tera afastou-se da parede e andou pela câmara. — Os Daevas não serão uma ameaça por muito mais tempo. Agora que sabemos onde estão, podemos eliminá-los.

— Você não pode. Há milhares deles.

Tera se voltou para ele. Os olhos cinzentos dela brilharam. — O que?

— Vi milhares de Daevas nas cavernas.



— Isso é impossível. Os daevas descendem dos quatro Icrathari que não entraram em Aeternae Noctis, e os Icratharis não se reproduzem facilmente. Não pode haver milhares deles. Você está enganado. — A voz de Tera estalou como uma armadilha de aço batendo.

— Eu...

— Tanto Talon quanto Ashra relataram não mais do que algumas dezenas de Daevas.

— Os estreitos túneis criaram um funil e limitaram seus números.

Tera balançou a cabeça. Os olhos dela se estreitaram. — Eles acabaram de se alimentar você. Você estava desorientado com a perda de sangue. Você alucinou...

— Sei o que vi. Uma caverna cheia de milhares de Daevas, e... — Sua sobrancelha franziu quando examinou as memórias borradas pela dor. — Vi outra pessoa, um humano ou vampiro, eu... eu não saberia dizer a essa distância.

Tera jogou a cabeça para trás e riu. Suas presas minúsculas brilhavam na luz



fluorescente. — Isso é um absurdo. As únicas criaturas fora de Aeternae Noctis são os Daevas e os imortais, e os imortais são loucos. Os Daevas nunca conspirariam com os imortais.

Siri interrompeu. — Jaden, você ficou gravemente ferido antes mesmo que os Daevas se derramassem em seu sangue. Tera está certa, a combinação de seus ferimentos e a perda de sangue, você não deveria ter conseguido levantar a cabeça, muito menos ver claramente.

— Mas ele conseguiu, conseguiu sim. Ele fugiu dos Daevas, libertou-me e depois se manteve firme, com a espada na mão —, interrompeu Talon. Seus olhos escuros se fixaram em Jaden. — O sangue de Ashra fluindo em suas veias permitiu que você sobrevivesse o que de outra forma não teria.

Os olhos de Siri se arregalaram. — Sangue de Ashra?

Talon continuou. — Quando tentei alimentar-me dele, provei o sangue de um Icrathari misturado ao dele. — Ele sorriu para Jaden e lambeu os lábios. — O sabor é



inebriante. Espero que os Daevas também tenham notado.

Eles tinham? A sobrancelha de Jaden franziu. Os Daevas haviam se assustado com o gosto de seu sangue híbrido? Que tipo de informação eles transmitiram para a figura masculina que Jaden viu nas cavernas?

O olhar incrédulo de Siri relampejou para Ashra. — O que você fez?

O queixo de Ashra ergueu-se. — Ele ficou ferido e o sol o chamuscou. Ele teria morrido sem o meu sangue.

— E não ficou louco? Quanto você deu a ele?

— Dez gotas ao amanhecer e outras dez três horas atrás.

Siri caminhou até Jaden. Suas asas bateram, erguendo-a para olhar em seu rosto. O olhar dela era direto, mas não tinha o desafio da expressão flácida de Tera, nem fazia o coração dele acelerar, como Ashra fazia. Com distanciamento clínico, ela passou uma unha pelo pulso dele.

Jaden encolheu-se, mas não afastou a mão. Os vampiros e Icratharis eram



obviamente indiferentes a derramar sangue. Ele duvidava que algum dia estivesse tão relaxado com isso.

Siri enxugou uma gota carmesim escorrendo de seu pulso e levou o dedo manchado de sangue à boca. A língua dela disparou. Seus olhos se fecharam e ela inalou profundamente. O brilho suave da pura apreciação cintilou em seu rosto, lembrando Jaden de Thomas, o velho comerciante de vinhos que quase bateu nos lábios ao provar seus vinhos premiados.

— Mais do que inebriante. Eu diria que o sangue dele é intoxicante. — Seus olhos se abriram e ela sorriu. — Muito interessante. Phillip e eu precisaremos executar mais testes para confirmar se você ainda é humano ou se está se transformando em outra coisa.

O alarme disparou pela espinha de Jaden. — Outra coisa?

Siri riu. — Nunca subestime o poder transformador do sangue de um Icrathari. Eu não me preocuparia muito, duvido que você se transforme em um vampiro com



algumas gotas do sangue de Ashra. A mudança raramente é imediata, no entanto, a mudança mais profunda é geralmente a mais sutil.

Elsker pigarreou. — E o vínculo da alma?
Ashra ficou tensa.

Jaden olhou ao redor da sala. Os vampiros e Icratharis viraram o rosto para longe dele. Um calafrio o atravessou. Seus dedos se fecharam em punhos. — O que é um vínculo de alma?

Elsker hesitou. Quando ele finalmente falou, pareceu escolher suas palavras com cuidado. — Um vínculo de alma é a conexão inquebrável formada entre um Icrathari e a pessoa transformada pelo sangue de um Icrathari. Dura através da morte...

— E, aparentemente, através de reencarnações —, interrompeu Talon. O olhar que ele lançou a Jaden era zombeteiro.

Os olhos de Jaden se estreitaram. Certamente Talon não estava sugerindo que houvesse algum tipo de vínculo entre eles, porque Rohkeus havia transformado Talon em um vampiro mais velho mil anos antes.



Ele sustentou o olhar de Talon. — O que o vínculo da alma faz?

Talon deu de ombros. — Nada ou tudo, dependendo do seu ponto de vista.

Jaden rangeu os dentes. Ele nunca obteria uma resposta direta dos vampiros e Icratharis? — Eu preciso saber.

Ashra colocou a mão no pulso dele. — Não podemos dizer o que não sabemos. Nossas lendas falam do vínculo da alma, mas Talon é o único vampiro mais velho, e Rohkeus morreu logo após a transformação de Talon. Nunca testamos a extensão ou a força de um vínculo de alma. Você, no entanto, não é um vampiro mais velho. Você não tem nada a temer.

Mas ele tinha. Quando encarou o ouro dos olhos de Ashra, poderia jurar que já havia sucumbido ao vínculo da alma. Quarenta e oito horas antes, seu medo dos Night Terrors o sufocara como uma mortalha da morte, mas naquele momento, tudo o que sentia era irritação pela evasão deles.



Vínculo da alma. Escravo de sangue. Não importa qual termo eles usam. Estou me tornando um deles, em espírito, se não em corpo.

Como Ashra, ele tinha interesse na sobrevivência da cidade e da raça humana. Jaden olhou para Tera. — Eu mantenho o que vi nas cavernas.

Tera olhou para ele, e então ela rosnou, um som gutural de frustração. Suas asas se abriram; o raspar de couro contra couro sussurrou contra suas costas. Ela andou por toda a extensão da câmara e depois girou para ele. — Se o que ele diz é verdade, não podemos aceitá-los. Mesmo que os túneis estreitos canalizem seu ataque, vinte e cinco não podem resistir a milhares.

Os olhos de Ashra se estreitaram. — Quero interromper seus ataques contra Aeternae Noctis, não aniquilá-los. —

Tera olhou com raiva. — Não há outra maneira de impedir seus ataques.

Elsker balançou a cabeça. — A guerra total não é, e nunca será, a resposta. A última vez que os humanos embarcaram em



guerra total, eles teriam levado sua própria espécie à extinção, se não fosse por Rohkeus e Aeternae Noctis. —

Siri deu de ombros. — Podemos selar a entrada da caverna, embora eu imagine que haja várias saídas, nenhuma das quais encontramos. O que realmente precisamos é entender os Daevas e sua sociedade. Caso contrário, estaríamos lutando como cegos - força bruta contra força bruta - e eles têm números muito maiores, mas se pudéssemos analisá-los e encontrar uma fraqueza ... —

Jaden olhou para Siri. Seu cabelo curto emoldurava seu rosto. Ela poderia ter sido a Icrathari que se encontrou com os daevas? Afinal, o conhecimento era o fruto mais doce e proibido, e Siri, mais do que qualquer outro Icrathari, ansiava por conhecimento. Ela negociava com os Daevas em troca de informações.

Talon interrompeu. — E o bebê que Jaden fez de refém? Ela é uma Daeva da realeza.



Várias cabeças se ergueram em sua direção. Parecia que a refém Daeva não era de conhecimento geral.

Elsker franziu o cenho. — O que é isso sobre um refém?

Siri deu de ombros. — Uma criança Daeva. Talon acredita que é filha de uma de suas casas no poder. Historicamente, Icratharis e Daevas não têm tendência para a democracia ou sociedades em camadas. — Ela sorriu para Ashra. — Provavelmente, um pequeno punhado de Daevas comanda a vasta horda. Se pudermos cortar a cabeça, as massas serão inúteis até que novos líderes surjam da inevitável disputa pelo poder. Eu suspeito que haverá um número razoável de vítimas no processo.

Ashra cruzou os braços sobre o peito. — Eu concordo, mas duvido que o bebê Daeva seja útil para desvendar os mistérios da sociedade deles.

Elsker balançou a cabeça. — Se ela é da realeza, os Daevas não vão tentar recuperá-la? — Ele lançou um olhar zangado para



Jaden. — Ao levá-la como refém, você colocou em perigo a cidade.

Dúvida agitou o estômago de Jaden. Com esforço, manteve a voz calma. — Os Daevas não nos deixaram muitas opções para escapar ilesos.

Ashra acenou com a mão com desdém. — Usaremos o bebê como alavanca para negociarmos uma trégua com os Daevas.

Com uma pitada de carranca na voz, Tera perguntou. — E o nosso ataque planejado à caverna dos Daevas?

— Espere até sabermos com certeza o que estamos enfrentando —, disse Ashra. — O conselho terminou.

A maioria dos vampiros e Icratharis saíram da câmara, deixando para trás Dana, Ashra, Elsker e Jaden.

Jaden quebrou o silêncio. — Minha irmã e meu pai...

— Sua irmã está em uma suíte ao lado da minha. Seu pai está com seus companheiros humanos em uma cela.

— Você vai libertá-los?



Ashra contemplou seu pedido por um momento. — Não, ainda não. Talvez nunca.

— Respondeu com surpreendente franqueza.

— Ashra, a torre não é um lugar confortável para um humano. O frio é mais do que podemos aguentar.

O olhar dela foi para o rosto dele. Ela hesitou.

Ele estendeu a mão e pegou a mão dela. — Por favor.

— Vou considerar —, prometeu.

Elsker pigarreou. — Ashra, temos que conversar.

Ashra assentiu. Ela se virou para Jaden. — Dana pode levá-lo até sua irmã. Espere por mim na minha suíte. Discutiremos os outros humanos mais tarde.

Em silêncio, Jaden seguiu Dana da câmara. Ele não a olhou até que entraram no elevador. Jaden lançou um olhar de soslaio para a mãe. Procurou as palavras certas, mas não conseguiu forçá-las a passar a forte pressão contra seu peito e garganta.

Dana também parecia incapaz de falar. Ela olhou para ele, enquanto engolia em



seco e com frequência. Seus olhos verdes, muito parecidos com os dele, brilhavam com lágrimas não derramadas.

O imediatismo da reunião do conselho o forçou a responder ao desafio do outro Icrathari e o libertou do fardo de reagir à mãe. Agora, sem a desculpa das distrações, bastava ficarem juntos, compartilhando o mesmo espaço em silêncio.

Dana quebrou o silêncio. — Eu perdi tanto, mas você cresceu para ser um crédito para seu pai e para Lydia. — Sua voz travou no nome da mulher.

— O que aconteceu? — Ele perguntou. — Por que os vampiros levaram você?

— Era lua cheia depois do seu quinto aniversário. Os vampiros vieram buscá-lo.

Os olhos de Jaden se arregalaram. — O que?

Dana fechou os olhos com força, como se tentasse bloquear a memória. — Seu pai tentou detê-los, mas o deixaram inconsciente. Os vampiros levaram você, e eu os segui.

— Você os seguiu até Malum Turris?



Um sorriso fraco apareceu no rosto de Dana. Seus olhos se abriram e se fixaram no rosto de Jaden. Um brilho de risada espreitava em suas profundezas verdes. — Aparentemente, fui a primeira pessoa em quase mil anos que conseguiu fazer isso despercebida. Fui finalmente capturada, no entanto. Os vampiros teriam me matado, mas Ashra os deteve e me ofereceu um lugar entre os batedores de vampiros. — Dana engoliu em seco e entrelaçou os dedos. Mesmo assim, suas mãos tremiam.

Jaden estendeu a mão e colocou as mãos em volta das dela. Suas mãos estavam geladas, a textura de sua pele era lisa e dura como mármore polido. *Não humana.*

O fundamento de sua identidade quebrou. Ele não era quem pensava que era, um guerreiro humano que jurou proteger a filha da profecia. *Minha mãe é uma vampira e, nos últimos cinco anos, sonhei com o amor de uma Icrathari.* Ele lutou para manter a voz firme. — E você aceitou a oferta de Ashra?



— Desde que ela devolvesse você ao seu pai e jurasse nunca machucá-lo. — O sorriso de Dana vacilou. — Aparentemente, os Icratharis só cumprem promessas enquanto forem convenientes. Pelo menos, você comprou alguns anos de paz até os Icratharis verem você como um desafio.

— Tudo o que fiz foi defender Khiarra.

— Você matou dois vampiros. — Ela sorriu. — Isso é apenas um pouco menos difícil do que se infiltrar em Malum Turris.

Jaden riu. — Entre o que você e eu fizemos e a profecia em torno de Khiarra, imagino que Ashra tenha achado nossa família cansativa. — Ele fez uma pausa antes de dar voz à pergunta que havia entre eles. — Por que você não voltou para me dizer que estava viva?

— Oh, Jaden. — O rosto dela se contorceu. — Como eu poderia? Após os séculos de ódio que os humanos abrigavam para os vampiros e os Icratharis, como eu poderia voltar para lhe dizer que havia me tornado um dos Night Terrors desprezados? Como eu poderia fazer isso sem seu pai te



culpar pela escolha que fiz, ou pior, você se culpar?

A negação moldou seus lábios, mas ele a mordeu. Ela estava certa. Seu pai nunca teria perdoado a traição. *E eu o traí também.*

Ele fechou os olhos com força e engoliu em seco. — Eu tenho que vê-lo.

Dana balançou a cabeça. — Não é uma boa ideia.

— E deixá-lo preso sem explicações é? Você o conhece, quanto mais ele ferve, pior sua raiva.

— Ele é humano. Ele não vai entender.

— Eu entendi.

Dana olhou para o filho por um momento, antes que seus vívidos olhos verdes se suavizassem. Ela sorriu fracamente. — Sim, você entendeu. Você terá que perguntar a Ashra, no entanto. Somente os Icratharis são capazes de acessar as celas.

Jaden hesitou. — Eu acho que posso também.

— Mas como?



— Aparentemente, não tenho apenas a alma de Rohkeus. Também tenho os olhos dele.

— Sêrio? — As sobrancelhas de Dana se uniram. — E todo esse tempo, eu pensei que você tirou esses olhos de mim. — Ela estendeu a mão para tocar os controles no elevador. Ele inverteu a direção, descendo e parando no nível mais baixo de Malum Turris.

Ela liderou o caminho para fora da plataforma aberta e pelos corredores que contornavam as enormes salas de máquinas.

Jaden fez uma pausa em um limite elevado. Ele bateu no painel de aço saliente. — O que é isso?

— Portas corta-fogo. Se um dos motores pegarem fogo e se espalhar para além de sua sala, selamos as portas corta-fogo ao longo dos corredores para impedir que as chamas se espalhem.

— Isso já aconteceu?

— Não, Xanthia é uma perfeccionista consumada. Ela, sozinha, mantém os motores funcionando em perfeitas



condições, e também. A vida dentro de Aeternae Noctis é frágil. Não podemos nos permitir erros.

Ele também percebeu esse fato. Jaden seguiu a mãe ao virar da esquina. — Nunca encontrei meu caminho de volta para a cidade.

— Existem muitos caminhos para a cidade. O mais próximo é por ali. Ela sacudiu a cabeça em um corredor estreito. — Ele aparece embaixo da estátua na praça da cidade.

— Sêrio? — Os olhos de Jaden se arregalaram.

— Sim, embora não usemos essa porta por um tempo. — Dana riu baixinho. — Os vampiros geralmente empregam a porta da frente e a ponte sobre o fosso, e os Icrathari tiram vantagem de qualquer janela aberta.

Ela parou em frente à porta selada de uma cela e lançou um olhar por cima do ombro. — Você tem certeza?

Ele inalou profundamente. — Não, mas tenho que falar com ele de qualquer maneira.



Ela assentiu. — Vou esperar aqui por você.

Ele inclinou-se para olhar o scanner biométrico. Como ele esperava, a porta da cela se abriu e ele entrou.

Seis pares de olhos giraram em sua direção.

— Traidor! — Com as mãos em punhos, Gareth se lançou sobre Jaden.

Jaden desviou e Gareth bateu na parede. Seu grunhido de fúria desmoronou em um gemido atordoado, mas ele se arrastou na posição vertical e deu um soco em Jaden.

O homem mais jovem pegou o punho do pai com a mão aberta e o empurrou de volta para a dobra protetora dos outros humanos. O velho olhou para Jaden, ele teria pulado para frente, se não fosse pelas mãos restritivas ao seu redor. — Seu traidor! Você traiu sua irmã, traiu todos nós.

— Pai, não é o que você pensa que é. A cidade... — Como ele poderia explicar que, por mil anos, os Icratharis haviam aprisionado a humanidade em uma mentira, mas a verdade era muito pior? Como



alguém que não tinha visto por si mesmo a desolação além da cúpula acreditaria em algo que não fosse o pior dos Night Terrors?

Como ele poderia defender Ashra quando ainda estava lutando para separar os fatos da situação de sua atração inexplicável por ela? Surgiu uma imagem de Ashra, mas não uma que vira em sua vida. O novo deleite de seu sorriso, a inocência em seus olhos, era a lembrança de uma Icrathari muito mais jovem, antes que a responsabilidade de proteger Aeternae Noctis fosse colocada sobre seus ombros estreitos.

As imagens dela dançando em um gramado coberto de orvalho sob a lua cheia, suas asas negras brilhando na luz pálida não eram suas memórias, mas as de Rohkeus, e as memórias estavam impregnadas de amor. Jaden não sabia se o amor que ecoava nessas lembranças era de Rohkeus ou Ashra, mas talvez isso não importasse. Seu amor por Rohkeus a manteve trabalhando por mil anos, e o amor de Rohkeus por Ashra...



Jaden apertou as mãos. Como ele poderia dizer a diferença entre os sentimentos de Rohkeus por Ashra e os dele?

Isso importa?

A voz de seu pai, baixa e intencional, lembrou-o dos pensamentos perturbadores de Ashra. — Jaden, você não é você mesmo. Nós a vimos forçar o sangue na sua garganta. Ela enfeitiçou você, virou você contra seu povo, sua família. — Sua voz tremia, precariamente equilibrada à beira das lágrimas. — Você é meu filho. Eu sei que pode se libertar. Você tem que se libertar. Os Night Terrors já tiraram Dana e Khiarra de mim. Eles não podem te levar também.

Ela enfeitiçou você.

A voz de Ashra respondeu com uma memória sussurrada. *Os Icratharis apenas provam lembranças. Nós não as criamos.*

Jaden deu um passo instável para trás. Ele balançou a cabeça para limpar tanto a voz de seu pai quanto a de Ashra. Sua decisão, sua escolha de amar Ashra seria sua, maldição. Se apenas seus sonhos, as



memórias de Rohkeus, fossem tão fáceis de dissipar. Sua voz não traiu nenhum de seu tumulto emocional. — Trarei cobertores e comida.

Seu pai inclinou-se para mais perto, seus olhos se fixando nos de Jaden. — Você está mais perto do que ninguém jamais esteve desses demônios. Procure a fraqueza deles. Encontre uma maneira de matá-los. É a única maneira de terminar a noite eterna.

Jaden virou as costas para o pai. — A noite é mais gentil do que merecemos. — Ele saiu da cela e deixou a porta trancar atrás dele.

Dana endireitou-se. Ela sorria, mas seus olhos traíam sua dor com a conversa que ouvira. — Ele odiou demais por muito tempo para mudar sua maneira de pensar.

Ele recusou-se a acreditar. Certamente sua família e seus amigos eram tão capazes de ver a verdade quanto ele. A alma de um Icrathari não era necessária para a iluminação, apenas um par de olhos e uma mente aberta. — Tem que haver uma maneira.



— Se existe, ninguém a encontrou em mil anos. Venha, eu vou levá-lo para sua irmã.



Capítulo 13



Na câmara, com o coração e a mente turbulentos, Ashra virou as costas para a grande tela que dava uma janela para a cela onde seis humanos se amontoavam. A tagarelice da conversa humana emergiu, suave mas clara através dos alto-falantes afixados na tela, mas ela perdeu o interesse. Jaden havia deixado a cela.

— Você não vê? — Elsker disse calmamente. — Os humanos o influenciarão.

— Eles não fizeram.

— Elas vão, é só uma questão de tempo. Você está pedindo a ele que dê as costas para sua família, seus amigos, para tudo o que sempre acreditou ser verdade, e para confiar em memórias que nem são dele.

— Ele viu o mundo fora de Aeternae Noctis. Ele entende a batalha que lutamos.



— Então, por que ele não disse a eles? — Elsker passeava pela largura da câmara. — Não podemos confiar nele. Ele deliberadamente colocou em perigo a cidade trazendo o bebê Daeva aqui. — Ele fez uma pausa e voltou seu olhar acusador para Ashra. — Você ameaçou a cidade ao resgatá-lo. O que você estava pensando? Você poderia ter sido morta.

Ela colocou os braços em volta da cintura e caminhou até a varanda. Muito abaixo, a cidade se agitou quando os humanos de Aeternae Noctis começaram um ciclo de dezesseis horas de vigília. Nas florestas e campos, colunas estreitas brilhavam com um brilho branco, alimentando as plantas com a luz solar artificial de que precisavam para crescer. As luzes acenderam nos prédios enquanto as ruas ganhavam vida com atividades.

Lá fora, a noite permaneceu, eterna.

Ashra alisou a carranca antes que aparecesse em seu rosto. — Não me machuquei.



— A sorte só vai levá-la mais longe. —
Seus passos fecharam a distância. As mãos dele descansaram nos ombros dela.

Ela fechou os olhos. Força de vontade a impediu de relaxar com o apoio que ele ofereceu.

Sua voz estava quieta. — O vínculo da alma se apoderou?

— O vínculo da alma é um mito. — Lá dentro, ela tremeu.

— Todos os mitos são baseados na realidade. Estou preocupado com você.

— Não fique.

— Estou autorizado a me preocupar. Somos amigos há milhares de anos e nunca vi você agir de maneira tão imprudente. Você é o fio que mantém a cidade unida, mas você arriscou sua vida por um humano.

Por Rohkeus, ela corrigiu.

Elsker continuou. — O vínculo da alma não liga apenas o criado ao criador. Ele também conecta o criador ao criado. — Ele balançou sua cabeça. — Você não está pensando direito, Ashra. Acho que não,



depois que você criou o vínculo da alma, dando-lhe o seu sangue.

Ela bufou. — Vinte gotas. Não era uma cerveja, muito menos uma transfusão completa. Não exagere na proporção.

— Mas esse é precisamente o problema. Ninguém sabe que proporção de sangue puro de Icrathari irá desencadear o vínculo da alma...

— Chega! — Ela se virou. As asas dela explodiram, empurrando-o. — Minha vida, Elsker. Eu escolho onde e como arriscar.

— Ashra...

— E se eu optar por arriscar com um ser humano, se ele possui ou não a alma de Rohkeus, quem é você para ficar no meu caminho?

Seus pálidos olhos azuis se arregalaram. Uma expressão de inocência ferida brilhou em seu rosto fino. — Ashra, somos amigos, só estou tentando ajudar.

— Você está? — Ela cruzou os braços sobre o peito. — Da mesma maneira que você tentou me consolar depois que Rohkeus morreu?



Ele corou.

— Você tentou envenenar minhas memórias dele com mentiras. Você disse...

Elsker balançou a cabeça. Ele fundamentou as palavras entre dentes. — Eu falei apenas a verdade. Rohkeus era um filho da puta manipulador. Ele sacrificaria tudo e qualquer um para conseguir o que queria.

— Ele estava obrigado ao seu dever.

— Um dever que não se importava com amizade, sem falar no amor. Ele usou você, usou todos nós.

— Ele salvou tudo o que restou da vida na Terra, e isso lhe custou a vida.

Elsker rosnou. — Bem, faça-o parecer um herói. Seus olhos estão fechados a todas as falhas dele há milhares de anos. Não há razão para esperar que você comece a vê-los agora.

Ashra lançou-lhe um olhar de aço. — Você ainda está magoado pelo fato de eu ter deixado você por ele? — Ela passou por ele e caminhou em direção ao poço central.



Suas asas se abriram, farfalhando na leve brisa enquanto se preparava para o vôo.

A voz de Elsker, baixa, falou por trás dela. — Isso foi há três mil anos.

As memórias de um Icrathari são perfeitas e eternas. Ela não respondeu a Elsker, nunca haviam visto Rohkeus da mesma maneira, e quase não havia sentido em fazê-lo agora. Ela saltou alto, girou no ar e mergulhou no poço. O vento gritou com ela, diminuindo seu mergulho louco. Ela abriu as asas e manobrou no patamar do lado de fora da suíte. Seus pés tocaram o chão quando um carrilhão suave anunciou a chegada do elevador.

Jaden e Dana pisaram fora da plataforma.

O olhar de Ashra relampejou para Dana, e ela sacudiu o queixo, o gesto imperioso.

Dana recuou na esquina. A única reação de Jaden foi um arco de sobrancelhas.

Ashra acenou.

Jaden não se mexeu.



Ela abafou uma risada. *Esse vínculo de alma que Elsker teme que criei, dando a Jaden meu sangue, obviamente precisa ser aprimorado.*

Por um longo momento, eles se entreolharam através dos poucos metros que os separavam. Jaden quebrou o silêncio primeiro. — Onde está minha irmã?

— Aqui. — Ela virou-se e caminhou em direção a uma porta. Ela abriu-se, aço sussurrando contra aço. Ela entrou em sua suíte de quartos, o único lugar na torre que considerava inteiramente seu. A beleza não era inata para Malum Turris, mas, durante mil anos, ela havia retirado da cidade material suficiente, cetim, seda e veludo, para suavizar as bordas afiadas e aquecer as superfícies frias de sua suíte. Panos de tons de pedras preciosas cobriam a cama e as espreguiçadeiras. As cores ricas e profundas eram um forte contraste com o vestido branco transparente que ela usava.

Jaden lançou um olhar assustado ao redor da sala. — Os Icratharis dormem?



— Não precisamos, mas sabe-se que uma soneca ocasional melhora a disposição amarga. — Ela liderou o caminho para uma pequena porta dobrada no canto de sua suíte. Ela destrancou e abriu a porta.

A pequena antecâmara servia como uma sala de estar privada. As telas na parede exibiam imagens de lagos e oceanos que existiam apenas em registros históricos e nas memórias dos Icratharis. Em um sofá-cama, escondido debaixo de uma colcha pesada estava Khiarra, dormindo profundamente.

Jaden soltou o fôlego. O suspiro suave foi acompanhado por um sorriso aliviado. Ele sentou-se ao lado da cama. Sua mão acariciou os cabelos de sua irmã com uma gentileza que não mais surpreendeu Ashra.

Khiarra se mexeu, mas não acordou.

Ele olhou para Ashra. — Obrigado.

— Você me agradece tantas vezes, parece que não deve ter definido expectativas particularmente altas para o meu comportamento.

Ele riu, seus olhos enrugando nos cantos.



O som deu-lhe um sorriso, mas ela reprimiu o flash de prazer. — Você foi ver os humanos.

— Sim. Eu tinha que ver se eu podia falar com eles.

— Você não pode. Eles são humanos. Eles não podem mudar.

Ele pressionou um dedo levemente nos lábios dela. — Eu também sou humano. A única parte de Rohkeus que existe em mim é a memória dele. Acabei de saber que tudo que eu acreditava por 28 anos era mentira e, de alguma forma, sobrevivi.

Os lábios dela apertaram. — Você é diferente.

— Você acha que sou diferente porque você não lida com humanos há tanto tempo. Você não tem ideia de como somos. Dê-nos mais crédito. Nós somos adaptáveis, temos que ser. A mudança final, a morte, paira sobre cada um de nós todos os dias. Mudar é mais fácil quando você não precisa contemplar as consequências imortais de suas decisões. Se você conseguir conquistar os humanos, eles lutarão por você.



— Por mil anos, defendemos a cidade sem a ajuda de humanos.

— Você precisa da nossa ajuda agora —, insistiu Jaden. — Os ataques Daeva diminuíram seu exército de vampiros.

Ela inclinou a cabeça. — E você está oferecendo seus humanos frágeis em seu lugar?

— Somos milhares.

— E você morreria para proteger a cidade? — Seus lábios se torceram em um sorriso de escárnio. — Acho isso difícil de acreditar.

— Você já nos escolhe todas as noites de lua cheia. Estamos acostumados a morrer por suas crenças.

Ashra se afastou dele. — É assim que você nos vê?

— Até recentemente, você não me deu a chance de vê-la de maneira diferente. — Ele a alcançou, e ela permitiu que ele segurasse seus dedos frios na mão quente dele. — Eu mudei. Os outros também. Esta é a nossa cidade, Ashra. É a nossa casa. Sempre acreditamos que os Icratharis e os vampiros



nos mantinham longe do mundo real. Você sabia, mas nunca percebemos antes que o mundo real não vale a pena. Devemos aos Icratharis nossas vidas e aos vampiros nossa segurança. Se você nos der uma chance de reconhecer a dívida que temos e a participação que temos na cidade...

Feche a lacuna. Ele estava tentando. Ela tinha que encontrá-lo no meio do caminho.

Ashra inalou profundamente. — Vou considerar.

Jaden sorriu. — Obrigado. — Ele hesitou por um momento antes de colocar uma mecha perdida de seus cabelos prateados atrás da orelha. — Eu não sei mais o que esperar de uma Icrathari. Você não é como pensávamos.

— Como assim?

— Seu conselho é como nosso conselho humano. Nós gastamos mais tempo tentando provar um ao outro que estão errados do que decidir o próximo passo certo. Nós pensamos que os vampiros eram seus escravos...

— Eles são.



— Talvez, mas os vampiros também são seus parceiros. Você consulta com eles, ocasionalmente, seguem seus conselhos.

— Eu tento não ser obstinada em princípio.

Jaden riu. — Os vampiros respeitam você. Estou começando a entender o porquê. Você não pediria que fizessem qualquer coisa que não faria.

Ela fechou os olhos e virou o rosto para o toque dele. *Não o confundi com Rohkeus.* A mão grande dele era calejada, a mão de um guerreiro, mas ele acariciou sua bochecha como se ela fosse tão frágil e delicada quanto a primeira florada da primavera.

— Jaden. — Sua respiração, uma oração sussurrada pegou e segurou, sem interrupção, quando os lábios dele tocaram os dela.

O beijo era pouco mais do que a mistura de fôlego, mas oferecia esperança onde nunca existia antes.

Pano farfalhou, Khiarra se mexeu, mas os sons mal foram registrados até que a



criança falou em tons muito profundos para serem dela. — Para matar um Icrathari, corte sua cabeça para cortar sua vida e esfaqueeie seu estômago para rasgar sua alma.

Alarme disparou o ritmo de seus batimentos cardíacos. Ashra se afastou de Jaden e olhou para a criança. Khiarra ainda estava dormindo profundamente, mas a voz feminina madura saiu de sua boca mais uma vez. — Quando eu o matar, a cidade cairá.

Khiarra? Jaden se inclinou sobre sua irmã, mas Ashra o afastou. Ela colocou a mão no estômago da criança e empurrou fundo. Seus poderes de sugar almas penetraram em Khiarra, passando rapidamente pelas visões e sons consistentes de uma infância passada dentro do abrigo da cúpula. O tempo voltou a brilhar em cores e aromas, antes de cair na escuridão do útero.

Como ela fez com Jaden, Ashra empurrou mais fundo até que a escuridão deu lugar a tons de cinza e ocre. Através dos olhos da alma que agora habitava o corpo de Khiarra, Ashra olhou para a última coisa

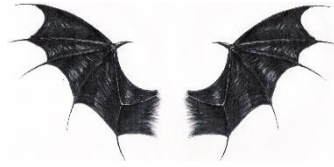


que vira antes de ser consumida por uma labareda de luz solar implacável.

Na sombra projetada por um assassino humano, o sangue derramado, uma corrente dourada, do estômago perfurado de um cadáver sem cabeça de asas negras. A um metro de distância, seus olhos verdes congelados pela morte, estava a cabeça decepada de Rohkeus.



Capítulo 14



— Não! — Jaden pegou a mão de Ashra antes que suas garras pudessem rasgar a garganta de Khiarra. Ele passou os braços em volta de seu corpo esbelto e a puxou de volta. Ela o sacudiu com pouco mais que um encolher de ombros, ele lutou mais uma vez, colocando-se entre ela e Khiarra. — O que você está fazendo?

— Ela matou você!

— O que? — Ele balançou sua cabeça. — Do que você está falando?

Os olhos dourados de Ashra brilhavam com fúria. Sua voz tremia com dor crua. — Ela matou você.

Ele a puxou para perto. — Shhh, não, está tudo bem —, prometeu. Ele teve que acalmá-la antes que ela concentrasse sua raiva o suficiente para desencadear danos reais. — Estou aqui. Não estou machucado.



Ela se afastou. Suas asas negras bateram furiosamente, agitando o ar em um vórtice. Jaden fechou os olhos e se apoiou na cruel mordida do vento. Ele a alcançou, seu aperto na cintura dela. — Ashra, pare, por favor. Não faça isso. Não me afaste.

Suas palavras, ou talvez sua voz, a alcançaram. O olhar dela se fixou no dele. Uma aparência de racionalidade voltou aos olhos exóticos. Suas asas dobraram contra suas costas, e o ar se acalmou. — Roh, Jaden?

Pelo menos ela havia percebido o erro verbal dessa vez. — Sim. — Um meio sorriso irônico curvou os lábios de Jaden.

Ashra olhou dele para a criança ainda dormindo e seus olhos se estreitaram. O corpo esbelto dela tremia nos braços dele, embora tivesse certeza de que era de raiva, não de medo. — Siri mentiu.

— Siri?

— Siri provou sua irmã e disse que não havia nada de extraordinário nela. — Ela se soltou do abraço de Jaden e saiu do quarto de Khiarra. Ela caminhou até a mesa posta



contra a parede e bateu a mão na interface eletrônica. — Siri?

A voz de Siri, fina e distante, veio através do comunicador. — Sim, Ashra?

— Venha para minha suíte. Agora.

— O que está errado?

Ashra interrompeu o comunicador e virou-se para andar pela sala.

Jaden silenciosamente fechou a porta do quarto de Khiarra e, por uma boa medida, encostou-se a ele. Ele tinha quase certeza de que Ashra não iria rasgá-lo para chegar à irmã. — Ashra, o que há de errado? — Ele repetiu a pergunta de Siri.

— Ela matou Rohkeus.

— O que?

— A alma dela. — Ashra parou o passo inquieto para encarar a porta fechada. Suas mãos pequenas ficaram tensas em garras. As unhas se estendiam com um lento deslizar de osso contra carne e se curvavam em garras. — Ela é a assassina que matou Rohkeus.

A sobrancelha de Jaden franziu. — Não, isso é... — Impossível? Insano? Ele fechou



os olhos com força. *Ashra. Minha irmã. Devo escolher entre elas?* Ele abriu os olhos e procurou o rosto dela. — Você tem certeza?

— As memórias não mentem.

Mas as lembranças não eram dele. Indignação ou ressentimento contra sua irmã não o despertaram, muito menos raiva ou ódio. Jaden levantou as mãos. — Ashra, isso...

— Foi há mil anos? — Ela arreganhou as presas para ele. — Você acha que o tempo diminui a dor? Acha que por estar aqui agora, o fato de eu o ter perdido é irrelevante?

— Não, estou dizendo que as coisas são diferentes agora. Não estamos condenados a repetir o passado.

— E não vamos, porque ela vai morrer.

— Você não pode. Ela é minha irmã.

— Ela matou você.

— Em outra vida, a pessoa que ela costumava ser matou Rohkeus. Não é a mesma coisa. Não me confunda com



Rohkeus, ou minha irmã com a pessoa que ela costumava ser.

— Não vou esperar que ela te machuque.

— Ela não vai me machucar.

— Você não sabe disso.

— Eu conheço minha irmã. — Ele pressionou a mão na testa e cobriu os olhos. A escuridão, por mais breve que fosse, permitia que se concentrasse e se afastasse de suas emoções. A ironia o provocou. Ele estava mais confortável na escuridão que procurava terminar. Ele abaixou a mão e olhou para Ashra. — Vou resolver isso. Apenas me dê tempo.

— Não tenho tempo. As defesas da cidade estão desmoronando, e um exército de Daeva na casa dos milhares controla a Terra. Sei que um dos Icrathari está associado aos Daevas. — Ela rangeu os dentes. — E Siri... ela mentiu para mim.

— Sobre Khiarra, e você pretende confrontá-la. Por quê?

— Por quê? — Ashra ecoou. — Por que não?



— Talvez ela não tenha pressionado o suficiente. Mas se ela o fez e optou por não lhe contar, o que mais não está lhe dizendo?

Ashra lançou um olhar afiado para Jaden. — Você acha que ela é a parceira dos Daevas?

— Ao contrário de Tera, ela é curiosa e de mente aberta. Se alguém chegasse aos Daevas, seria Siri.

Ashra se afastou de Jaden. Ela murmurou. — E ela faria. Está cansada do fardo implacável de Aeternae Noctis.

Um sino suave tocou.

Ashra lançou um olhar de cautela a Jaden e foi até a porta.

Siri estava do lado de fora da porta, com uma expressão de curiosidade no rosto. — Por que você me chamou?

O rosto de Ashra estava inexpressivo, todos os traços de sua raiva ausentes. — Ficarei longe da torre por algumas horas. Você ficará no comando enquanto eu estiver fora.

— E por que você não me contou isso pelo comunicador?



— Estarei com Jaden na cidade.

O sorriso de Siri se alargou em um sorriso de conhecimento. — Ah, sim, provavelmente é melhor se Tera e Elsker não souberem de sua escapada romântica. Diverta-se. Cobrirei por você o máximo que puder. — Ela virou-se e, com um movimento de um quadril atrevido e um toque de asas, pulou no poço e subiu para a câmara.

Jaden inalou profundamente. O movimento fez pouco para retardar seu coração acelerado e sua mente girando. Ashra o salvou, não uma, mas três vezes. Talvez ela tivesse vindo cuidar dele. Ainda assim, a questão principal permaneceu sem resposta: o Icrathari que ele havia amado em sonhos era real ou meramente uma lembrança?

Seria bom que Ashra e ele deixassem a cidade, mesmo que por uma ou duas horas. Se ele pudesse afastá-la dos outros Icratharis, vampiros e até Khiarra, longe do lembrete constante de dever desagradável, talvez ela relaxasse o suficiente para oferecer a ele um



vislumbre da Icrathari que fora, a Icrathari que o havia transfixado. Em sonhos.

Ashra fechou a porta e virou-se para ele.
— Sobre sua irmã...

Ele balançou a cabeça e pegou a mão dela. — Falaremos sobre ela mais tarde. Desde que você passou por todo o trabalho de mentir para a Siri, vamos de fato à cidade. Quero te mostrar onde moro.

— Eu sei onde você mora. — Ela puxou a mão livre da dele. O olhar estreito que lançou-lhe, o advertiu para não desperdiçar a sorte.

Mas onde ele estaria se não desperdiçasse a sorte? Que outra vantagem tinha como um humano frágil e mortal cercado por vampiros imortais e Icratharis?
— Você nunca viu minha casa. — Jaden caminhou até a varanda e lançou um olhar para o fosso ao redor da torre. Era uma queda extremamente longa. Ele calculou as chances de sobrevivência e depois reduziu pela metade. O número era lamentavelmente pequeno.



No entanto, não havia maneira melhor de testar o apego de Ashra a ele. Ele lançou um sorriso por cima do ombro. — Vamos.

Sem outra palavra, ele subiu na varanda.

Alguma parte de sua mente o chamou de idiota. A outra parte preparada para morrer. O vento gritou com ele. O impacto inevitável se aproximava. Ele girou no ar e se posicionou para mergulhar na água. Sua probabilidade de sobrevivência aumentou alguns pontos percentuais, mas permaneceu na casa de um dígito.

Seu primeiro contato com a água gelada o surpreendeu, menos pelo frio e mais pela percepção chocante de que Ashra não o salvara.

Naquele instante congelado em que sabia que morreria, um movimento brusco o puxou e girou seu estômago em uma náusea intensa. Arbustos e galhos batiam em seu rosto, embaçando sua visão enquanto era arrastado pelo ar.

Ele estava quase morrendo no processo de cair do céu, nunca mais queria sair do chão.



Momentos depois, Ashra o jogou, quase gentilmente, em uma pilha encharcada no chão. Com o coração batendo forte, ele se levantou, olhou para suas roupas encharcadas e depois olhou para ela. — Você esperou até o último segundo possível, não foi?

Ela riu. — Claro. — Os olhos dourados dela percorreram o corpo dele e um sorriso lento e apreciativo curvou seus lábios. — Você está molhado.

— Você não parece arrependida.

— Eu não estou. Você é louco. — Risos rolaram em sua voz, zombando de seu tom severo.

— Vocês imortais levam a vida muito a sério. — Ele pegou a mão dela e ficou satisfeito quando ela correspondeu. Ela o trouxera para a frente de sua casa, uma pequena cabana escondida na densa floresta que cercava a periferia da cúpula. Sua casa oferecia solidão, um lugar tranquilo, longe dos campos movimentados e da praça da cidade. Ele a levou para a cabine de dois



quartos, seus passos batendo suavemente no chão de madeira.

Ele estava ausente apenas por menos de uma semana, mas sua casa já havia tomado o inquieto silêncio de um santuário abandonado. O lampejo perdido de arrependimento o pegou desprevenido. *Eu não pertenço mais aqui.* Ele acendeu uma lâmpada de óleo, enchendo a cabine com um suave brilho laranja. Ele se virou para encará-la. — Deixe-me trocar de roupa antes de mostrar a você.

— Eu conheço a cidade —, disse Ashra, sua voz suave. Ela parecia contente em passear pela cabine dele, parando ocasionalmente para pegar e examinar uma das esculturas em madeira que decoravam o pequeno espaço.

Por um momento, ele a observou, uma Icrathari à vontade no espaço humano. Ela possuía o rosto de um anjo, as asas de um demônio, os instintos de um predador, uma mente vinculada ao dever e um coração que ansiava por amor. Seus raros sorrisos invocavam um reflexo correspondente nele.



Como se sentisse o foco dele, lançou um olhar interrogativo por cima do ombro.

Ele lhe deu um sorriso antes de se virar e entrar em seu quarto, onde acendeu uma vela. O brilho escuro lançou uma pequena poça de luz, mas foi o suficiente para ver. Ele tirou a roupa molhada e secou o cabelo e o corpo antes de vestir uma nova muda de roupa.

Ele se juntou a ela na sala principal da cabine, que servia como o espaço principal. A cozinha era pequena, a área de jantar ainda menor, composta por uma mesa e duas cadeiras dobradas em um canto da sala. O restante do pequeno espaço era uma oficina onde ele trabalhava com móveis e esculpia esculturas de madeira a partir de pedaços de madeira.

Ashra virou-se para encará-lo, com uma escultura de um cervo na mão. — Não sabia que você era um artista.

— Eu faço móveis quando não estou lutando com vampiros e Icratharis. Um homem tem que ganhar a vida, afinal. As esculturas eu crio no meu tempo livre, e



esta... — Ele se virou para recuperar algo da parte de trás de um armário. Cuidadosamente, ele desembalhou o pano para revelar uma escultura de madeira impecável esculpida em cipreste. — Isto é para você.

Ashra passou um dedo trêmulo pela superfície polida da escultura. Ele capturou todas as características delicadas de seu rosto, desde a sutil inclinação para cima dos olhos e o nariz estreito, até o corte nítido de suas maçãs do rosto e a leve sugestão de um sorriso. Os cabelos estavam presos para trás do rosto, como se estivessem acariciados pelo vento, e congelados no tempo, as ondas suaves de seu comprimento sedoso imortalizadas em cipreste pálido.

Jaden colocou na mão. — Esculpi isso dos meus sonhos.

— Você sonhou comigo.

— Pensei que esculpir isso reduziria o foco implacável dos meus sonhos, não deu certo. Em retrospectiva, provavelmente era melhor não saber que eu estava me apaixonando por uma Icrathari.





Amor.

A palavra estremeceu através dela, uma emoção de prazer que dançou ao longo de sua espinha. Ela concentrou-se nos olhos dele, nos olhos de Rohkeus, quando entrou em seus braços. A ilusão de retornar ao abraço de seu príncipe, no entanto, quebrou rapidamente quando suas mãos calejadas acariciaram seus ombros e costas. As dele eram as mãos desgastadas pela batalha de um guerreiro. Eram fortes e grandes e pareciam envolver seu corpo.

No entanto, ele era gentil, um absurdo que a divertia e encantava. Ela poderia ter esmagado seu pescoço com tão pouco esforço quanto estalar um galho, mas ele a segurou como se fosse tão frágil quanto vidro. Ele tirou o vestido dos ombros dela. Ela fechou os olhos, estremeecendo quando ele se inclinou e deu um beijo na cicatriz em seu estômago.



Os lábios dele dispararam ondas de sensação através dela. Seus sentidos antigos, acostumados ao comum, ganharam vida. Uma brisa leve varrendo suas janelas abertas da casa roçou sua pele. Quando ele a colocou na cama, o algodão grosseiro de seus lençóis irritava suas costas e as asas de couro.

Suas costas e peito ainda estavam envoltos em bandagens. Linhas sutis de dor franziam a testa a cada movimento. Quando ele entrou nela, ele fez isso com infinito cuidado. A paixão irrestrita e animal que ela sempre associou aos humanos foi impiedosamente controlada. Com um sorriso afetuosos, ela acariciou sua bochecha. Nunca havia percebido antes como o autocontrole poderia ser sensual.

— Eu quero você —, ela sussurrou. — Não se segure.

Seus olhos, verdes vívidos, fixos nos dela, brilhavam com desejo, desejo que transcendia espécies, transcendia o tempo.

A boca dele fechou na dela, saqueando o príncipe da concubina. Ele se moveu



contra ela, reivindicando seu corpo. Ela se rendeu, era tudo o que podia fazer. Esquecera como era ser levada à beira da loucura, da necessidade. Ele a forçou a andar na ponta da navalha, onde o prazer tão intenso se transformou em dor, antes de permitir que ela caísse com um grito de êxtase.

Ela mergulhou e flutuou tão leve quanto uma pena.

Ele a pegou. Seu abraço a ancorou. Ele arrastou beijos pelo pescoço dela antes de forçar seus sentidos a fugir mais uma vez. Ela fechou os olhos, as mãos agarrando os lençóis, enquanto seu corpo descontrolava-se.

Somente Rohkeus poderia arrancar as rédeas do controle gelado dela e, simultaneamente, envolvê-la na absoluta certeza de que era querida e amada.

A segunda vez que ela caiu do penhasco, ele a seguiu com um gemido gutural de liberação.

Por um longo momento, ficaram deitados na cama dele, com os membros



emaranhados. A única luz vinha de uma vela brilhando ao lado da mesa de cabeceira. Lá fora, a noite eterna permanecia inalterada.

No entanto, tudo havia mudado, um minuto, ainda que titânico, em seu mundo.

Acabei de fazer amor com um humano.

Ao contrário dos amantes vampiros que ocasionalmente enfrentara, ele parecia contente em permanecer. Com dedos gentis, ela vasculhou seus cabelos escuros.

— Eu te amo. — Sussurrou ele.

Seu amor a havia encontrado. Como ela poderia deixá-lo ir?

Suas unhas se estenderam e ela passou uma ponta afiada sobre o pulso. Gotas de sangue dourado escorriam da ferida aberta. Quando ela colocou o pulso contra os lábios dele, ele virou-se para ela. Fechou os olhos, a língua dele caiu sobre o pulso dela. Em segundos, as linhas finas de dor em sua testa desapareceram, e um brilho suave de alívio passou por ele.

O sangue dela, antigo e imortal, escorria pela garganta dele, curando-o, mudando-o.



— Transforme-se —, ela sussurrou. — E fique comigo para sempre.

Os olhos dele se abriram. Ele se afastou.

Eles se entreolharam através da estreita da cama.

Ele quebrou o silêncio primeiro. — Eu não posso.

Os lábios de Ashra moveram-se, mas nenhum som surgiu.

Ele balançou sua cabeça. — Quero permanecer humano.

— Mas, Rohkeus...

— Eu sou Jaden —, disse, sua voz aguda. Ele levantou da cama. — Não sou o inventor-príncipe Icrathari que morreu há mil anos. Talvez haja fragmentos de Rohkeus em mim, mas sou mais do que isso. Minha vida é aqui e agora e é tudo o que importa, como humano, como filho de Dana, como irmão de Khiarra.

Ela virou-se antes que a dor do coração passasse por seus olhos.

Ele pegou a mão dela e a puxou para encará-lo. — Eu quero você, mas não como



Rohkeus. Quando você acredita que poderia aceitar um humano...

— Você morrerá.

— Não por um tempo.

Ela estendeu a mão. — O que é uma vida útil humana comparada à eternidade? Quando você estiver morto, ficarei sozinha. Novamente.

Ele encolheu-se.

— Você é humano —, continuou ela, cuspendo as palavras entre os dentes. — Tudo é um pequeno passeio para você. Você arrisca sua vida como se isso não importasse, vai acabar assim, mais cedo ou mais tarde. Não é tão simples para mim. Muito tempo depois que você se for, ainda estarei aqui, defendendo a cidade. — Suas mãos delicadas se fecharam em punhos. — Você pode se dar ao luxo de seguir seus caprichos. Eu tenho que fazer escolhas pois sei que vou viver por toda a eternidade.

— E essas escolhas não me incluem?

Ela fechou os olhos. Sua garganta trabalhou. — Elas podem, se você escolher ser um vampiro. — Os olhos dela abriram-se



e o encararam. — Eu não posso correr todos os riscos, Jaden. Temos que encontrar um meio termo.

— Eu... — Ele balançou a cabeça.

— Nós não somos monstros. Eu gostaria que você pudesse entender isso.

— Eu entendo.

— Mas você não se tornará o que somos. Por quê?

Jaden conseguiu dar um sorriso fraco. — Deixe-me te mostrar. Venha comigo.

Eles vestiram-se em silêncio.

Jaden caminhou até ela. Colocou uma capa escura e pesada em volta dos ombros dela e puxou o capuz sobre a cabeça.

— Isso deveria ser um disfarce? — Ashra exigiu. — É patético.

— Não vamos nos aproximar dos outros. Além disso, não é lua cheia. Ninguém vai procurar vampiros e Icratharis.

— Somos tão previsíveis?

— Você faz a mesma coisa há mil anos.

Ele a levou a uma cabana na periferia da cidade, afastada dos campos e do movimentado mercado. A casa era maior



que a maioria, uma estrutura robusta de tijolos com telhados de ardósia que indicavam riqueza. Ele bateu na porta e uma jovem recebeu-os. — Estou aqui para ver sua bisavó —, disse ele.

Ela franziu a testa, mas se afastou. — Ela está cansada. Você não pode ficar muito tempo. Quem é essa? — Ela ergueu o queixo para Ashra.

— Uma amiga —, disse Jaden. Ele conduziu Ashra para dentro da casa e subiu as escadas para o quarto.

Debaixo da encosta íngreme do teto, uma mulher, frágil e enrugada, estava deitada em uma cama cheia de travesseiros e mantas pesadas. Ela olhou para cima, com os olhos nublados. — Quem está aí? — Sua voz vacilou.

— Jaden Hunter. — Ele fechou a porta.

— Ah, meu garoto. — Ela acenou para ele com a mão trêmula. — Chegue mais perto e... — Ela levantou o rosto como se fosse cheirar o ar. — Sua companheira. — Estendendo a mão, suas mãos murchas agarraram a capa de Ashra.



Ashra manteve-se firme, enquanto as mãos tateando acariciavam seu rosto.

— Quem é essa jovem perfumada com jasmim? Não... — A curiosidade no rosto da velha transcendeu em reverência. — Muito perfeita para ser humana. Uma imortal. — As mãos dela deslizaram pelas costas da capa e se atrapalharam quando ela agarrou as asas com chifres. — Uma Icrathari. — Ela caiu contra a segurança de seus travesseiros, seu rosto antigo pálido.

— Eu sou Ashra.

— Você governa Aeternae Noctis. — Não foi uma pergunta.

— Sim.

A velha levantou o rosto, como se procurasse Jaden. — A noite eterna, terminou?

— Não. — Jaden balançou a cabeça. A cama afundou com seu peso quando sentou-se ao lado da velha. Ele pegou a mão estendida dela. — Não há fim para a noite. O problema não é tão simples quanto parece.

A mulher gargalhou. — A solução raramente é tão difícil quanto você imagina.



Você já realizou o quase impossível, Jaden Hunter. Você conheceu a Icrathari e eles ainda não o mataram.

— Pensei nisso algumas vezes. — Ashra confessou.

O riso da mulher ressoou pelo quarto. — Ele era um problema, desde o início, o último filho que abençoei antes de minha visão escurecer. Ainda vejo seus olhos, aquelas infinitas profundezas da cor da esmeralda, como se tivessem visto a eternidade.

Ashra lançou a Jaden um sorriso fino. — Ah, sim, aqueles olhos problemáticos.

A velha virou o rosto para Jaden. — Por que você veio?

— Você nos lidera, Mater Matris —

Os lábios da mulher abriram-se em um sorriso sem dentes tão encantado e contagioso que Jaden e Ashra sorriram em resposta. — Não, eu não lidero, eu apenas celebro.

A testa de Ashra franziu. — O que você comemora?



— Vida, em toda a sua glória transitória. Hoje de manhã, Shaun Gallagher e Brenna Toole me pediram para abençoar o noivado. Eles não vão ficar casados por muito tempo, ele é inconstante demais, ela é carente demais, mas por um tempo eles serão felizes. Nem uma hora depois, Nicole Harris trouxe uma criança, sua quarta, para minha bênção. Ela ainda sente falta das duas que foram tiradas dela depois do quinto aniversário, mas por um tempo, seu coração parou de sangrar. — Seus olhos cegos voltaram para a janela. — Logo, suspeito, John Teeter entrará aqui para terminar seu casamento com Beth. Ela vagou com muita frequência, e seu orgulho está ferido demais para salvar o relacionamento deles. O fim trará tristeza e culpa, mas desaparecerá em alívio. Com o tempo, eles podem até lembrar com carinho dos primeiros anos que compartilharam, quando viveram e amaram com feroz alegria. Agora estou velha demais para deixar minha cama para assistir a funerais, mas quando a vida termina, as pessoas se reúnem, não para



falar sobre a morte, mas para celebrar a vida. É tudo o que podemos fazer, é tudo o que temos, nesses poucos anos preciosos.

— Não precisa ser poucos —, Ashra murmurou.

— Ah — disse a velha, como se entendesse. Seus olhos nublados voltaram para Jaden. — Mas o que é a vida se ela nunca acaba, se a promessa da morte não infunde a todo momento sua respiração inestimável e vivificante? Sempre acaba, mas se você perder de vista o fim, cada momento importa menos.

Os olhos dourados de Ashra se estreitaram. Ela balançou a cabeça e deu as costas para a velha. — Venha, Jaden. Nós terminamos aqui.

Ela saiu da casa da mulher sábia. A força e a certeza de seu passo não traíram a confusão que se formou em seu estômago. Ela mal esperou até que ela e Jaden fossem envolvidos mais uma vez na privacidade oferecida pela solidão antes de se voltar contra ele. — É assim que você vê minha vida? Sem sentido e sem alegria?



— É diferente quando você tem o para sempre. Sem a urgência, a necessidade de fazer com que cada momento conte...

— Você não entende nada. Toda decisão, todo momento conta para mim. — Ela cruzou os braços sobre o peito para afastar o frio repentino. — Seu humano estúpido e arrogante! Você acha que, porque sua vida termina, ela tem significado?

— O dever não oferece significado. Cada dia é um fardo para você.

O queixo dela caiu. — O que você, um humano de 28 anos, sabe de responsabilidade? Sua disposição de ficar entre sua irmã assassina e uma Icrathari é mais uma declaração de sua irracionalidade do que de seu compromisso com o dever. O que você é comparado aos vampiros que trabalham há séculos para defender os humanos que os odeiam e os temem? — Ela apontou um dedo para o peito dele. — Até que você escolha defender mais do que sua própria espécie lamentável e julgadora, até que você entre na linha de fogo para



sustentar uma visão da qual discorda apenas por amor, você não tem o direito de me julgar.

Uma toque irritante pulsou em sua cabeça. As sobrancelhas dela se uniram e olhou para a torre. — Siri ativou o farol de emergência. Algo aconteceu, tenho que ir. — Ela tirou a capa, abriu as asas e foi ao ar.

— Ashra!

Ela lançou um olhar por cima do ombro. Suas asas bateram no ar, o ritmo lento mantendo-a no ar.

Jaden estendeu a mão para ela. — Leve-me com você.

Ela fez uma careta. — Por quê? Não temos mais nada a dizer um ao outro.

— Nós nem começamos a conversar.

— Não podemos preencher a lacuna entre nós.

— Nós nem tentamos.

— Você fez, tentando envergonhar-me e desprezar os quatro mil anos da minha vida.

— Não, isso não é...

— Eu não ligo se é isso que você pretende fazer. É o que você quase



conseguiu fazer. — O ângulo de suas asas mudou, girando-a no ar.

Ele a chamou. — Quero mostrar a você como os seres humanos são diferentes, como será melhor para nós dois se você me deixar te amar como humano.

Amor.

Suas palavras a sacudiram. Suas asas dobraram contra suas costas. Ela aterrissou sem um som e foi até ele. — Melhor? Sabendo que posso te perder algum dia?

— Nem mesmo os vampiros ou Icratharis são imortais.

— Mas vivemos até sermos mortos. Não envelhecemos ou morremos de doença. O infinito está ao nosso alcance. Tudo o que você tem são oitenta anos, talvez menos.

— Oitenta anos, vividos com propósito, com alegria, são suficientes para mim.

Ela balançou a cabeça. — Não para mim.

Ele pegou a mão dela. Ela o deixou, sabendo que poderia arrancá-lo a qualquer momento. Por quanto tempo se contetaria, desse humano fraco e frágil que presumiu que sua vida útil, escassa e o amor temporal



que ele oferecia seriam suficientes para ela? O alarme pulsou em seu crânio mais uma vez. Ela soltou o pulso do punho dele, o pegou pela cintura e o puxou para o ar.

— Esta discussão não acabou —, alertou.

— Claro que não. — Ele ofereceu-lhe um sorriso enganosamente amável. — Podemos conversar sobre isso nos próximos 52 anos.

Uma pontada aguda perfurou seu coração. Para Jaden, oitenta anos não estavam muito longe, se ele ainda vivesse tanto tempo. Suas asas bateram, carregando-os até a torre.

Em instantes, chegaram à suíte dela. Ashra soltou Jaden e caminhou até sua mesa. Ela acionou o comunicador. — O que aconteceu?

— Encontre-me no motor um. — Pânico atado à voz de Siri. O suave borrão de estática do comunicador fracassou em silêncio.

Ashra virou-se para a porta. — Venha, Jaden.

Ele não se mexeu. — Você está perguntando ou apenas comandando?



Seus olhos dourados se estreitaram em fendas. — Se você pretendia vir de qualquer maneira, importa se era uma pergunta ou um comando?

Sua risada ecoou com resignação divertida.

Ela passou um braço em volta da cintura dele. Suas asas abriram-se e bateram, levantando os dois no ar. Ela o carregou pelo poço central e o depositou no nível mais baixo, que percorria toda a extensão da cidade.

Doze grandes salas de máquinas dominavam a maior parte do espaço, e as celas de retenção agrupavam-se ao redor do perímetro. Ashra liderou o caminho através do labirinto de corredores até o primeiro motor, localizado no extremo oeste.

Siri os encontrou do lado de fora das portas duplas da sala de máquinas. Suas asas grandes tocaram e tremeram com seus movimentos rápidos e nervosos. — Entre. — Ela os conduziu para a sala e depois trancou a porta.



A vampira Xanthia estava atrás de um grande motor cilíndrico. A respiração dela bufou em um suspiro de alívio. — Bom, os dois. Por aqui. — Ela liderou o caminho através da sala, passando pelo enorme motor que girava o ar superaquecido pelas lâminas rotativas. O ar jorrou dos respiradouros em uma torrente invisível, mantendo a cidade no ar.

Xanthia parou na frente de uma porta não marcada. — É aqui que armazenávamos nossos capacitores de energia —, disse antes de abrir a porta.

— Armazenavam? — Jaden perguntou, aparentemente percebendo o passado.

— Vim à meia hora atrás para carregar um capacitor novo, mas... — Xanthia acenou com a mão para os capacitores em ruínas, cada um do tamanho de um torso humano.

Os olhos de Ashra estreitaram-se. Ela inclinou-se para examinar o dano em um deles. — São marcas de garras?

Siri assentiu. — Parece, embora eu não saiba se é vampiro ou Icrathari. Se é um



vampiro, teria que ser um dos mais velhos para rasgar tão facilmente o aço.

— A porta foi forçada? Quem tem acesso ao quarto?

— A porta estava fechada —, respondeu Xanthia à pergunta de Ashra. — E os únicos com acesso ao depósito são os quatro Icratharis e eu.

Sabotagem. Ashra cerrou os dentes e voltou a concentrar a atenção na crise imediata. — Alguma coisa pode ser recuperada?

Xanthia torceu as mãos. — Não, eles não podem. Nós...

— Quanto mais de energia ainda temos?
— Ashra perguntou.

— Somente o que resta no capacitor atual e está acabando. Não vai durar esta noite.

— E a que distância da estação de carregamento solar mais próxima?

Siri interrompeu. — Podemos chegar a 20 quilômetros, mas ainda faltam duas horas para o amanhecer.



— Isso deve ser tempo suficiente para uma equipe de batedores trocar os capacitores.

— Por pouco, considerando que eles serão sobrecarregados por capacitores, e isso pressupondo que a estação de carregamento solar não esteja danificada como as anteriores. O menor atraso e seremos apanhados pelo sol sem cobertura por quilômetros ao redor.

— O que acontecerá com a cidade se estiver presa à luz do dia? — Jaden perguntou.

— Eu não sei —, disse Siri. — Nunca estivemos e prefiro não descobrir. Temos estações de carregamento instaladas a cada cem milhas, mas, ultimamente, os Daevas as atacam. Na semana passada, eles destruíram os marcadores 107 e 210. Tivemos que parar a cidade para consertar as estações e depois queimamos combustível para ficar a oeste do sol. Nossas reservas de energia foram reduzidas, e agora isso. — Ela olhou para Ashra. — O que faremos?



— Nós viajamos o mais longe que podemos e depois enviamos os batedores para trazer os capacitores de volta.

Jaden olhou para Siri. — Como são essas estações de carregamento solar?

Siri foi até um console, digitou alguns comandos e uma imagem de grandes painéis prateados suportados por uma estrutura semelhante a um moinho de vento apareceu na tela. — Os painéis capturam o calor e a luz do sol, e o transformador abaixo carrega a energia em capacitores que trocamos toda vez que passamos pela estação de carregamento.

Jaden assentiu. — Eu ajudo. Diga-me como são os capacitores e o que preciso fazer.

Xanthia empurrou Siri para longe do console. As pontas dos dedos traçaram linhas na tela enquanto ela falava. — Você precisará verificar se há danos externos antes de desaparafusar e abrir o painel. A última coisa que você quer é lidar com o vazamento do fluido estabilizador.



Por alguns instantes, Ashra observou a conversa silenciosa e depois arrastou Siri para um canto da sala. Ela olhou para Siri, que usava o cabelo curto em um corte elegante que emoldurava seu rosto.

O Icrathari que Ashra vislumbrou na caverna tinha cabelos curtos.

Siri, a mão de Ashra... ela controla grande parte de Aeternae Noctis. Ela teria traído a mim e a cidade?

No entanto, a falta de evidências impediu as acusações na ponta da língua de Ashra. O que ela precisava era de um teste e confirmação da lealdade de Siri. — Quero que você verifique se há energia suficiente no capacitor restante para manter os escudos da cidade e manter a cidade no ar enquanto eu estiver fora.

Siri assentiu. — Sim, claro. Teremos sensores completos, defesas completas.

— Você está no comando enquanto estou fora. Vou garantir que Tera e Elsker entendam. Eu quero que você sele a cidade. Ninguém entra ou sai.



Siri balançou a cabeça. — Eu não acho que você deveria ir. Tera e seus guerreiros...

— Não. A cidade está muito vulnerável. Você precisa de Tera aqui, só por precaução. Vou levar Jaden, Dana e Harrod.

— Mas Jaden é humano.

— Já reparei.

— Ele não consegue acompanhar.

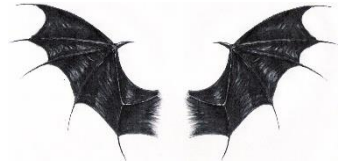
Ashra lançou um olhar por cima do ombro para o homem que poderia ter sido muito mais, mas queria permanecer humano. — Ele tentará, independentemente. Quanto tempo temos antes de tudo parar? Duas horas?

— Mais ou menos.

Ashra assentiu, quase certa de que a profunda onda de pânico aninhada em seu estômago não aparecia em seu rosto. — Estaremos prontos.



Capítulo 15



Ashra inclinou-se para calçar um par de botas de couro, antes de virar-se para examinar seu reflexo no espelho. A armadura de couro marrom escuro de Tera se encaixava perfeitamente em Ashra, deixando apenas o rosto e as mãos descobertos. As finas placas de aço embutidas no decote alto e no peito, embora desconfortáveis, proporcionavam uma medida de proteção e um lembrete constante de que até um imortal poderia morrer.

Ela juntou seus longos cabelos em um nó apertado, inserindo alfinetes estreitos para manter os fios sedosos no lugar. A mulher no espelho que a encarava não era uma que reconheceu. Ashra era a rainha de Aeternae Noctis, que esvoaçava pela cidade com vestidos e sandálias brancas frágeis, não



essa criatura de rosto severo vestida para a guerra. Ela parecia com Tera.

No entanto, os tempos eram desesperadores e suas necessidades eram grandes.

Não havia maiores evidências disso do que quando um humano frágil era encarregado de fazer o que os vampiros normalmente teriam feito.

Ela olhou através de sua suíte para Jaden, que estava de costas para ela olhando pela janela a cidade adormecida. Tera encontrou um conjunto de armadura de couro para ele, uma figura arrojada nela, embora sua pele bronzeada traísse sua humanidade. Suas lâminas gêmeas estavam embainhadas em bainhas que cruzavam em suas costas.

Aparentemente sentindo o olhar dela, virou-se para ela, um leve sorriso de apreciação curvando seus lábios. — Você está maravilhosa.

— Tera é mais do seu tipo? — Ela perguntou, sua voz mal humorada.



Ele sorriu. — Eu gosto de mulheres em couro e seda. — Ele caminhou até ela, levantou o queixo e inclinou-se. Seu hálito quente provocou sua pele antes que sua boca procurasse a dela. Ela fechou os olhos, afundando no beijo e a sensação dos braços dele apertando-a. O desejo enrolou-se em seu âmago, ondulando em sua espinha e agitando suas asas.

Ele riu baixo. — Mulheres bonitas inspiram homens, mas o que te inspira?

A resposta veio instantaneamente. *Rohkeus*. Ela afastou-se dele, mas ele a pegou pelo pulso antes que pudesse dar as costas para ele. Ela olhou rapidamente para encontrar os olhos verdes dele.

A expressão parecia triste, de alguma forma. — Estou aqui agora. — Murmurou.

Ele deve ter percebido que ela oscilava entre ele e seu ex-amante, entre o presente e o passado. Era irritante ser tão transparente.

— Há um problema aqui? — A voz de Elsker perguntou da porta.

Ela puxou a mão das mãos de Jaden. — Não, estamos bem. O que houve Elsker?



Ele usava um sulco profundo entre os olhos. — Espero convencê-la dessa loucura.

— Isso tem que ser feito.

— Sim, claro, mas não por você.

— Siri tem que administrar a cidade, Tera tem que defendê-la.

Elsker abriu as mãos. — Você é nossa rainha. Não deve se arriscar. Eu posso ir.

Ashra olhou por cima do ombro para Jaden. Ela abriu a boca, a ponto de aceitar a oferta de Elsker, e depois se conteve. Se algo acontecesse com Jaden, ela culparia Elsker para sempre. Ela balançou a cabeça. — Vai ficar tudo bem.

Elsker apertou os lábios e balançou a cabeça, mas não discutiu mais. Ele a abraçou rigidamente e depois deu um passo para trás. — Boa sorte.

— Voltaremos em duas horas.

Juntos, Ashra e Jaden pegaram o elevador até o nível mais baixo e saíram para encontrar Dana e Harrod esperando, cada um segurando dois capacitores vazios. Ashra liderou o caminho para a curva oriental da



cidade e entrou na sala dominada por painéis de aço colocados no chão.

Tera, acompanhada por dois guerreiros, entrou na sala. — Estou aqui para lhe dizer adeus e boa sorte —, disse ela. Ela inclinou-se para abraçar Ashra. — Mantenha-se a salvo.

— Nós vamos. Quando eu voltar, discutiremos a expansão de nosso exército para incluir humanos.

Os olhos de Tera se arregalaram. — O que? — Sua única pergunta soou como uma maldição.

O zumbido baixo dos motores da cidade ficou em silêncio. A cidade havia parado. Ashra sorriu levemente. — Vamos. — Ela olhou para o scanner biométrico brilhante. Depois de um momento, a luz vermelha mudou para verde e a fechadura pesada abriu. Os painéis do piso se separaram. Um sopro quente de ar flutuou através da abertura, um lembrete, como se ela precisasse de um, do clima inóspito fora da cúpula.



Ashra lançou um último olhar por cima do ombro. — Mantenha a cidade segura.

Tera assentiu em reconhecimento, mas seus olhos estavam preocupados.

Ashra voou para fora. Os vampiros e Jaden saltaram da cidade e pousaram no chão quente e árido. A única reação de Ashra foi um arco da sobrancelha. A aterrissagem de Jaden foi tão graciosa e silenciosa quanto a dos vampiros. Seus reflexos eram tanto do treinamento dele como um guerreiro quanto do presente do sangue dela. Apesar das terríveis previsões de Lucas, as costas de Jaden se recuperaram do ataque cruel dos Daevas. Seus músculos foram restaurados, sua pele sem uma mácula.

Jaden percebeu que não era mais inteiramente humano?

Se ele percebeu, não deu nenhuma indicação. Ele olhou para o lado de baixo da cidade agora parada, com uma expressão de reverência.

A três quilômetros de ponta a ponta, protegida sob uma cúpula, Aeternae Noctis



era um feito da engenharia, que nunca seria replicado. Os planos existiam apenas na mente de Rohkeus e pereceram com ele.

— Jaden —, Dana lembrou o filho com uma palavra calma. — Pegue isso. — Ela entregou a ele um dos capacitores vazios, olhou para o dispositivo de rastreamento que segurava e depois olhou para a paisagem inexpressiva. — Siga-me.

A líder de escolta estabeleceu um ritmo acelerado, correndo para o oeste. Ashra voou sobre o céu, procurando por Daevas no horizonte, mantendo um olho na pequena equipe de vampiros e um humano que corria pelo terreno seco. Por si própria, ela poderia ter chegado à estação de carregamento solar em uma fração do tempo, mas era muito arriscado sem o apoio do solo. Ansiosa, viu o horizonte clarear enquanto o tempo corria contra eles.

A estrutura da estação de carregamento solar apareceu ao longe, seus seis grandes painéis inclinados para o leste, em antecipação ao sol nascente. A respiração dela estremeceu, um suspiro quieto e



aliviado escapou. Ela circulou a estação e permitiu-se ter esperança.

Ela havia completado outro ciclo apertado da área quando os vampiros chegaram à estação de carregamento solar. Ela pousou levemente ao lado deles quando Jaden empurrou para frente. Ele estava respirando com dificuldade, suor brilhando em sua pele. Seus olhos verdes estavam frios e focados quando puxou as ferramentas de sua pequena mochila. Ele colocou a chave de fenda no primeiro dos seis parafusos que prendiam o painel.

— Você sabe o que fazer? — Ela perguntou.

— Xanthia explicou isso.

Pequenos flashes de luz pulsavam da chave de fenda em uma seqüência precisa que correspondia ao código de segurança incorporado no parafuso. Pontas minúsculas emergiram da cabeça do parafuso, prendendo o parafuso na chave de fenda. Jaden girou a chave e o parafuso soltou-se.

Minutos depois, ele soltou os seis parafusos na mão de Dana, guardou a chave



de fenda e puxou o painel. Um sorriso apareceu em seu rosto. — Não parece danificado. — Ele alcançou, manobrou um dos capacitores para fora da estação de carregamento e entregou-o a Harrod, trocando o capacitor completo por um vazio, que inseriu em seu lugar.

O sussurro da areia movediça respirava pelo canyon. Ashra olhou em volta bruscamente.

— Eu também sinto —, disse Jaden, sua voz concisa. Ele entregou o segundo capacitor a Dana e depois um terceiro.

Um aglomerado de sombras ao redor de uma pilha distante de pedras mudou para a forma de asas de morcego.

— Daevas! — Ashra foi ao ar.

Jaden puxou o quarto capacitor da estação de carregamento e o jogou para Harrod. Ele virou-se, puxando suas duas lâminas. — Corra! — Ele ordenou a Dana e Harrod, que mantinham os capacitores totalmente carregados. — Vou segurá-los.

Daevas, com os olhos brilhando em amarelo e presas à mostra, lançaram-se aos



vampiros em retirada em uma enxurrada de asas e garras, mas Jaden jogou-se entre eles. Ele tirou suas lâminas cortando pele e carne. Por duas vezes, ele caiu sob o ataque pesado, mas reapareceu sob o emaranhado de membros, suas espadas brilhando como armas vivas. O sangue fluía, dourado, não vermelho.

Ashra abateu as fileiras dos Daevas, rasgando asas e enfraquecendo alguns deles, deixando-os vulneráveis ao ataque de Jaden. Ela lançou um breve olhar para os dois vampiros, já minúsculos ao longe. Ela arrancou a cabeça dos ombros de uma Daeva. Com um sorriso malicioso, seus pálidos olhos dourados brilhando, ela o jogou em outro Daeva, maior que os outros.

Um anel de prata brilhava em seu dedo. O Daeva sibilou, suas asas enormes batendo. Deve ter soado um retiro. Os Daevas que ainda podiam voar agrupavam-se ao redor e, juntos, desapareceram no escuro céu noturno.



Ashra pousou ao lado de Jaden e o ajudou a acabar com os Daevas feridos. — Rápido. Temos que alcançar os vampiros.

Jaden assentiu. — Continue. — Ele inclinou-se e limpou as espadas nos trapos de uma Daeva. — Eu tenho que colocar o painel de volta.

— Deixe assim.

Ele pegou o painel e procurou no chão os parafusos que Dana havia deixado cair. — Não podemos permitir que eles acessem nossa tecnologia. Vai demorar dois minutos. Continue. Vou me atualizar.

Ela revirou os olhos. — Eu voo mais rápido do que você corre.

Ele sorriu, mostrando dentes brancos. — Farei uma tentativa heróica de acompanhar. — Ele trabalhou enquanto falava, os dedos girando os parafusos no lugar.

O chiado de uma Daeva cortou o silêncio da noite. Jaden olhou na direção do som. — Eles estão indo atrás de Dana e Harrod. Vá.



Ela obedeceu instintivamente, mas se conteve, parando após duas batidas de asas. Como ela poderia deixá-lo desprotegido?

Ele não olhou para ela. Sua testa estava franzida, sua atenção focada em proteger o painel aberto no sistema de carregamento solar. — Vá, Ashra.

Ela virou. Suas asas grandes bateram, e ela partiu atrás de Dana. Sua respiração ficou presa quando viu o grupo de Daevas atacando os vampiros. Harrod correu, agachado sobre as vasilhas. Dana apareceu na retaguarda e foi a primeira a pegar os Daevas. Ela deixou cair as latas atrás de uma pilha de pedras e pegou sua espada.

— Corra! — Ashra ordenou enquanto mergulhava no aglomerado de Daevas pairando sobre a paisagem queimada.

Dana pegou as latas e afastou-se.

Os Daevas espalharam-se como pardais fugindo de um falcão, quando viram Ashra. Eles giraram pelo ar em uma corrida de pânico para ficar fora do alcance de suas garras. Ela era mais rápida, mais forte e não precisava hesitar por medo de derrubar um



aliado aéreo. Sua única defesa estava no caos organizado de um rebanho. Para cada um que ela arrancou do céu, suas asas de couro rasgaram violentamente, duas escaparam em perseguição a Dana e Harrod.

Os dois vampiros não pararam para atacar os Daevas. Seu único foco era a velocidade, seu verdadeiro inimigo, o sol. Ashra olhou para cima. Ao longe, Aeternae Noctis reluzia contra o brilho do horizonte oriental.

Pelo menos doze quilômetros...

Ela rangeu os dentes.

Faltava menos de meia hora para o amanhecer.

Um grande Daeva afastou-se das garras de Ashra. Suas asas bateram, carregando-o para longe dela, e gritou. A seu comando, os Daevas restantes recuaram, voando para o sul.

Ashra eliminou o instinto predador de perseguir presas em fuga, ela tinha que encontrar Jaden.

O uivo de um Daeva ultrajado rasgou a noite. Ashra girou no ar. O queixo dela caiu.



Um Daeva balançou no ar em sua direção, batendo como um cavalo enlouquecido. Jaden, segurando seus ombros ossudos, montou o Daeva centenas de metros no ar. Como uma marionete nas cordas, ele balançava e empurrava a cada movimento, mas conseguiu ficar nas costas do Daeva até que ele disparasse pelo ar.

Ela ofegou. Seu estômago imitava a cambalhota.

Jaden aguentou o primeiro giro. O segundo giro o fez cair das costas do Daeva, mas ele agarrou a ponta da asa.

Sessenta e cinco metros abaixo, o chão acenava. Sujeira densamente embalada, cravejada por pedras afiadas, prometia um pouso doloroso.

O Daeva rosnou. Suas asas enormes bateram, enquanto giravam em acrobacias aéreas.

Ela já estava aproximando-se dele quando o Daeva o jogou fora. Como uma boneca de pano descartada, ele foi jogado no chão. Seu grito de terror cru surgiu no ar.



A fricção do vento queimava pontadas de calor em sua pele. A areia, erguida de sua corrida frenética para alcançá-lo, marcou seus olhos.

Ela o agarrou a um metro do chão e circulou duas vezes para diminuir sua velocidade antes de aterrissar. Seus batimentos cardíacos acelerados transformaram-se em um baque calmo e constante no momento em que o segurou em seus braços. Ela reprimiu uma risada enquanto embalava o homem trêmulo em seus braços, um homem que sem medo montava em um Daeva, mas que ainda tinha que se desenrolar de uma bola fetal.

— Jaden? Você está bem?

Ele balançou sua cabeça. Seus olhos permaneceram fechados e sua garganta continuou fechada por vários momentos antes de forçar as palavras trêmulas. — Eu odeio voar.

— Então por que você montou no Daeva? — Ela nem queria imaginar a quantidade de luta necessária para montar um Daeva raivoso.



Ele riu, o som instável, mas afiado com humor. Ele abriu os olhos e, pela primeira vez, ela viu Jaden e não Rohkeus nas impressionantes profundezas verdes salpicadas de ouro, um humano, não um Icrathari, mas tão fácil de amar. Ele sorriu. — Eu disse que iria me atualizar.

— Voar é fácil, aterrissar que é difícil. — Ela o levantou. Ele cambaleou contra ela. Ela demonstrou simpatia, mas o som oscilou perigosamente perto de uma risadinha. — Você pode correr ou quer que eu carregue você?

Ele a afastou. — Vou rastejar antes de voltar ao ar.

Naquele momento, ela não conseguiu engolir a risada. — Bem. Veja se você consegue acompanhar. — Era cruel isca-lo, mas seu amante, tão ousado, tão teimoso, era fácil pegá-lo se precisasse.

Ela subiu e circulou em grandes voltas, mantendo os olhos nos vampiros correndo à frente, e Jaden vindo por trás. Ela notou com um leve tremor, mais do que acompanhando, ele estava ganhando dos



vampiros, uma impossibilidade absoluta para um humano.

Ele lutou contra vários Daevas e saiu ileso quando, meras quarenta e oito horas antes, cinco Daevas o espancaram brutalmente de joelhos.

O sangue dela estava tomando conta, transformando-o. Finalmente, ele tinha um corpo capaz de acompanhar a ousadia de seu espírito e as exigências de suas circunstâncias, um corpo que não era humano nem vampiro. No que ele estava se metendo? Mais importante, ele sabia ou se importava?

Ela passou correndo pelos vampiros e deu a volta. A respiração ofegante dos vampiros quebrou o silêncio enquanto empurravam seus corpos a velocidades extremas.

A lasca de luz no horizonte aprofundou-se em um brilho forte. O ar esquentou. A superfície curva da cúpula brilhava como ouro, enquanto o sol avançava acima do horizonte.



Em menos de cinco minutos, os raios de sol penetrariam em Aeternae Noctis.

Eles ainda estavam a uma milha da cúpula. Estavam quase sem tempo.

Do norte, um tremor baixo ondulou no ar. Ashra lançou um olhar por cima do ombro. O céu escureceu quando enormes asas de morcego bloquearam a luz nascente do sol. Daevas fervilhava em números que faziam os ataques anteriores parecerem grupos de observação. Ela mostrou seus incisivos alongados; instintos predadores finalmente afiados anularam a agitação de pânico em seu estômago. Suas unhas peroladas se estenderam em garras curvas quando se virou para encontrá-las, mas um grande número de Daevas a ultrapassou e mergulhou atrás dos dois vampiros.

No ar, Ashra rasgou a parede de Daevas que caíam em sua direção. Suas garras cortaram indiscriminadamente. Gritos de terror perfuraram o amanhecer. Sangue dourado pingava no chão.



A temperatura subiu. O calor tornou-se sufocante. O brilho deslumbrante do sol nascente obliterava a linha do horizonte.

A cidade a minutos da incineração.

Droga! Onde estava Tera? Eles estavam tão perto da cidade. Certamente a batalha deles seria observada. Certamente a ajuda viria.

Harrod gritou quando dois Daevas o puxaram para o ar. Ashra foi em seu auxílio, mas dois outros Daevas o alcançaram primeiro. Eles agarraram suas pernas. Com gargalos hediondos e um puxão cruelmente afiado, eles o rasgaram em quatro. Seu sangue espirrou na armadura de Ashra.

Ela inspirou fundo e gritou. Seu grito de guerra destruiu a noite.

Os Daevas recuaram e espalharam-se com medo da fúria de Ashra. Os pedaços do corpo de Harrod caíram no chão. Uma faixa escura atravessou o terreno arenoso. Jaden. Ele passou pelos Daevas, jogando-os com seu maior peso, velocidade e impulso.

— Ashra!



Ela instintivamente pegou um capacitor brilhante que Jaden jogou para ela. Outro capacitor o seguiu.

— Leve-os para a cidade! Vá!

Suas asas bateram, levando-a para fora do alcance assassino dos Daevas. Eles correram atrás dela, mas ela era mais rápida. Alguém a alcançou, o Daeva com anéis de prata. Ele bateu com suas garras, rasgando o abdômen de Ashra.

A dor brilhou branca em sua visão.

Ashra agarrou a parte superior do capacitor com uma mão e girou-a. Esmagou o a face do Daeva. Ossos quebraram com o impacto. Com um lamento, o Daeva caiu, suas asas bateram em apressada retirada.

A entrada selada de Aeternae Noctis abriu, a fissura alargou-se. Ashra levantou-se, dobrando as asas para passar pela porta estreita. Ela jogou as vasilhas nas mãos de Siri e Xanthia. — Onde está Tera, droga?

Os olhos de Siri estavam arregalados. Ela empurrou o capacitor em Xanthia. — Carregue-os. Mova a cidade. Vou encontrar Tera. — Ela pegou o pulso de Ashra. —



Não, você não pode voltar. Você está machucada.

Ela olhou para baixo. Seu sangue dourado escorria através da sua armadura de couro.

Ashra puxou a mão. — Jaden está lá fora.

Ela mergulhou pela abertura estreita e entrou em um denso grupo de Daevas. Ela não parou para lutar. Como um míssil, passou por suas fileiras, saindo do outro lado. Seu coração pegou quando viu Jaden e Dana, lutando lado a lado. Jaden espetou um Daeva na ponta da lâmina e depois inclinou-se para pegar os dois capacitores restantes do chão. Ele os jogou para ela.

Os primeiros raios do sol irromperam no horizonte, queimando através da atmosfera fina como raios da morte. Os Daevas gritaram, suas asas de morcego tremulando em pânico quando se afastaram de Jaden e Dana, e dispararam para o oeste, correndo à frente do sol.

Ao ar livre, sem esperança de abrigo, Jaden puxou Dana para o chão e agachou-se



sobre ela. Ele lançou um olhar por cima do ombro. Mesmo a essa distância, Ashra podia ver a dor gravada em seu rosto. — Vá! Você está sem tempo.

Seu comando a colocou em movimento. O calor abrasou sua pele quando voltou a Aeternae Noctis com os preciosos capacitores. Um som baixo ecoou no ar, um prelúdio para a explosão inicial de jatos superaquecidos de ar que sopravam dos propulsores. Como um gigante pesado, a cidade mudou de movimento. Seus enormes motores giravam, ela ganhou velocidade rapidamente, deixando Jaden e Dana para trás.

Ashra subiu na cidade. Um enxame de rostos, vampiro e Icrathari, estavam reunidos na entrada. Onde eles estavam quando precisou deles? Ela jogou os capacitores nas mãos dos vampiros que estavam esperando e se virou.

Tera agarrou o braço dela. — Você não pode. É tarde demais.

As palavras, proferidas com calma, acenderam a fúria de Ashra. Sua visão ficou



turva em uma névoa vermelha. Ela cortou. Suas garras, já pingando sangue Daeva, rasgaram o rosto de Tera. Ela virou-se e se lançou para fora da cidade.

O chão oscilou dentro e fora de foco quando a escassa água no chão evaporou em ondas de ar. Sua pele estava fumegando quando alcançou as duas figuras amontoadas no chão. Ela puxou Jaden de joelhos, mas ele empurrou Dana para ela. — Pegue minha mãe —, ele forçou as palavras através de seus lábios rachados.

Seu olhar varreu o vampiro. O rosto de Dana estava contorcido de agonia. O sangue derramado por seus ferimentos evaporou antes de atingir o chão. Pedacos de carne carbonizada caíam de seus ossos. Seu peito cedeu com seu último suspiro.

Ashra fechou os olhos para testemunhar a morte que todos os vampiros mais temiam. Ela pegou Jaden, mas ele afastou-se, os olhos arregalados de descrença, o rosto torcido de angústia. — Não. Minha mãe.



Grandes asas batiam no ar atrás dela. Tera voou acima, bloqueando o sol. Siri voou abaixo, pegou o corpo de Dana e correu de volta para Aeternae Noctis. Quando Ashra alcançou Jaden novamente, ele não resistiu.

Ela foi ao ar. Suas asas negras fumegavam sob a implacável luz do dia. Mais rápido. Ela varreu a luz do sol para as sombras e a parte inferior fria de Aeternae Noctis. A cidade acelerou para longe do sol, mas os Icrathari eram mais rápidos, apesar de seus pesados encargos. Siri desapareceu na abertura que levava à torre. Ashra voou atrás dela.

A sala estava cheia de corpos em movimento. As emoções intensas e o baixo murmúrio de vozes irritaram seus nervos. — Fora! — Ela jogou a palavra como uma maldição.

Os vampiros amontoaram-se ao redor do cadáver queimado de Dana e saíram correndo da sala, mas Siri e Elsker mantiveram-se firmes. Ashra gentilmente abaixou Jaden no chão. Ele rolou para o



lado e empurrou um cotovelo. Seus movimentos eram lentos e doloridos, mas ainda estava em movimento. Sua pele, onde estava exposta, havia queimado até um bronzeado profundo, mas como humano, ele não possuía a sensibilidade aguda de um vampiro à luz solar.

Ele arrastou-se para o corpo enegrecido de sua mãe. Ele curvou-se sobre ele, seus ombros tremendo com soluços silenciosos.

Tera voou pelas portas que se fechavam lentamente. Ashra fechou o coração com os sons calmos da dor de Jaden e girou para encarar a senhora da guerra ilcrathari.

As asas de Tera estalaram em toda a envergadura de três metros antes de dobrar contra suas costas. Os arranhões que Ashra havia marcado em seu rosto já estavam desaparecendo, mas seu queixo estava apertado. Ela lançou um olhar para o corpo de Dana. A tristeza brilhou quase imperceptivelmente sobre suas feições, mas a emoção mais suave desapareceu no calor de sua raiva. — Você me forçou a arriscar minha vida por uma vampira morta?



O queixo de Ashra caiu. — Forcei você?

A voz de Tera era baixa, mas vibrava com fúria. — Era tarde demais. Eu disse que era tarde demais, mas você me golpeou e saiu por aí arriscando sua vida, arriscando todas as nossas vidas... e para quê? — Ela apontou para Jaden. — Você está tão apaixonada por ele que não consegue pensar direito. Como podemos confiar em você para nos liderar quando tudo em que você está focada é salvar a vida de um humano?

— Como você ousa! Onde você estava quando estávamos lutando por nossas vidas a uma milha de distância de Aeternae Noctis?

— O que? — Os olhos de Tera se arregalaram.

— Cinquenta Daevas, o suficiente para escurecer o céu. Eles nos atacaram, esquartejaram Harrod. Procurei ajuda na cidade, mas ninguém veio.

Tera olhou para Siri, Siri olhou para Elsker. Ele balançou sua cabeça. — Os sensores não pegaram nada.



— Nada? — O lábio superior de Ashra curvou-se na sugestão de um rosnado. — Cinquenta Daevas a uma milha de Aeternae Noctis, e você não viu nada?

Ele levantou as mãos. — Só posso lhe dizer o que os sensores relataram.

Ashra virou-se para Siri. — Você disse que havia energia suficiente nos capacitores para manter as defesas da cidade e manter seus sensores funcionando enquanto eu estava fora.

A testa de Siri franziu. — Sim, havia.

— Então o que aconteceu? — Ashra exigiu.

— Eu não sei. — Siri franziu a testa e cruzou os braços sobre o peito. — Você está implicando com isso?

— Os capacitores estão destruídos. Os sensores falharam. — Ashra foi até Siri. Ela rangeu os dentes contra a dor pulsando em seu torso. — Você é responsável por administrar esta cidade. O que diabos está acontecendo?

Siri recuou até as costas baterem na parede. As asas dela tremeram.



Elsker colocou-se entre Ashra e Siri. — Ashra, não deixe que ele faça isso com você.

— O que? — O olhar dela disparou para o rosto de Elsker.

— Não deixe ele te virar contra nós. Se alguém é o catalisador, é ele. — Elsker apontou um dedo para Jaden. — Você não vê? Tudo começou com ele. Na última lua cheia, a cidade funcionava perfeitamente, nossas defesas estavam intactas. Agora, apenas uma semana depois, estamos fugindo do sol com apenas alguns segundos de sobra. Por mil anos, sustentamos e protegemos esta cidade e, em uma semana... apenas uma semana, desde que o humano entrou na torre, oscilamos de desastre em desastre. — O rosto dele ficou tenso. — Em uma semana, ele virou você contra nós, contra nós três que trabalhamos ao seu lado por um milênio a serviço de Aeternae Noctis.

Tera, de rosto sombrio, assentiu.

Jaden levantou-se, seus movimentos lentos revelando indícios de dor extrema. —



Você superestima o tipo de dano que posso causar em uma semana.

— Sua irmã é a escolhida, não é? — Elsker exigiu. — Aquela que foi profetizada que iria terminar a noite eterna e o reinado dos Night Terrors? Quais foram todos esses eventos, se não um passo mais perto do fim da noite?

— Não podemos sobreviver durante o dia, melhor do que os vampiros. — Jaden olhou para o corpo carbonizado de sua mãe. Sua voz tremia, quebrada pela dor. — Por que terminaríamos a noite?

— É tudo o que vocês humanos tentam fazer á centenas de anos.

— Porque não sabíamos a verdade. Você não nos deu a chance de vê-los como algo além de sequestradores.

A boca de Elsker puxou um sorriso de escárnio. — E acha que vocês, humanos, tão insulares, tão supersticiosos, vão desistir de suas crenças de longa data.

— Sim, porque mais do que os vampiros e Icratharis, entendemos a transitoriedade da vida e das crenças. Nós podemos mudar.



— Você é humano. Durante séculos, você tentou destruir o que os Icratharis e os vampiros lutaram para sustentar. Ashra, certamente você deve ver que ele não é um de nós. Tera?

Tera inalou. — Ele influenciou você, Ashra. Ele manda, você obedece. Se não fosse por ele, você nunca consideraria um exército humano.

Estilhaços de frio atravessaram Ashra, irradiando para fora do ferimento que o grande Daeva infligira. Ela apertou a mão contra as feridas ainda abertas no abdômen. — Não podemos defender esta cidade, Tera.

— Nós a defendemos por um milênio e, no entanto, depois que esse humano começou a sussurrar em seu ouvido, você duvida de mim. Você duvida do meu exército.

— Não duvido da sua coragem. Duvido dos seus números. O número de Daevas está na casa dos milhares. Você tem 23 vampiros e nenhum deles pode voar.



— Não há evidências de que o número de Daevas esteja na casa dos milhares. — Retrucou Tera.

As sobrancelhas de Ashra se uniram na sugestão de uma careta. — Ele os viu.

— E ele é o único que viu. — Apontou Tera friamente.

Garras geladas arranharam Ashra, avançando em direção ao seu coração. O que havia de errado com ela? Por que a lesão não estava cicatrizando? Ela caiu contra a parede. — Os Daevas nos atacaram quando procuramos os capacitores.

— Em dezenas, não centenas, e muito menos em milhares. Não há evidências da ameaça e não podemos aceitar a palavra de um humano.

— Por que não? — Jaden perguntou. — Não preciso minar a cidade.

— Sua irmã...

— Esqueça minha irmã. Esqueça a profecia. Eu vi o que está fora da cidade e sei que não há futuro para os seres humanos lá.



Elsker caminhou até Jaden. — A única ameaça que vejo aqui é você. Você virou Ashra contra todos nós.

Ashra bufou. — Há uma semana, ordenei que ele fosse morto, mas vocês três me pararam e agora decidiram que ele é uma ameaça? O que mudou?

Siri engoliu em seco. — Ashra, algo está errado. Você sabe. Todos nós também. O número de acidentes ocorridos na semana passada não pode ser coincidência.

As palavras de Siri se tornaram uma confusão incompreensível. Ashra fechou os olhos para o mundo que a rodeava. Ela colocou os braços em volta do estômago para afastar o frio que penetrava em suas extremidades.

A vertigem a agarrou. Escuridão entrou.



Ela perdeu a consciência antes de cair no chão.



— Ashra! — Jaden pulou para frente, mas Siri estava mais perto de Ashra e evitou sua queda.

O Icrathari pressionou os dedos contra as feridas abertas de Ashra e balançou a cabeça. — Algo está errado, os ferimentos dela não estão cicatrizando. — Ela pegou Ashra em seus braços e levantou-se. — Lucas pode ajudar. Vou levá-la para a enfermaria.

A cabeça de Jaden girou, a dor aguda de seus ferimentos colidindo com ele, mas seguiu Siri enquanto ela carregava Ashra da sala. Ele não poderia deixar Ashra sozinha com Siri, não se Siri fosse a traidora.

Elsker pegou seu braço, puxou-o de volta e o girou antes de bater contra a parede. O rosto do Icrathari masculino se contorceu de raiva. — Você não causou dano suficiente? Nunca deveríamos ter permitido um humano entrar. Colocamos essas leis em prática por um motivo. Nada de bom pode resultar de nossos relacionamentos com os humanos.



Jaden rangeu os dentes e forçou-se a falar através de uma cabeça latejando de dor. — Do que você tem medo, Elsker? Um mero humano, ou a lasca de Rohkeus que vive em mim?

Elsker virou a cabeça e cuspiu no chão. — Você não é Rohkeus.

Tera assentiu. Ela mudou seu peso, suas asas ondulando contra suas costas.

Jaden engoliu em seco. — Não, não sou, mas como Rohkeus, tenho uma participação na sobrevivência desta cidade e amo Ashra. Na sua ânsia de culpar alguém pelos eventos da semana passada, talvez a pergunta mais importante que você precise fazer é: por que alguém conspiraria para acabar com o reinado de Ashra?

Sua pergunta os silenciou.

A confusão passou pelo rosto da senhora da guerra Icrathari. Tera interrompeu o silêncio com uma inalação aguda. — Você tem uma maneira de ver o cerne da questão, humano. — Ela cuspiu a palavra como uma maldição. — Mas não posso dar a você liberdade na torre



enquanto procuro a resposta para a pergunta. Vou levá-lo para uma cela.

Elsker interrompeu. — Eu digo para o matarmos.

— Libere-o sob minha custódia, Elsker.
— A voz de Tera era baixa, cada palavra claramente enunciada.

Elsker lançou um olhar por cima do ombro para a senhora da guerra Icrathari de olhos estreitos. Ele afrouxou o aperto no braço de Jaden e deu um único passo para trás.

Jaden endireitou-se de sua queda exausta contra a parede e caminhou até a porta. Seus músculos doíam. Sua pele se esfregava sob a armadura de couro e a cabeça girava da superexposição ao sol. A pouca energia que havia sobrado, concentrou-se em colocar um pé na frente do outro, um passo de cada vez, sempre avançando. Ele estava vagamente consciente dos Icratharis que o seguiam, mas não prestou atenção a Tera. Não precisava da direção dela. Sabia o caminho para o elevador até as celas.



Ele passou pela porta selada da cela onde seu pai e seus outros companheiros humanos estavam presos, e entrou em uma cela vazia. As paredes estavam nuas e o único móvel no quarto era uma cama de estrutura de aço.

— Abaix-se. — Tera o jogou de joelhos ao lado da cama, soltou as correias que seguravam a bairha nas costas e tirou a armadura de couro. Ela chutou a armadura e as armas dele em uma pilha antes de prender um par de algemas ao redor do colchão e prender as algemas ao redor dos pulsos. — Não se preocupe em tentar se libertar. A cama está presa no chão.

Jaden não teve forças nem vontade de olhar para cima. Aparentemente, Tera não o considerava uma ameaça suficiente para remover suas armas da cela. Talvez ela estivesse certa. Ele caiu contra a parede, agradecido pelo calafrio que escorria através da fina camisa de algodão, oferecendo alívio à sua pele quente. Cansado e enjoado, ele fechou os olhos e esperou ser deixado sozinho.



— Eu não entendo. — A voz de Tera o tirou de seus pensamentos quebrados.

Ele ergueu o olhar para ela. — O que você não entende?

Ela ficou parada junto à porta, uma mão no quadril de couro. — Você a ama. Por que você não está lutando para ficar ao lado dela?

— Porque ficar ao lado dela mina sua percepção dela. Nós dois sabemos que em um momento de crise, Ashra não pode parecer fraca. Se ela não tem a lealdade inquestionável dos Icratharis e dos vampiros, ela não pode proteger a cidade.

— E você se afastaria por ela?

— Eu me afastaria por causa do meu povo —, disse. — Os Icratharis e os vampiros são tudo o que existe entre os humanos e os Daevas.

Ela rangeu os dentes, mas não disse nada.

Jaden soltou a respiração em um suspiro silencioso. — Cuide de Ashra. Mantenha-a segura.



A sobancelha de Tera franziu. — Claro. Ela está segura na cidade.

— Tem certeza?

Ela agarrou o pulso dele. — O que você está tentando dizer?

— Não sou eu quem está sabotando a cidade, Tera. Você sabe que não tenho motivos para fazê-lo. Alguém mais está, e até você encontrar o traidor, Ashra está em perigo.

— E você está convencido de que não sou a traidora.

— Você desafiaria Ashra a lutar até a morte, se você pensasse que ela estava levando a cidade a se perder, mas sabotar não é o seu estilo. Você é muito direta.

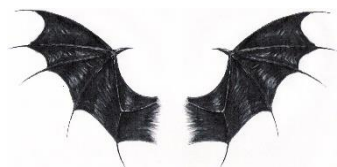
Ela olhou para ele.

— Proteja Ashra, por favor.

O rosto dela ficou tenso. Ela assentiu, virou-se e saiu da sala. A porta de aço se fechou atrás dela, abandonando-o ao silêncio de sua cela e seus pensamentos.



Capítulo 16



Ashra ignorou a batida na porta e olhou para seu reflexo no espelho. Sua pele branca tinha uma palidez cinzenta, embora Siri garantisse que estava bem e recuperando-se.

Quanto ela tinha perdido em uma semana fora? Segundo Lucas e Siri, esteve inconsciente por três dias enquanto trabalhavam febrilmente para drenar o veneno de seu corpo. O tempo restante havia passado em uma névoa de dor e sono inquieto.

Ela não tinha visto Jaden durante todo esse tempo.

Uma dor maçante pulsou através dela, mas ela o tirou de sua mente e concentrou-se na crise imediata. A balança de poder inclinara-se para favorecer os Daevas. Como os Daevas desenvolveram um veneno tóxico



o suficiente para superar as capacidades de cura acelerada de um Icrathari?

Aparentemente, Lucas estava trabalhando duro para isolar o veneno de amostras do sangue de Ashra. Ela não nutria grandes esperanças de seu sucesso. Ele trabalhava para a Siri, ela não tinha mais certeza de que confiava nele, ou na Siri.

Siri também saberia como desenvolver um veneno.

Ashra sabia que Siri sentia sua apreensão. Os Icratharis que lideravam as funções médicas, científicas e de engenharia de Aeternae Noctis estavam extraordinariamente quietos quando Lucas explicou o prognóstico de Ashra. Ela não encontrou o olhar desafiador de Ashra.

O que poderia ser se não fosse culpa?

Ashra confiava em seus instintos. O instinto não era igual a evidência, mas esperar por evidências poderia ser mortal.

Ela poderia suportar outra traição? A cidade poderia sobreviver a outra crise?

Uma risada suave ecoou por trás da porta fechada da antecâmara, onde Marion,



uma vampira, vigiava Khiarra e o bebê Daeva.

A alma que residia no corpo de Khiarra não era sem importância, mas havia se tornado irrelevante. Ashra tinha desafios muito maiores para se preocupar.

Uma segunda batida rompeu sua distração. A porta abriu-se e Tera entrou, sem ser convidada. A senhora da guerra encostou-se à porta, talvez sentindo que não era bem-vinda. — Ele está na cela três.

Fresca do banho, Ashra puxou um vestido branco sobre o corpo esbelto antes de pentear os cabelos a pilha de couro descartada no chão, a armadura emprestada de Tera. — Obrigado.

Tera ajoelhou-se para pegar sua armadura. Seus olhos cinza-azul permaneciam nos buracos do couro cravejado. — Você está bem?

Ashra deu de ombros. — Agora estou.

As feridas em seu abdômen finalmente se curaram. A exaustão passaria. Fisicamente, pouco, talvez nada pudesse machucá-la. Emocionalmente...



Ela engoliu através do nó na garganta.
Por que ele não lutou para ficar ao meu lado?

Ou eu o abandonei?

— Ele me disse para protegê-la.

— O que?

— Ele me disse para protegê-la. —
Repetiu Tera, com a voz rouca.

Ashra abaixou a escova e encarou o reflexo de Tera no espelho. — Por que ele faria isso?

— Ele acha que você está em perigo.
Você está?

Ela deu de ombros novamente.

Os olhos da senhora da guerra Icrathari eram fendas estreitas. — Você acredita que é um de nós, não é? Elsker, Siri ou eu.

Ashra não respondeu.

— Isso é insano. — Tera passeava pela extensão da suíte de Ashra, os braços carregados pela armadura. Sua trança prateada balançou, a ponta roçando sua cintura. — Nunca nos voltaremos contra você, nunca destruiremos nada que tenhamos lutado tanto para sustentar. Elsker



está certo. É o Jaden. Por mil anos, nada deu errado e agora, em menos de duas semanas, tudo desmorona.

— Duas semanas? Você perdeu seu exército de vampiros por sete meses, não duas semanas. Além disso, podemos explicar todos os movimentos de Jaden em Aeternae Noctis. Ele estava em uma cela, na enfermaria sob o olhar atento de Lucas, ou comigo. Ele também não danificou os capacitores, ele e sua irmã são os únicos na torre sem garras.

— Mas ele e Talon são os únicos que tiveram contato com os Daevas.

— Só eles?

Tera congelou. Ela olhou para Ashra. — O que você está dizendo?

Ashra não desviou o olhar do reflexo de Tera. De costas para Tera, ela estava em desvantagem se a senhora da guerra atacasse, mas o tempo para se jogar em segurança já havia passado.

Um exército de Daevas, ela não duvidou nem por um momento que eles chegavam aos milhares, havia danificado muitas



estações de carregamento. Alguém estava sabotando a cidade. Um dos Icratharis era um traidor.

Ela não tinha intenção de ser pega de surpresa. Não sem Jaden a observando de volta.

O rosto de Tera estava pálido. Os lábios dela moveram-se. — Você está dizendo que é mais do que apenas sabotagem. Você está nos acusando... um de nós... de alta traição, de aliar-se aos Daevas.

Eu vi um Icrathari com Daevas. — Digame no que devo acreditar, Tera. — Ashra virou-se. — Quando você e seu exército de vampiros foram atacados? Quem estava monitorando nosso perímetro?

— Eu estava na arena de treinamento com Talon e Yuri. Siri deveria...

— Mas ela não estava. Ela estava na entrada com Xanthia quando voltei.

— Elsker então, ele e Siri se revezam correndo da cidade a partir da câmara, mas eu subi e verifiquei os registros de segurança. Os sensores externos nunca indicaram uma



batalha. Elsker não sabia da batalha ou teria me alertado.

— Os sensores falharam ou os logs de segurança foram alterados. — Siri, e talvez Elsker, saberiam como alterar os logs de segurança. — Onde está Siri agora?

— Na câmara, eu acho.

— E Elsker?

Tera encolheu os ombros. — Quem sabe? Ele vem e vai.

Os olhos de Ashra se estreitaram.

Tera olhou bruscamente para ela. A tensão ondulando através de seu corpo, queimava suas asas. — Você não está pensando...

— Suas responsabilidades com os batedores costumavam tirá-lo da cidade com muito mais frequência do que qualquer um de nós. — Turbulência agitou Ashra. Poderia ser Elsker? Elsker, que pregou a tolerância e a futilidade da guerra total, quem equilibrou a série implacável de Tera na batalha e a abordagem sangue frio da pesquisa de Siri?

Ela balançou a cabeça, descartando o absurdo daquela linha de pensamento em



particular. Como poderia ser Elsker? Por mil anos, ele fora a voz da razão em uma cidade abobadada, governada por três poderosos Icratharis.

Ele a puxou de volta para a cidade naquela primeira manhã em que o mundo começou a arder. Ele a segurou, embora ela gritasse e o machucasse com suas garras afiadas, lutando para libertar-se, lutando para voltar ao cadáver em chamas de Rohkeus. Ela teria morrido naquela manhã se não fosse por Elsker.

Mais tarde, ele destruiu a gratidão que conquistara naquele dia, quando tentou profanar a memória de Rohkeus com mentiras geradas por ciúmes e um amor perdido.

Ainda assim, mil anos eram longos demais para guardar rancor. A amizade deles havia sobrevivido à perda de Rohkeus. Na contagem final, não havia ninguém em quem ela confiasse mais.

Então, quem era o Icrathari Traidor?
Siri?



Ela controlava a cidade, sabia todos os detalhes de como a cidade funcionava. Mais do que ninguém, podia fazer com que a sabotagem parecesse um acidente e estava cansada de sua responsabilidade interminável com Aeternae Noctis.

Ashra levantou-se. — Vou falar com a Siri.

— Eu irei com você.

— Não. Eu vou lidar com isso sozinha.

Ashra deixou sua suíte e, em vez de subir pelo poço central, esperou o elevador. Comprou-lhe preciosos minutos de solidão. A incerteza a atingiu. *O que você teria feito, Jaden?*

Como ele estava se saindo na câmara de espera? Sem dúvida, era desconfortável, embora menos agora que ele tinha o sangue dela nele. Ele tinha razão em se separar do conflito deles, sua presença complicou a situação, dando a Icrathari um estranho para focar suas dúvidas.

Ela precisava lidar com o Icrathari traidor, sozinha.



Então ela teria que lidar com Khiarra. Precisamente como, ainda não havia decidido.

O elevador que a carregava em direção à câmara parou rapidamente. Ashra fez uma careta. Ela bateu no painel de controle, mas a plataforma aberta não se moveu. A suspeita estreitou os olhos.

Um som suave como o gemido mecânico de alavancas sussurrou através da torre.

Alarmada, ela inclinou a cabeça e ouviu atentamente, mas não ouviu nada além do zumbido perpétuo dos motores.

O elevador ainda não estava se movendo.

Felizmente, ela tinha asas ou seria condenada a subir as escadas. Suas asas abriram-se, carregando-a facilmente pela plataforma aberta do poço central. Quando chegou à câmara momentos depois, encontrou Siri sozinha, sentada em frente à enorme rede eletrônica que controlava Aeternae Noctis.



Ashra pousou silenciosamente e entrou na câmara. — Você sabia que o elevador não está funcionando?

Siri levantou-se e girou. Seus olhos violeta-claros estavam inchados e avermelhados. Ela pressionou a mão no peito e recostou-se na cadeira. — Não faça isso de novo. Você me assustou. — As mãos dela bateram em uma das telas. — Qual o problema com o elevador? — Sua voz era deliberadamente indiferente. Ela não fez nenhuma referência ao fato de estar chorando.

Ashra contornou delicadamente o assunto. — Parou.

— Onde?

— Entre minha suíte e a câmara.

Siri franziu a testa para a tela. — Diz aqui que está na enfermaria. — Ela bateu mais duas vezes. — E acabei de enviar para a arca.

Ashra saiu da câmara e olhou para o elevador imóvel. — Ainda está parado aqui.

Siri inclinou-se para fora da câmara para verificar a declaração de Ashra. Ela fez uma



careta e caminhou de volta para os terminais. — Droga. O que diabos há de errado com essa coisa?

— Talvez a mesma coisa que esteja errada com os sensores externos?

Siri encolheu-se. — Ashra, eu juro que nunca teria colocado você em perigo. Tínhamos energia suficiente nos capacitores para manter nossos sensores funcionando e nossas blindagens ativadas. Tudo estava funcionando bem quando desci à entrada para esperar seu retorno.

Ashra olhou para as telas. Todos os sistemas piscavam em verde. — Assim como tudo está funcionando agora?

Siri suspirou. Ela colocou a mão em cima de uma das telas. — Vou ter que desmontá-lo novamente. — Ela rangeu os dentes em óbvia frustração. — Elsker e eu acabamos de reconstruir todos esses sistemas.

— Quando?

— Começamos cerca de cinco meses antes e terminamos duas semanas atrás.

— Por que você os reconstruiu?



— Reconstruo os sistemas a cada década, Ashra. Faço isso há mil anos. — As sobrançelas dela se juntaram. — Você realmente acha que estamos rodando no mesmo hardware que Rohkeus colocou na Malum Turris há mil anos atrás?

— Eu nunca pensei nisso antes. — Confessou. Quanto trabalho Siri investiu ao longo dos anos para manter a Aeternae Noctis? Não é à toa que estava ficando cansada. — Então, era hora de outra revisão da tecnologia?

— Bem. Estamos com cerca de seis meses a menos de dez anos, mas desta vez Elsker ofereceu-se para ajudar, então decidi começar antes que seu entusiasmo diminuísse.

— Quanto ele fez no processo?

— Oh, muito disso. Ele queria saber como tudo funcionava, como a torre e a cidade funcionavam.

O frio que percorreu Ashra não teve nada a ver com a estrutura de aço carbono da torre. — Ele poderia ter alterado a



maneira como os sistemas funcionavam sem o seu conhecimento?

— Claro que não. — Siri bufou. — Isso é ridículo. Ele não é inteligente o suficiente.

Siri, como a maioria dos gênios, tendia a descontar nas pessoas que eram apenas brilhantes. Ashra não pretendia cometer o mesmo erro. — Onde está Elsker agora?

— Eu não sei.



O tempo tinha pouco significado em uma cela. Tera entregava comida e água de forma irregular, e as horas ficaram borradas em dias. As algemas limitavam a amplitude de movimentos de Jaden, ele mudou em busca de uma posição confortável, mas não a encontrou. A sede e a fome quase constantes consumiam sua força, mas quando a exaustão e a letargia se instalaram, ele notou menos o frio. Os arrepios que assolaram seu corpo se acalmaram. Suas



feridas, ferimentos que deveriam ter matado qualquer humano, se fecharam, as cicatrizes lentamente se dobrando sobre os cortes abertos.

Seu corpo sarou, sua mente agitou.

O pânico agitado pela vida de Ashra venceu, entorpecendo sua dor pela morte de sua mãe. Durante vários dias, teve fragmentos de sono quando a exaustão o dominou.

O alívio não veio até Tera dar a notícia de que Ashra havia sido liberada da enfermaria, com os ferimentos sarados.

Mesmo assim, sua mente não conseguia descansar.

O que ele poderia ter feito de diferente? Se ele e Ashra não podiam diminuir a distância entre seus mundos, como mais alguém poderia?

A imagem de Ashra tomou forma em sua mente. Sua voz ecoou, calma e sedutora. Ela estendeu a mão, oferecendo imortalidade. *Transforme-se e fique comigo para sempre.*



Ele fechou os olhos com força. *Se eu fizesse, não seria mais eu.*

Ela acenou. Ele retirou-se.

Ela ficou na brecha. Ele não a conheceu no meio do caminho.

Os olhos dela se estreitaram. Um sorriso zombeteiro brilhou em seu rosto. Os lábios dela formaram uma única palavra. *Covarde.*

Sozinho, no silêncio de sua mente, ele confrontou a verdade que havia negado anteriormente. *Estou com medo.*

O medo era um reflexo arraigado que permitia aos humanos prosperar em circunstâncias maiores do que eles. Como Talon poderia ter adotado a mudança sem medo? Que tipo de coragem extraordinária facilitou a transformação de um humano em um vampiro mais velho?

E por que ele não conseguia encontrá-la em si mesmo?

Ashra esperou.

A vergonha arranhou através dele. Ele não se mexeu. Não se atreveu.

Nos olhos de sua mente, ela virou-se lentamente, mas sem olhar para trás. Nesse



gesto de desprezo, a ponte parcialmente construída sobre o abismo que separava seus mundos desmoronou. Ele condenaria seu povo a uma eternidade de medo, sem nunca ver, nunca entender os Night Terrors pelos salvadores que eram.

E se eu tentar, mas falhar na transformação...

Como seria ser um imortal, deslumbrado e enlouquecido por aquele vislumbre da eternidade, uma mente quebrada em um corpo poderoso e imortal, condenado a vagar sozinho pela Terra? Quanto de sua vida como humano lembraria? De quanto ele se arrependeria?

Talvez de nada, e seria uma piedade. Mas se ele se lembrasse, mesmo fragmentos, ele poderia perdoar Ashra por forçar uma imortalidade indesejada sobre ele?

Ele não queria ser imortal.

Tudo o que queria era uma vida.

Uma vida normal.

Um dever jurado de proteger uma irmã preciosa, independentemente de quem ela fora em uma vida anterior.



E um amor inesquecível. Ashra.

Ele fechou os olhos contra as escolhas impossíveis diante dele. Se tivesse mais tempo para descobrir isso. Ele riu da ironia. Talvez na contagem final, seu único inimigo fosse o tempo.

A fechadura da porta clicou.

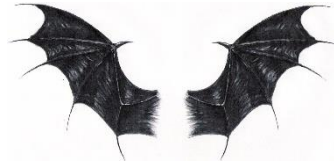
Ashra. Certamente veio buscá-lo. Ele não tinha respostas para ela, nenhuma que aceitaria mas ainda assim, seu pulso disparou, antecipando sua presença.

Ele olhou para cima.

A forma familiar de asas de morcego encheu a porta. A luz fraca no corredor projetava o rosto na sombra. Os olhos brilhavam, não ouro pálido, mas amarelo vivo.



Capítulo 19



As asas de morcego se espalharam em três silhuetas distintas. Três Daevas, olhos brilhando, dentes à mostra, encheram a entrada da cela. Seus sorrisos aumentaram ao ver sua presa, algemada na cama.

Jaden levantou-se. O movimento quebrou o trilho no estrado de aço. Metal caiu no chão. Perplexo, ele olhou para a cama quebrada e os pulsos, ainda amarrados nas algemas, mas livres da cama. *Sangue Icrathari. Obrigado, Ashra.* Ele cerrou os dentes e afastou as mãos com punhos. Os elos de metal nas algemas se romperam.

Os olhos dos Daevas arregalaram. Uma rajada de asas e garras saltou para ele pela porta da cela.

Jaden caiu e rolou no piso, disparou sob o ataque inicial e mergulhou nas espadas que estavam em cima de sua armadura de



couro. Sua mão fechou-se ao redor do punho. Ele girou e espetou o Daeva mais próximo enquanto eles se viravam para encontrá-lo.

A espada perfurou suas costas e penetrou em seu estômago. O guincho do Daeva caiu em um gemido silencioso. *Rasgue a alma.*

Ele balançou a outra espada. A lâmina cortou o pescoço esquelético do Daeva. *Corte sua vida.*

O cadáver sem cabeça caiu no chão.

Os dois Daevas restantes o atacaram. Sua força e velocidade, superiores aos humanos, não eram maiores que um híbrido humano-Icrathari, e a fuga não lhes oferecia vantagem na cela de teto baixo. Jaden levantou suas espadas para desviar o ataque das garras. Faíscas brilharam quando a queratina endurecida derrapou contra o aço. Livre de asas, ele girou mais rápido que os Daevas. Ele abaixou-se sob as asas de couro e atacou.

As bordas cortaram a parte de trás das coxas nuas do Daeva. Ele gritou e caiu de



joelhos. O segundo Daeva, com os olhos arregalados de alarme, abaixou-se para apoiar o companheiro.

Naquela fração de segundo, Jaden atacou.

Os olhos do Daeva brilharam ainda mais. Mãos finas arranharam com força desbotada na lâmina que se projetava de seu estômago. Seu silvo de agonia foi silenciado com um único golpe.

O Daeva restante piscou para ele. A crueldade nos desumanos olhos amarelos se fundiu em um pedido de misericórdia.

Eles estão relacionados com os Icratharis.

Ele soltou a respiração em um suspiro trêmulo e abaixou as espadas.

Os olhos do Daeva diluíram-se em fendas. Seu lábio superior abriu-se, presas brilhavam na penumbra da cela. Com um rosnado baixo, ele lançou-se.

Jaden afastou-se, mas garras rasgaram sua bochecha esquerda. Ele rangeu os dentes e empurrou a espada para frente. A lâmina afundou no estômago do Daeva. Ele



torceu a espada. O Daeva gritou e caiu. Jaden chutou sua lâmina. O Daeva ficou mole, sem resistência, quando Jaden cortou a cabeça.

Ele limpou o sangue da bochecha. Seu perfume metálico revirou seu estômago.

O que os Daevas estavam fazendo em Aeternae Noctis?

Jaden passou pelos ombros o cinto de couro para as bainhas e correu pela porta aberta de sua cela em direção ao comunicador colocado na parede no outro extremo do corredor. Ele passou por um cruzamento e parou. Com os olhos arregalados de descrença, olhou para o enxame de asas negras surgindo através de um cruzamento distante.

Dois Daevas balançaram a cabeça horrenda na direção dele. Seus lábios superiores se curvaram para trás, revelando longas presas. Suas asas negras agitadas.

Jaden correu em direção ao comunicador e bateu com o punho no console. — Daevas na torre. Nível mais baixo. Eles estão entrando na cidade.



— O que? — A voz familiar da Siri disparou do comunicador.

Um bater pesado das asas de couro agitou o ar atrás dele.

Jaden virou-se e abaixou-se. A mão com garras de um Daeva passou pelo ar acima de sua cabeça. Ele enfiou a espada no estômago. Amassou quando Jaden puxou sua espada e atacou o segundo Daeva. Suas garras rasgavam cortes em seus ombros, mas ele a empurrou para trás, em direção à porta aberta de sua cela.

Jaden rangeu os dentes contra a dor gritando ao longo do braço. Seu olhar foi para o chão e os sulcos foram para a porta. Mais um passo.

Ele empurrou o Daeva sobre a beira do limiar e bateu a mão nos controles da porta. Com um sussurro metálico, a porta fechou-se com força nas asas do Daeva. Ele choramingou de dor, lutando em pânico óbvio quando percebeu que suas asas estavam presas. Outro jovem, a julgar por sua inexperiência. Quantos jovens os Daevas dominantes enviavam para a morte?



Jaden executou os dois Daevas que haviam sido tolos o suficiente para atacar um humano endurecido pela batalha e depois retornou ao comunicador.

— Como você...? — Siri conteve-se. — O que está acontecendo lá em baixo?

— Desligue o elevador e sele o eixo central. Bloqueie as casas das máquinas e as unidades de armazenamento de capacitores. Você precisa impedi-los de penetrar nos níveis superiores da torre. Vou para a cidade.

— Vou enviar Tera para a cidade, mas você é o único no nível mais baixo no momento. Preciso que você encontre o ponto de entrada dos Daevas e o lacre. De acordo com o meu painel de controle, a porta externa ainda está selada, mas se estiver aberta, você deve ativar a trava manual de emergência ao lado da porta. Abra o painel acima do comunicador, você encontrará um dispositivo móvel. Coloque no seu ouvido. Poderei manter contato com você.



Ele abriu o painel e encontrou um pedaço maleável de plástico. Ele o inseriu no ouvido. Ele estremeceu quando a voz de Siri falou diretamente em seu ouvido. — Ashra está a caminho.

— Não. Diga a ela para se afastar. Existem muitos Daevas. Você pode controlar as luzes no nível mais baixo?

— Sim.

— Desligue tudo.

— O que?

— Há muitos deles. Vou precisar da escuridão para passar.

— Mas você não pode ver no escuro melhor do que eles.

Asas tremulavam ao longe, o raspar de couro contra metal. Ele lançou um olhar por cima do ombro. — Muitos para lutar. Vou ter que passar por eles. Os olhos de Daeva brilham no escuro. Os meus não.

O corredor mal iluminado mergulhou na escuridão.

Jaden avançou pelo corredor lateral em direção ao cruzamento principal. Pares de olhos amarelos brilhavam, correndo de um



lado para o outro, procurando ameaças. Os Daevas agruparam-se como se também tivessem medo da escuridão repentina. *Não são exatamente as criaturas da noite que imaginávamos que fossem.*

O único som era o bater de asas de couro passando um pelo outro. Jaden se pressionou contra a parede e agachou-se, passando despercebido sob as asas dos Daevas. Mal se atreveu a respirar enquanto passava pelo enxame de corpos.

Uma rajada quente de ar varreu o corredor. Droga. As portas externas estavam abertas.

O traidor Icrathari. Era Siri? Ela estava enviando-o para a morte?

A resignação arrancou sua alma. A identidade do traidor pouco importava com a cidade já atacada. Se ele pudesse fazer apenas uma coisa para salvar a cidade, seria selar as portas externas.

Ele olhou rapidamente para o ambiente. Se havia uma esperança de fuga, não viu. Ele aproximou-se das portas abertas, procurando a alavanca até roçar contra uma



haste metálica fria, colocou os dedos ao redor e puxou com força.

As portas externas se fecharam.

O som ecoou pelo corredor. Em uníssono, os Daevas giraram, seus olhos amarelos procurando na escuridão.

Jaden prendeu a respiração.

Um par de olhos moveu-se em sua direção.

Jaden agachou-se ainda mais, movendo-se lentamente para evitar mudar o ar. Garras passaram por sua cabeça. Uma roçou contra ele. O Daeva sibilou um som baixo que se transformou em um grito ultrajado. Jaden cortou-o com a espada. O Daeva entrou em colapso. — Sele as portas corta-fogo no nível mais baixo! — Ele gritou, confiando que Siri o ouviria.

Portas impenetráveis bateram no lugar, dividindo o corredor e segmentando a invasão Daeva. Em vez de uma horda incontável de Daevas, ele tinha apenas cinquenta ou mais para enfrentar. Ele espremeu-se em uma alcova estreita para



limitar o número que poderia chegar a ele a qualquer momento.

Os pequenos quadros e a capacidade de pairar no ar dos Daevas significavam que ainda precisava enfrentar vários ataques verticais. Braços ósseos o agarraram, rasgando sua camisa e calça finas de algodão. Eles lamberam o sangue de suas garras e exibiram sorrisos maliciosos para ele. Quase não importava o quão jovens eram. Havia muitos deles.

Ele cortou um Daeva, mas gritou quando outro Daeva mordeu o braço estendido da espada. Seu aperto afrouxou, e a espada caiu de suas mãos. Ele recuou e voltou a pressionar a alcova. Ele estava sem tempo e sem sorte. Os Daevas riram. Eles se contiveram, estudando-o com olhos amarelos. Um passou a língua pelos lábios rachados. Seus corpos rijos se enrolaram, preparando-se para atacar.

O painel do teto acima deles caiu. Uma forma vestida de branco saltou do teto exposto e aterrissou agachada. Por uma fração de segundo, Ashra ficou quieta e



depois saltou para atacar, uma fera cruel no corpo de um anjo. Uma enxurrada de garras e presas reduziu os Daevas a corpos trêmulos em poças de sangue dourado. Jaden abaixou-se para evitar a propagação de suas asas com chifres de metal quando ela girou em um turbilhão de destruição. Suas asas cortaram os Daevas. Os gritos dos moribundos desapareceram em silêncio.

Os olhares de Ashra e Jaden se encontraram por um corredor cheio de cheiro de morte. Sua respiração áspera ecoou pela câmara fechada. Ela estava intocada, o vestido branco manchado de sangue, nada dela. Seus pálidos olhos dourados, estreitados em fendas predatórias, arregalaram-se e depois se suavizaram. Ela correu, as asas levantando-a sobre o massacre que provocara e voou em seus braços. As mãos gentis dela pressionaram contra a pele ensanguentada e suada. Os lábios dela procuraram os dele em um beijo viciante.

Jaden fechou os olhos e afundou em seu abraço. Ele colocou a mão não ferida nos



cabelos prateados, manchando-os de vermelho e pressionando beijos ao longo da delicada linha do pescoço exposto.

Desesperado por ela, ele acariciou seu pescoço. Com uma unha afiada, ela cortou sua veia e jogou a cabeça para trás, descobrindo seu ferimento sangrento pelos lábios sedentos dele.

Ele bebeu profundamente, o sabor agri-doce do sangue dela enchendo seus sentidos. Seu perfume, uma mistura inebriante de jasmim e jacinto, fez sua cabeça girar. A dor dos músculos doloridos e a dor lancinante de carne rasgada vazaram.

O pequeno corte em seu pescoço curou, a ferida fechando-se.

Ele lutou contra o gemido da necessidade.

Ashra sorriu contra sua bochecha. — Sentindo-se melhor?

Ele relaxou contra o corpo dela, aparentemente frágil, mas mais forte que o aço. As pontas dos dedos dela tocaram um ritmo leve na espinha dele. — Sim. — Ele abriu os olhos e afastou-se dela, rangendo os



dentes contra o leve turbilhão de dor que o inundou.

Ela olhou para o painel de teto exposto.
— Vou levá-lo para a enfermaria.

Ele inalou bruscamente. Seu pai ainda estava preso, provavelmente morto, dentro de uma cela em uma área repleta de Daevas.

E a cidade estava sob ataque.

Ele preparou-se contra as dores gêmeas de culpa e perda. *Sinto muito, pai.* Ele endireitou-se, endurecendo os ombros contra a dor que desaparecia rapidamente. — Eu vou ficar bem. Temos que chegar à cidade.

Ela franziu o cenho para a porta de incêndio selada. — Teremos que seguir outro caminho. — Ela o abraçou e o carregou pelo teto antes de depositá-lo no andar de cima. — Por aqui. — Meio voando, meio correndo, ela liderou o caminho em torno de um labirinto de pilares para o poço central. Ela o agarrou novamente e o carregou até a câmara no andar mais alto da torre. Da varanda, eles olhavam para uma cidade aterrorizada. As pessoas corriam



como formigas, gritando e se esquivando dos ataques de mergulho dos Daevas.

Ele segurou Ashra firmemente em volta da cintura dela. Ele assentiu e ela sorriu.

Ela saltou da torre, as asas pressionadas contra as costas enquanto acelerava em queda livre. O chão correu para eles. Os Daevas agrupados ao pé da torre formavam manchas negras contra o brilho âmbar das luzes da cidade.

Ashra soltou seu grito de guerra, o som vibrando fora dela em uma corrida triunfante de poder. Os Daevas recuaram, encolhendo-se em bolas fetais. Suas asas queimaram, diminuindo a velocidade da descida. Jaden a soltou e pulou no chão. Ele estava no Daevas antes que se recuperassem do ataque auditivo de Ashra. Suas lâminas duplas cortavam carne enrugada que sangrava ouro.

Daevas circulavam sobre a cidade, suas asas apagavam o brilho pálido da lua. Os homens e mulheres da cidade lutaram para conseguir uma resistência, mas seus esforços



foram inúteis. Pessoas em pânico passaram por Jaden, seus gritos rasgando a noite.

— Abaixese! — Jaden jogou uma criança no chão. Ele contornou o Daeva atacante e derrubou as espadas. O Daeva caiu do céu, gemendo, enquanto suas mãos se separavam do resto do corpo. Jaden levantou a criança e a empurrou em direção a uma casa.

— Precisa de ajuda? — Uma voz familiar perguntou.

Ele olhou por cima do ombro. Talon saltou no ar e caiu ao lado dele. Os remanescentes do exército de vampiros de Tera passaram pelo vampiro mais velho, correndo e pulando sobre os humanos aterrorizados. O vampiro mais velho exibia um sorriso torto e insolente, mas nunca sua insolência arrogante foi mais bem-vinda. Talon revirou os ombros, apertou as mãos em garras e girou para os três Daevas atacando um pequeno grupo de humanos armados com espadas.

— Michael, não! — Jaden pulou para desviar uma lâmina que desceu no pescoço



de Talon. Com um grunhido de nojo, ele empurrou seu melhor amigo de volta.

Michael ficou boquiaberto para ele. — Você está vivo.

— Sim.

— Você é um deles?

— Abra seus olhos. — Jaden agarrou Michael pelo ombro e o girou. — O que você vê?

Talon despachou os três Daevas sem interromper o passo. Ele enrolou-se e pulou em um pilar dórico gigante emoldurando a catedral, girando no meio do salto para se impulsionar para fora do pilar e para o ar. Ele rasgou um Daeva que passava no céu. O Daeva estava morto, com a garganta e o estômago rasgados, quando Talon bateu com força nos paralelepípedos. O vampiro mais velho aterrissou em um agachamento silencioso e decolou novamente, correndo em direção a um grande grupo de Daevas pairando sobre a praça da cidade.

Perto dali, um Daeva, asas batiam e garras se estendiam, saltando em direção a duas crianças pequenas, mas Yuri, a senhora



da guerra dos vampiros, o agarrou antes de alcançar as crianças. Presas à mostra, ela arrancou a garganta do Daeva, antes de virar-se para enfrentar outra.

Para onde quer que olhassem, vampiros entraram na briga, defendendo os humanos. Ashra e Tera, de pele clara e cabelos prateados, voavam pelo ar e rasgavam os Daevas com facilidade, sua crueldade contrastava com sua aparência aparentemente frágil.

— Eles são monstros. — Michael ofegou.

— Os Icratharis e os vampiros defendem a cidade. Eles nos defendem. —Jaden virou-se para encarar a multidão de humanos de olhos arregalados reunidos ao seu redor. Ele lançou suas palavras como uma rede, atraindo as pessoas. — Eles sempre nos protegeram.

— Eles nos prenderam na cidade!

— A morte está fora da cidade. O sol destrói tudo o que toca. A noite oferece segurança e vida.

— Mas Khiarra...



— Ela está viva e é filha de profecia. Ela rasgou o véu da decepção. Todos nós fomos enganados. Os Night Terrors não são o inimigo. Eles nunca foram nossos inimigos.

— Mas nossos filhos, os vampiros nos matam como gado, somos vítimas de seus apetites doentes.

— Eles não se alimentam de nós. Seus filhos estão vivos, eu os vi. Por sua causa, ajude os Icratharis a defender a cidade. Se eles perderem, se os vampiros perderem, todos nós morreremos.

Michael balançou a cabeça. Ele estava hesitante sobre o que fazer.

O desespero tinha um gosto amargo na garganta de Jaden. Ele jogou o braço para fora. — Então limpe as ruas. Fique em sua casa e tranque as portas. Os vampiros, pelo menos, tinham uma chance de lutar contra um Daeva aterrado. Os humanos não.

— Mas...

Ele deu as costas ao seu povo. A dor de seus ferimentos físicos havia desaparecido, mas a dor esmagadora profunda em seu



peito persistia. Espadas na mão, ele retornou à batalha.

Yuri lançou-lhe um sorriso tenso. — Que bom que você voltou. — Ela atirou a espada como uma lança. Perfurando a asa de um Daeva. Ele gritou, caindo no chão.

Jaden estava nele antes que tivesse a chance de levantar-se. Ele o executou com dois golpes rápidos, um na barriga e outro no pescoço.

Yuri puxou a espada da asa contorcida do Daeva. Juntos, ela e Jaden abriram caminho pela praça da vila. Como parceiros em uma dança coreografada, eles arrancavam Daevas salivantes de humanos encolhidos e massacravam os demônios alados. Sangue dourado misturado com vermelho, gotejando entre os paralelepípedos.

Talon, o vampiro mais velho, lutou ao lado de Jaden e Yuri. Desimpedido por sua falta de asas, ele atacou as paredes dos edifícios da cidade e lançou-se ao ar em Daevas incautos que pairavam muito baixo. Ele saltava no ar com a agilidade de um



predador felino e empurrava o Daeva. Com um baque estremecido, ele caiu de costas. Osso quebrou com um estalo audível. O Daeva contorceu-se, gritando em agonia.

Presas à mostra, Talon agarrou o pescoço entre as mãos e torceu bruscamente. Osso quebrou. O Daeva parou, seus olhos congelados abertos na morte.

Jaden olhou para o céu, enegrecido pela propagação de asas. O desespero o agarrou, seu aperto gelado. Havia muitos Daevas. A três metros de distância, um vampiro caiu na frente das crianças que ele estava protegendo, seu corpo dilacerado por um grupo de Daevas.

— Talon! — Jaden gritou. Ele balançou a cabeça para as crianças amontoadas no canto de uma casa.

O vampiro mais velho assentiu. Seus músculos enrolaram-se. Dois saltos o colocaram na frente das crianças chorando.

Os olhos dos Daevas arregalaram-se. Os sorrisos antecipados em seus rostos enrugados sumiram.



As Garras de Talon atacaram, osso deslizando contra carne.

Os Daevas viraram-se para fugir, mas Talon os cortou, suas garras rasgando suas estruturas finas. Corpos desabaram, um em cima do outro, um monte de morte. A ameaça eliminada, Talon virou-se para as crianças. — Rápido! Entrem.

Uma rajada de vento anunciou uma rajada de asas.

Talon virou-se.

Um Daeva gritou. Suas mãos com garras agitavam-se a centímetros do rosto dele. Com um deslizamento de aço, a ponta de uma espada surgiu em seu estômago.

Jaden chutou o Daeva ferido de sua lâmina e o executou. — Tome cuidado.

Talon deu um rápido aceno de reconhecimento.

Um grito de angústia uivou durante a noite.

Jaden girou.

Outro vampiro morreu, seu sangue espirrando sobre a mulher e a criança que ele defendia de três Daevas.



Com um assobio de raiva, Talon jogou-se nos Daevas, chamando a atenção deles para longe dos humanos. A alguns centímetros de distância, Yuri cortou um Daeva avançando sobre um homem encolhido.

Do outro lado da praça da cidade, dois vampiros que barravam a entrada na catedral foram massacrados por uma multidão alada de Daevas. Um grito de pânico surgiu dos humanos se abrigando no prédio.

Tera desceu. Mais mortal que um vampiro mais velho, ela rasgou os Daevas como uma faca cortando papel. Suas asas se abriram, carregando-a no ar. Ela pairava sobre pilhas de membros Daeva contorcendo-se. — Yuri! — Ela gritou.

A senhora da guerra vampira assentiu, correndo pela praça para defender a entrada da catedral, uma tarefa sem esperança. Daevas morriam em dezenas, vampiros individualmente, mas a maré da batalha mudou inexoravelmente para favorecer os daevas.



Jaden examinou a cidade. Sua respiração estremeceu fora dele.

Sangue escorria pelas ruas da cidade, mais vermelho que dourado. Seu povo estava morrendo. Os Icratharis estavam em menor número. Os vampiros pereceriam, e a cidade com eles.

Uma mão agarrou seu braço. Ele virou-se.

O olhar direto de Michael o perfurou. — Você está certo. Nós o seguiremos. — Atrás dele, humanos concordavam, armados com espadas, arcos e flechas, pálidos, mas sombrios.

Jaden deu um único passo para trás, seu olhar varrendo os reforços numerados na casa dos milhares. A esperança vibrou em seu peito. — Arqueiros nas torres. Derrubem os Daevas para que possamos combatê-los no chão. Evite os Icrathari, eles podem se defender. O resto de vocês, reünam-se em torno dos vampiros. Tire a pressão deles. Eles são nossa última linha de defesa. — Ele levantou a voz e gesticulou enquanto emitia ordens. — Michael, você e seus homens



ficam com Talon. Limpe a praça da cidade e empurre-os para fora. Laird, sua equipe vai com Yuri. Comece na periferia e entre.

Vampiros e humanos assentiram. As pessoas da cidade passaram por Jaden como um maremoto, atravessando o centro da cidade e atacando os Daevas que estavam atacando os vampiros.

A espada de Yuri brilhou, matando dois Daevas que Tera havia arrancado do céu. Acompanhada por alguns vampiros e uma horda de humanos, a senhora da guerra dos vampiros correu para o norte, pelas ruas estreitas para limpar os arredores da cidade.

Talon chutou um Daeva de sua espada e depois se virou para Jaden. Seus olhares se encontraram brevemente sobre os humanos que lutavam, enquanto arrastavam os Daevas através do peso absoluto dos números. O vampiro mais velho inclinou a cabeça para Jaden em um gesto de agradecimento, enquanto os humanos se reuniam ao seu redor, dispostos a seguir sua liderança.

Jaden e Talon ergueram os olhos bruscamente, enquanto um Daeva, maior



que o resto, pairava sobre a praça da cidade e rosnava. Seis Daevas interromperam o ataque e seguiram o Daeva líder para os níveis superiores de Malum Turris.

— Eles estão indo para a arca —, gritou Talon. Ele lançou um olhar para Jaden. — Vá! Eu tenho isso sob controle.

Jaden embainhou suas espadas e olhou para as duas faixas de prata cortando a abertura negra das asas de morcego. — Ashra!

Uma das faixas de prata retorceu no ar e mergulhou através de uma cortina de asas Daeva. Um grito distante atravessou o ar. Sangue dourado pingava do céu. Um Daeva estridente, com as asas raladas, caiu no chão. Jaden contornou o terrível míssil e levantou um braço. Ashra desceu, pegou o braço dele e o puxou para o ar.

— A arca. — A rajada de vento afastou suas palavras, mas Ashra assentiu. Suas asas enormes bateram, carregando-a sem esforço pelo ar. Ela o puxou para perto de seu peito e passou os dois braços em volta dele. O aperto dela aumentou.



Seu coração afundou. *Oh maldição.*

Ele forçou-se a manter os olhos abertos enquanto ela girava e desviava para evitar as garras dos Daevas. Sua trajetória de vôo a levou para cima, paralela a Malum Turris. Eles deslizaram a centímetros de distância da superfície inflexível da torre, enquanto Daevas tentavam arrancá-la do céu. O grito de Jaden foi, misericordiosamente, perdido nas rajadas dolorosas de ar passando por ele. Ela não poderia ter saído ilesa, não, seus ombros e braços estavam sangrando, assim como suas pernas, mas sua velocidade e força não vacilaram. Ela gritou. O som quebrou as portas de vidro na varanda anexa à sua suíte. Vidro borrifou, espalhando-se pelo chão, brilhando vagamente ao pálido luar. Ela girou bruscamente e voou pelas portas em ruínas.

Pelo canto do olho, ele notou que a porta da antecâmara de Khiarra estava aberta e vislumbrou uma mão pálida, uma mão adulta, lançada sem vida no chão, debaixo de uma poça de sangue vermelho-dourado.



— Khiarra! — Ele gritou, tentando escapar das garras de Ashra, mas sua maior força e impulso os levaram adiante. — Espere!

Ashra balançou a cabeça. — Bem vindo de volta. Temos que chegar à arca. — Duas poderosas batidas de asa depois, eles atravessaram a suíte e mergulharam pelo poço central até a arca.

A porta da arca estava aberta. O corpo de Phillip estava esparramado no chão, seus olhos estavam arregalados e cegos, seu jaleco branco escurecendo com o sangue. Ashra correu para o chão e soltou Jaden antes de subir para enfrentar os cinco Daevas que circundavam os altos tetos da arca.

Um Daeva solitário estava no console. Suas mãos com garras bateram nas teclas. Cápsulas brilhavam em vermelho, grupos deles acendendo em sequência até que todos eles brilhavam.

— Não! — Jaden correu.

O Daeva girou, com a mão apoiada no botão que alteraria a composição química das cápsulas e mataria todas as crianças em



hibernação. Jaden lançou-se e pegou o Daeva pelos pulsos.

A criatura bateu com suas asas, levantando os dois no ar. Jaden levantou as pernas e as envolveu na cintura do Daeva, inclinando-se para trás enquanto o Daeva tentava arranhar seus olhos. Ele bateu as asas, carregando-o acima das fileiras de cápsulas, e girou para sacudi-lo.

A vertigem bateu no crânio de Jaden. O Daeva girou em uma exibição vertiginosa de acrobacias aéreas. Jaden manteve os olhos fixos nos brilhantes olhos amarelos e na careta horrenda do Daeva, mas não acalmou a náusea que rodava na boca do estômago. Com as asas batendo com força, o Daeva lançou-se para frente.

As costas de Jaden bateram contra a parede. Um suspiro de dor rasgou sua garganta. A escuridão brilhou em sua visão. Seu aperto afrouxou por uma fração de segundo antes de apertar novamente. O Daeva estremeceu, um som de triunfo. As asas enormes bateram para trás, afastando os dois da parede, antes de avançar novamente.



No último segundo antes do impacto, Jaden girou, jogando seu peso superior para o lado para girar o Daeva.

O Daeva bateu na parede. Sua asa esquerda estalou com o impacto. Seus olhos amarelos faíscaram e depois se fecharam. Caiu como uma pedra. Jaden lançou um breve olhar por cima do ombro. O pânico tomou conta dele. Eles estavam muito acima do chão. Ele não sobreviveria.

Um braço esbelto envolveu sua cintura, puxando-o para cima de seu mergulho mortal. O pulso de Ashra fechou-se no braço do Daeva. — Solte-o — Sua voz murmurou em seu ouvido.

Ele soltou o Daeva. Ashra jogou o Daeva inconsciente para longe dela. Ele bateu contra a parede oposta e caiu no chão. — Criaturas sem asas não pertencem ao ar. — Diversão brilhava em sua voz.

Jaden fechou os olhos e rezou para que a escuridão acalmasse seu estômago revirado. Não deu certo. — Eu concordo totalmente. — Até seu sussurro tremia.



Ela o colocou na frente do console de comando. Ele caiu no chão e levantou a cabeça, cansado. Seu corpo doía. Sua visão turva tanto por seus vôos vertiginosos e sem asas, quanto por exaustão. Os corpos dos cinco Daevas que Ashra havia matado esparramados sobre as cápsulas de vidro da vida.

Os dedos de Ashra passaram rapidamente pelo console, digitando os comandos para reverter o dano que o Daeva havia causado.

— As crianças estão bem? — Jaden perguntou. Ele levantou-se. *Khiarra*. Ele tinha que encontrar Khiarra.

Ashra assentiu. — Estão bem, por enquanto. Temos que proteger a arca. — Ela virou-se ao som de pés correndo. Tera entrou na sala, seguida de perto por humanos armados.

Tera examinou a sala, seu olhar flutuando sobre os cadáveres dos seis Daevas. — Tem mais?



Jaden balançou a cabeça. — Há mais Daevas selados entre portas corta-fogo no nível mais baixo. Pode haver outros na torre.

Ela parecia horrorizada. — Nós os matamos às centenas. Yuri e Talon ainda estão limpando a cidade. Quantos mais existem?

— Jaden avisou que eles existiam aos milhares.

— O que fazemos com os Daevas presos no nível mais baixo?

— Mate todos. — O tom de Ashra não deixou espaço para debate. Ela sustentou o olhar de Tera. — Se você ver Elsker, mate-o.

Os olhos verdes de Jaden brilharam para ela. — Elsker?

Ashra assentiu, sua mandíbula tensa.

A sala tremia, vibrando como um dente solto. O estrondo concussivo os derrubou. Ela olhou para cima, seus pálidos olhos dourados arregalados de alarme. — Os motores! — Suas asas bateram, carregando-a da arca.

Jaden rangeu os dentes. Khiarra teria que esperar. Ele fez uma pausa longa o



suficiente para olhar para os humanos armados. — Fiquem aqui. Selem as portas. Defendam a arca.

Ele correu da sala para o elevador, chegando à casa das máquinas minutos depois. As enormes portas de aço que protegiam as casas de máquinas foram forçadas a abrir e os motores eram engolidos pelas chamas. Os capacitores triturados, testavam a fúria destrutiva dos Daevas.

Ashra ficou de pé, com o vestido branco manchado de sangue, sobre vários cadáveres Daeva.

O zumbido baixo, o ruído branco constante dos motores da cidade, deu lugar ao silêncio.

Tera entrou atrás dele. Os olhos dela arregalaram-se, mas ela também não disse nada.

— Quanto perto estamos do amanhecer? — Jaden perguntou.

Tera balançou a cabeça. — Meia hora, não mais.



A voz de Ashra era um sussurro ferido.
— E nós estamos presos.

Jaden agarrou seu braço. — O que acontecerá quando o sol nascer?

— A cidade queima.

— Já queimou antes?

— Não. Nunca ficamos presos ao sol.
Até agora.

— E a torre em si? — Jaden exigiu. — Será que vai sobreviver ao sol?

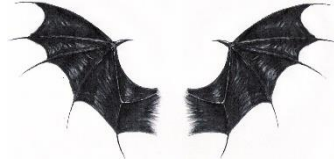
Os olhos dela arregalaram-se. A esperança cintilou. — Possivelmente. Mais do que provável.

— Temos que evacuar a cidade. Traga todas as pessoas para a torre.

Os lábios de Ashra pressionaram uma linha fina. Ela hesitou apenas por um momento antes de assentir. — Faça.



Capítulo 18



Em seu reinado de mil anos sobre Aeternae Noctis, Ashra nunca imaginou que levaria humanos a Malum Turris.

O brilho pálido do amanhecer penetrou na cidade, lançando uma luz surreal sobre os fortes edifícios de pedra. Corpos de Daevas, vampiros e humanos estavam amassados na praça da cidade, mas o céu estava mais uma vez limpo.

Como um rio vivo, uma massa de humanidade em pânico fluía pelas ruas da cidade. As pessoas carregavam seus pertences mais preciosos e corriam para a proteção de Malum Turris. Atravessaram a ponte levadiça e tropeçaram nos estreitos degraus de granito através das portas duplas.

Uma criança parou na entrada da torre e olhou para Ashra. — Você é um anjo?



A coisa mais distante disso. Ela sorriu para a criança. — Às vezes.

O horizonte brilhante dizia a ela que estavam quase sem tempo. Suas asas bateram e ela circulou a cidade. — Volte para a torre agora!

Tera, que estava voando alto em busca de Elsker, aterrissou em frente à torre. Quando ela entrou nas paredes protetoras, lançou um olhar sombrio para Ashra e balançou a cabeça. Eles teriam que continuar procurando pelo traidor.

Os retardatários, vampiros e humanos, correram em direção a Malum Turris. Ashra pousou na frente das grandes portas e lançou um olhar por cima do ombro. Jaden foi o último a subir as escadas íngremes. Ele procurou em cada casa para confirmar que a cidade estava vazia da vida humana. O sol explodiu sobre as montanhas. Os primeiros raios de sol atravessaram a curva da cúpula.

Jaden correu pelas enormes portas de aço carbono onde eles esperavam e rezavam para ficarem contra o sol. Ashra deslizou atrás dele.



Uma onda de movimento roçou contra ela. Alarmada, ela recuou. Uma pequena figura disparou através das portas fechadas. Khiarra saiu correndo da torre e entrou na cidade, seu riso encantado ecoando contra as paredes externas de Malum Turris.

— Volte! — Jaden seguiu atrás dela e correu através da abertura estreita.

A porta fechou-se, trancando-os.

— Não! — Ashra não podia perder Jaden, não do jeito que havia perdido Rohkeus. Ela viu o medo e o pânico nos olhos verdes de Rohkeus quando ele percebeu que estava morrendo e não conseguia alcançar a segurança da cidade enquanto se afastava do sol. O terror em seus olhos deu lugar à paz quando seu corpo começou a queimar. Ele rendeu-se até a morte, antes mesmo de o assassino humano o executar.

O mesmo medo e pânico marcaram os olhos de Jaden, não por si, mas por sua irmã.

Ela cerrou os punhos. Suas unhas afiadas cortaram sua pele. Khiarra mataria Jaden.



Novamente.

Ashra saltou no ar. Suas asas espalharam-se por toda a extensão de três metros e ela voou sobre as cabeças dos humanos, lançando-se no eixo central da torre.

Uma rajada de asas correu atrás dela. — Ashra, não!

Ela irrompeu em sua suíte. Em dois movimentos rápidos, derrubou os painéis de aço carbono erguidos sobre as portas de vidro quebradas que davam para a varanda. Suas asas teremeram em preparação para o voo.

Tera a agarrou e a puxou de volta. — Não, você não pode. É tarde demais.

Ela girou nas garras de Tera. — Eu posso salvá-lo. Deixe-me ir!

— Nós não podemos te perder.

No chão, Jaden agarrou sua irmã ainda rindo, apesar de não terem como retornar à segurança da torre. Como se ele sentisse a presença dela, ele olhou para Ashra. Seus olhares se encontraram sobre a cabeça despenteada de Khiarra. Aos seus olhos



verdes, o terror deu lugar à paz. Um meio sorriso, suavizado pelo amor, curvou sua boca. Seus lábios moveram-se em despedida. *Eu te amo.*

A luz do sol derramava através da cúpula de vidro. Luz brilhava contra o corpo alto de Jaden. Levou um momento para perceber que o brilho aparente vinha de vê-lo através de suas lágrimas. Seu corpo foi banhado pela luz do sol.

Ele queimaria.

Ela teria que assistir seu amante morrer novamente.

Khiarra estendeu a mão, os dedos minúsculos estendidos ao sol. — Tão lindo.

O sol nasceu sobre Aeternae Noctis. A luz derramava sobre a cidade da noite eterna, caindo sobre os edifícios. O raio de luz subia pelas paredes da catedral na praça da cidade. Os requintados vitrais explodiram em cores.

Não em chamas.

Ashra ficou sem fôlego.

Jaden levantou a mão e a colocou diretamente em um pedaço de luz dourada.



A luz do sol refletia em seu bronzeado profundo. Ele ergueu o olhar para o sol, protegendo os olhos e depois se virou para dar um sorriso deslumbrante para ela. — É lindo.

Tão bonito e inofensivo quanto a noite. Ela inalou bruscamente, a emoção quebrou seu estado imóvel, mas não a reverência que a provocou.

O aperto de Tera em seus braços relaxou.

Juntos, as duas Icratharis saíram para a varanda. Ashra abriu as asas, a luz do sol fazia o couro escuro de suas asas brilharem como opalas negras. Sua pele pálida brilhava na luz inofensiva do sol.

Ela olhou para uma cidade transformada pela luz, revivida com cores e olhou para a cúpula de vidro. A luz do sol e uma mera lasca de calor filtravam-se através do vidro.

Os Icratharis, vampiros e humanos viveram mil anos de escuridão.

Por nada.

Rohkeus nunca pretendeu que Aeternae Noctis corresse sem parar durante a noite. A



cúpula de vidro de paládio sempre desviou o calor do sol. Só que ela nunca soube disso. Ninguém sabia.

O amor inocente de uma criança por brincar e a devoção de um irmão à irmã haviam forçado a questão. Jaden e Khiarra terminaram a noite eterna.

Ela olhou para irmão e irmã. Através do borrão de lágrimas não derramadas, seus rostos familiares tremeram, por um momento, no rosto de Rohkeus e sua assassina. Foi por isso que o abençoado Criador enviou suas almas de volta, para terminar o trabalho que Rohkeus havia começado mil anos antes?

Ela inalou, puxando o ar suavemente aquecido para os pulmões e fechou os olhos.

Quando os abriu mais uma vez, ela viu apenas Khiarra e Jaden. O Jaden dela.

Ela olhou por cima do ombro para Tera. — Abra as portas. Deixe o povo sair.

Ashra voou da varanda para pousar silenciosamente ao lado de Jaden.



Ele colocou a irmã no braço esquerdo e puxou Ashra para ele com a outra mão. — Destrua o véu da decepção para acabar com a eterna escuridão.

— Um milênio de escuridão... — Ela balançou a cabeça. — Nós nunca soubemos.

Jaden sorriu. — Talvez você devesse confiar mais na criação de Rohkeus.

A porta da frente de Malum Turris abriu-se. Os seres humanos avançavam, seus olhares cautelosos e admirados focados no céu brilhante. Ela olhou de relance para as pessoas que saíam da torre. O zumbido baixo de sua conversa excitada rapidamente se tornou ensurdecedor, mas nem mesmo o deleite óbvio poderia provocar a corrente de tensão que apertava seus músculos do ombro. — Você pode gerenciar as coisas aqui em baixo? Tera e eu temos outros assuntos para resolver.

Jaden pegou seu pulso antes de se virar. — Elsker?

Ela assentiu. — Nós o encontraremos.

— E onde está a Siri?



— Na câmara. Elsker sabotou alguns de nossos sistemas eletrônicos e Siri está tentando descobrir a extensão do dano. Fique com seu povo, este é um problema Icrathari.

Os olhos dele se estreitaram.

Ela já vira aquele brilho amotinado nos olhos dele antes, geralmente antes que fizesse algo extraordinariamente imprudente para tentar protegê-la.

Mas ele apenas assentiu. — Cuide-se, meu amor —, ele murmurou, inclinando-se para beijá-la, sem prestar atenção na atenção de seu povo.

Os olhares dos humanos tornaram-se especulativos e depois se transformaram em franca curiosidade quando Khiarra inclinou-se e passou os braços em volta do pescoço de Ashra, pressionando um beijo em sua bochecha.

— Através dela, você verá os Night Terrors por quem eles são —, uma voz feminina trêmula entoou. Uma gargalhada ressoou através dela.



Ashra virou-se e inclinou a cabeça para a antiga mulher sábia.

— Obrigado —, disse Mater Matris. — Você nos protegeu.

Um baixo murmúrio de vozes humanas ecoou sua gratidão.

A multidão fluíu em torno de Ashra quando as pessoas subiram os degraus de Malum Turris e espalharam-se pela praça. Jaden virou-se, carregando sua irmã com ele. Em instantes, desapareceu por um caminho de paralelepípedos.

Tera aproximou-se de Ashra. — Meus vampiros começarão a limpar o nível mais baixo. Estarei com eles, caso Elsker esteja lá embaixo. Devo enviar Talon e Yuri com você?

— Não. Ficarei bem. Vou verificar o progresso de Siri e depois me juntar a você.

As asas de Ashra abriram-se e bateram com força, carregando-a para o topo de Malum Turris. Ela aterrissou na varanda ao redor da câmara e entrou na sala. — Siri?

Os olhos dela se arregalaram. — Siri! — Ela correu para a frente e caiu de joelhos ao



lado do Icrathari ferida. A garganta de Siri tinha sido cortada e seu estômago perfurado com marcas de garras, mas seu peito movia-se quase imperceptivelmente a cada respiração.

O ar mudou atrás de Ashra, anunciando o desenrolar de enormes asas de morcego. Ela levantou-se. Sem se virar, reconheceu uma presença que se aproximava. — Elsker.

— Ashra.

Ela olhou por cima do ombro. Ao lado de Elsker, uma grande Daeva embalava seu bebê alado.

Tomar um Icrathari ou um Daeva, tão antigo, forte e poderoso como ela era, teria provado ser bastante desafiador. Lutar com os dois ao mesmo tempo seria suicídio.

Ela deu um passo para trás, mas o painel de controle bloqueou sua retirada. Ela endireitou-se e levantou o queixo. — Por que, Elsker? Por que você nos traiu?

Ele balançou sua cabeça, sua voz estava triste. — Isso não é uma traição, Ashra. É um apelo à mudança.



— Um apelo, acompanhado por uma invasão hostil?

— O mundo está mudando. Não somos apenas nós quatro lutando para salvar e proteger a vida que resta neste planeta. Os Daevas, eles são como nós. Se trabalharmos juntos, podemos ter um futuro diferente, sem ônus para os humanos.

Ashra inclinou a cabeça. — A criança é sua?

A expressão de Elsker aumentou.

— Responda à pergunta. A criança Daeva, é sua?

A Daeva sibilou.

— É sua?

A daeva inclinou a cabeça, o gesto imponente. Um anel de prata brilhava em seu dedo.

Elsker engoliu em seco. — Nos conhecemos em uma das minhas expedições de reconhecimento há nove meses. Lutamos, ela poupou minha vida. Eles não são os monstros que nós os imaginamos. Eles precisam apenas de acesso a tecnologia superior, tecnologia que



bloqueamos aqui em Aeternae Noctis, para desencadear a evolução de sua sociedade para níveis mais altos, níveis que talvez possam encontrar uma maneira de restaurar a vida na superfície da Terra.

Ashra arqueou uma sobrancelha. *Vida na Terra*. A paz e a colaboração com os Daevas poderiam ser a resposta?

— Há esperança, Ashra, esperança para todos nós, mas não se estivermos perpetuamente sobrecarregados com aqueles humanos ingratos e patéticos.

Sua dispensa insensível dos humanos, os filhos mais novos da Grande Mãe, criou suas algemas. Ela arreganhou os incisivos em um rosnado. — Os amigos humanos ingratos e patéticos de Jaden salvaram nossa cidade hoje. Sem a ajuda deles, os Daevas teriam matado os vampiros e tomado Aeternae Noctis.

— A mudança não é livre, Ashra. A vida dos humanos e dos vampiros é um pequeno preço a pagar. Nós não precisamos deles. A Terra pertence a nós, os Icratharis e os



Daevas. Reunimos nossa espécie, juntamos nossos futuros.

A leve lasca de uma sombra caiu sobre a porta atrás de Elsker e o Daeva.

O pulso de Ashra disparou, mas ela se forçou a parecer impassível.

Jaden olhou dentro da sala, encontrou seu olhar e tocou a mão no ouvido dele. Aparentemente, Siri não havia fechado o canal de comunicação da câmara, e a conversa de Ashra com Elsker havia sido transmitida através do dispositivo móvel que Jaden usava no ouvido.

O canal de comunicação...

Ela mudou seu peso, um movimento sutil. Sua mão esquerda deslizou atrás dela, as pontas dos dedos rastejando contra a superfície do painel de controle. Ela não conhecia o painel de controle tão bem quanto Siri, mas sabia o suficiente para encontrar o botão para acionar o farol de emergência e chamar Tera para a câmara.

Para manter Jaden vivo, ela teria que prender a atenção de Elsker e a Daeva até Tera e os vampiros chegarem. Ela olhou



para Elsker. — O futuro pertence a todos nós, incluindo vampiros e humanos. Não me importo com quem você esteja no seu tempo livre, mas quando você lidera uma força de ocupação em minha cidade, você torna-se meu inimigo.

Ele bufou. — Associar-se com o humano virou sua mente e coração contra a cidade. Você não pode vencer, Ashra. Renda-se, e mostraremos piedade.

Jaden avançou para a sala com os pés silenciosos. Suas espadas desembainhadas brilhavam quando a luz do sol dançava ao longo de sua borda.

Não, Jaden. Por favor não. Ainda não. Seu olhar disparou para o rosto de Elsker. — A mesma misericórdia que você mostrou à Siri?

Jaden lançou-se.

O Daeva arqueou, gritando de angústia, arranhando a espada que emergia através de seu estômago. Com um grito agudo, deixou o bebê cair.

— Megun! — Elsker virou-se e jogou-se em Jaden, as garras estendidas.



Jaden chutou o Daeva ferido e levantou sua outra espada para desviar o ataque de Elsker.

A atenção total de Ashra foi consumida pela batalha com a Daeva. Embora ferida, Megun era antiga, imortal de uma maneira que somente sua espécie poderia ser. Sua ferida cicatrizou, a carne costurando em volta do ferimento, mas não conseguiu fechar a espada embutida, nem conseguiu remover a espada das costas.

Ashra saltou para Megun, com as asas no alto para evitar contato com a lâmina de Jaden. Megun pulou, suas garras rasgando o peito e os ombros de Ashra, mas Ashra puxou a cabeça de Megun para trás, expondo seu pescoço.

O lábio superior de Ashra afastou-se e suas presas alongadas brilharam. Ela afundou as presas profundamente na garganta de Megun e depois jogou a cabeça para trás, arrancando a garganta do Daeva. Não havia elegância, beleza assassina, apenas a violência crua de uma briga imortal até a morte.



Sangue, dourado profundo, pingava de sua boca. Ela colocou uma mão embaixo do queixo de Megun e outra na base do pescoço. Com força casual, ela arrancou a cabeça de Megun dos ombros.

Jaden gritou, o som infundido com dor.

Ela virou-se.

Elsker deixou Jaden no chão. A garganta de Jaden estava rasgada, seu peito rasgado e ensanguentado. Ele caiu em uma pilha imóvel.

Seu coração pulou uma batida, mas ela estreitou seu foco em Elsker. Seu olhar cheio de ódio voltou para o rosto dele.

Ele cuspiu no chão. — Você colocaria um humano sobre um de nós. Quão baixo você caiu. — Ele rangeu os dentes. — Deixou-me louco ver você aceitar Jaden da maneira que nunca me aceitou.

— O que?

— O amor não é facilmente descartado.

— A dor encheu seus olhos. — Nós estávamos noivos, íamos nos casar.

— Foi há milhares de anos.



— Três mil anos atrás... antes de Rohkeus, antes dele te ver e reivindicar você, não como sua consorte real, mas como sua concubina. Eu te amei, mas você escolheu ser sua amante, sua prostituta, em vez de minha esposa.

— Eu o amava. — Esse fato era tão claro, tão óbvio para ela quanto o fato de que amava Jaden com a mesma necessidade, a mesma intensidade.

Elsker bateu com o punho no peito. — E eu te amei! Você sabe o que fez comigo ver você entrar de bom grado nos braços dele todos os dias, todas as noites? Mesmo depois que providenciei que o humano o assassinasse, você nunca mais olhou para mim, nunca com amor.

O queixo de Ashra caiu. — Você o matou?

Atrás de Elsker, Jaden mexeu-se. Com os dentes cerrados, ele ajoelhou-se e silenciosamente pegou sua espada caída. A outra mão agarrou a adaga embainhada na cintura.



Elsker provocou Ashra. — Você acha que a assassina poderia tê-lo matado se eu não tivesse dito a ela como? Se eu não o atraísse para fora da cidade antes do amanhecer daquele primeiro amanhecer? Sim, o matei, assim como matei o vaso humano de sua alma. Vou garantir que você junte-se a ele agora

A expressão de Ashra não mudou quando a adaga de Jaden mergulhou no estômago de Elsker. *Desisti de Rohkeus há mil anos e Elsker há três mil anos.*

Com as feições contorcidas de agonia, Jaden ergueu-se sobre Elsker e brandiu a outra espada.

A cabeça de Elsker rolou de seus ombros. Seu corpo caiu ao lado de Megun.

Ashra jogou-se, pegando Jaden quando ele caiu de joelhos, sua espada caindo da mão. — Não, você não pode morrer, não agora.

Os olhos dele tremeram e fecharam-se. Sua respiração pesada diminuindo em suspiros rasos de ar.



Tera e os vampiros restantes, Talon, Yuri, Lucas e Xanthia entre eles, invadiram a câmara. Lucas correu para o lado de Siri e caiu de joelhos. Seu exame foi rápido. — Leve-a para a enfermaria. Posso salvá-la.

Yuri deu um passo à frente, pegou a Icrathari ferida e saiu correndo da sala.

Ashra estendeu a mão para impedir Lucas de sair. — E Jaden?

Lucas balançou a cabeça. — Seus ferimentos são fatais. Ele não sobreviverá como humano. Ele nem sobreviverá à transformação de meia hora em um vampiro. Devo cuidar de Siri agora. — Ele virou-se e seguiu Yuri.

Ashra olhou para o homem que amava. O humano.

Ela inclinou-se sobre ele. — Jaden?

Ele não respondeu. Sua pele estava fria, úmida.

Poderia transformá-lo contra sua vontade?

Ninguém jamais se transformou com sucesso em um vampiro mais velho, desde a fundação de Aeternae Noctis.



Mas como poderia deixá-lo morrer?

— Fique comigo. — Ela murmurou.

Os olhos dele, os de Rohkeus, abriram-se e focaram no rosto dela. Seus lábios moveram-se, silenciosamente moldando as palavras: “Deixe-me ir”.

Talon sacudiu a cabeça. — Não faça isso, Ashra. Ele não vai se transformar. Ele não pode. — Seus olhos escuros se fixaram nos de Jaden. — Ele está com medo. Você pode sentir o cheiro do medo dele.

O perfume pungente subiu da pele de Jaden. Ele estava lotado com terror. Seus olhos verdes, verdes brilhantes, a encaravam. Os olhos de Rohkeus. Os olhos de Jaden.

Se ele fosse apenas Rohkeus, ela o teria deixado ir. Aprendera a viver apenas com suas memórias dele. Elas seriam suficientes.

Mas este era Jaden. Mal haviam começado a jornada juntos. Como poderia enfrentar o resto da eternidade sem esse homem magnífico e exasperante que se agarrava à sua humanidade e desafiava sua mortalidade ao mesmo tempo?



Como ela poderia encontrar o amor sem ele?

Ela inclinou-se para perto e pressionou a bochecha contra a dele. — Você encontrou o caminho de volta para mim uma vez. — Ela sussurrou ferozmente. A respiração dela traçou um caminho pelo pescoço dele. As presas dela afundaram na jugular dele e rasgaram a pele. Seu sangue derramou no chão de aço frio. Carmesim dourado rodopiava com poças do sangue Icrathari e daeva derramados, misturando-se aos brilhantes tons do pôr-do-sol.

Ela desenhou uma unha afiada sobre o pulso e pressionou a ferida aberta contra os lábios dele. Ele lutou contra ela, virando o rosto, mas estava fraco demais para resistir. Ela segurou a cabeça dele e forçou seu sangue dourado passando por seus lábios.

Sua garganta trabalhou enquanto engolia. Pequenos goles aumentando quando o sangue tomou conta, inundando suas veias, purgando sua mortalidade. Ele tremia violentamente. Seus olhos abriram-se, as pupilas dilatadas e sem foco.



Seu corpo humano morreu e renasceu como um imortal. A garganta e o peito rasgados, curados, as bordas irregulares se juntando perfeitamente. A ferida em sua jugular encolheu, a carne se tricotou sob uma camada impecável de pele. A última gota de sangue que saiu era dourada.

Ashra afastou o pulso da boca dele.

Loucura cintilou nas profundezas de seus olhos verdes.

Criador Abençoado, o perdi. Ela falou através da pressão esmagadora no peito. — Leve-o para fora da cidade. Enterre-o.

Tera assentiu. Ela abaixou-se e pegou Jaden em seus braços.

— Espere! — Ashra gritou antes que Tera voasse. Ela deu um beijo final na bochecha de Jaden. Uma única lágrima escorreu de seus olhos. Sua voz era um sussurro instável. — Meu amor vai encontrar você. — Ela afundou em seu calor febril, inalando seu perfume. Seus olhos fecharam-se e ela afastou-se na lembrança de seu abraço.

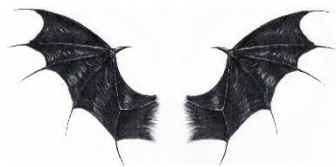


A voz de Tera cortou sua despedida. —
Tenho que enterrá-lo agora. Ele está
mudando, mais rápido do que eu esperava.

Um soluço baixo estremeceu dentro
dela. Ashra afastou-se e virou-se, preparada
para perder o homem que amava.



Capítulo 19



A febre crescente consumia sua carne. A dor inundou como ácido em sua garganta, girando através dele, dissolvendo tudo o que tocava. Arqueando em agonia, ele enfiou os dedos nos cabelos e ficou horrorizado com o sangue dourado pingando das pontas dos dedos. Suas unhas, agora mais afiadas que a ponta de uma faca, haviam cortado sua pele.

Estou morrendo? O que está acontecendo?

Seus sentidos gritaram em plena revolta. O doce, porém repulsivo, cheiro de decomposição e podridão encheu suas narinas. O som estridente de partículas de areia depositando-se em sua cabeça. Vislumbres de luz filtravam através da escuridão envolvente, perfurando seu crânio com raios de dor.



O sangue de Ashra... mudando-me. Oh Deus. Não.

Sua cabeça girou enquanto ele lutava através de memórias fraturadas. A voz de Talon, distorcida em um sussurro fantasmagórico, ecoou em seu crânio. — Se houver medo, qualquer indício de medo, a transformação falha.

Medo.

Como uma mortalha viva, o sufocava. Cego, ele fugiu de um corpo que não podia controlar. Em sua mente, correu, perseguido por visões, sons e cheiros que o pulverizavam. O terror o perseguiu à beira da sanidade. Sua mente derrapou à beira da loucura.

Ele olhou para baixo.

A queda era interminável.

Ele oscilou no precipício. As sensações avassaladoras que não conseguia entender e não conseguia controlar aproximavam-se dele. Tinha que pular. Não havia outra maneira.

— Meu amor vai encontrar você. — A voz de Ashra sussurrou.



Você fez isso comigo.

— Meu amor vai encontrar você.

Por quê? Implorei para você me deixar ir.

— Meu amor vai encontrar você. — O eco de sua voz, rico em amor, desapareceu. O calor que ofereceu permaneceu.

Abrace o sangue.

Eu te amo, Ashra.

Seu amor é suficiente para mim. Tem que ser.

Jaden fechou os olhos, instalou-se no casulo da terra e desejou que seus punhos se abrissem. Ele inalou profundamente, enchendo os pulmões com o aroma almiscarado do solo. Sensações o atingiam por todos os lados. O grito estridente de pânico e loucura perfurou sua alma.

Abrace a transformação.

A insanidade arranhou-o, rasgando-o em pedaços.

Não há outro caminho.



Ashra esperou. Da varanda ao redor da câmara, observou a paisagem em mudança do lado de fora da cúpula. Ela ordenou que Siri desconectasse os projetores no topo de Malum Turris. A ilusão da Terra impecável e bonita foi destruída. O povo merecia saber o que havia além da cúpula, mereciam a verdade.

Somente então os humanos, vampiros e Icratharis poderiam encontrar uma maneira de sobreviver em seu planeta alterado. Juntos.

Xanthia, auxiliada por equipes de engenheiros humanos, havia ligado os motores danificados. A cidade avançou a passos largos, avançando em seis de seus doze motores. A velocidade não era mais crucial agora que sabiam que o calor do sol não podia penetrar na cúpula de vidro de paládio. Era importante apenas progredir. A cidade moveu-se, cobrindo lentamente cento e sessenta quilômetros por trecho. Parou diretamente acima das estações de



carregamento solar para permitir que equipes de vampiros e humanos reabastecessem os cartuchos de combustível.

Indiferente à atividade que a envolvia, Ashra inalou profundamente, um som trêmulo.

Jaden não voltou.

A transformação não levaria mais de seis horas. Ele teria que viajar para alcançar a cidade, mas a distância deveria ter significado pouco para um vampiro mais velho.

Oito horas se tornaram dez.

Dez se tornaram doze.

A esperança, já fraca, desapareceu.



Finalmente.

O sol havia se posto.

A dor lancinante de sua transformação havia passado horas antes, mas o instinto o manteve em seu tûmulo raso. Não havia



lugar, nem mesmo para um imortal, no sol escaldante.

O solo seco lascou-se facilmente quando se arrastou para fora do chão. O céu estava escuro, mas a superfície da Terra ainda estava quente ao toque.

Não havia sinal da cidade.

Jaden levantou o rosto para o céu noturno. As bordas irregulares das montanhas estavam em alto relevo contra o céu. Com sua visão melhorada, ele podia ver todas as fendas. Podia ouvir o menor sussurro de som. O ar acariciava sua pele como os dedos de uma amante, ele podia sentir os tremores vibrando no ar.

Tremores causados por uma enorme cidade abobadada que se movia pelo ar.

Com um sorriso, ele virou-se na direção da cidade. Seus músculos se moveram, o movimento tão fluido quanto um ataque predatório. Ele correu com a graça e sem esforço que apenas um vampiro mais velho poderia alcançar.

O amanhecer era uma faixa ameaçadora de luz no horizonte quando saltou para



pousar na plataforma de metal em frente às portas externas. Ele levantou a mão para bater na porta, mas ela abriu-se antes que fizesse contato.

Talon sorriu para ele e estendeu a mão.
— É bom ver você novamente.

Jaden agarrou a mão de Talon e permitiu que o vampiro mais velho o atraísse para a cidade. Ashra estava a um metro e meio de distância, com os braços em volta do estômago. Seus olhos dourados arregalaram-se e seus lábios tremeram. O medo terrível diminuiu de seus olhos, mas a cautela permaneceu.

Sua hesitação o afetou. Como ela poderia duvidar do que sentia por ela? Ela poupou a vida dele, salvou-o e, por amor, concedeu-lhe a imortalidade. Ele manteve os braços abertos e, sem dizer uma palavra, ela entrou em seus braços.

— Sinto muito. — Ela sussurrou. — Eu sei que você não queria esse destino.

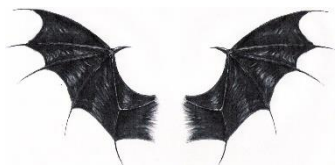
— Eu quero você. — Ele levantou o queixo dela e deu um beijo nos lábios. — Seu amor encontrou-me.



A tensão sumiu de seu corpo esbelto enquanto relaxava contra ele. — Bem-vindo em casa, Jaden.



Capítulo 20



Siri rangeu os dentes, mas não conseguiu conter o baixo grunhido de dor, enquanto arrastava-se para fora da cama com dossel. Três semanas se passaram desde que Elsker a machucou. Ela estava agradecida por Elsker, por descuido ou piedade, na verdade não a ter matado, mas pagou por cada momento de estar viva.

Seu corpo imortal Icrathari não havia se curado com a precisão impecável que ela esperava. Sua garganta ainda ardia como se estivesse esquentada com ácido. A dor aguda que pulsava infinitamente em seu estômago, enviava tremores através de seu corpo esbelto. A tecnologia e a medicina humanas não ofereceram alívio. Cada dia era um tormento.

Pelo menos estava viva, embora sua gratidão desaparecesse a cada dia que



passava. Uma imortalidade de dor era mais do que ela podia contemplar.

O brilho pálido da lua dançava através de suas janelas abertas para se acumular no chão. Lua cheia. Talvez a última.

Ela teve que esconder a dor, esconder a verdade, de Tera e Ashra até encontrar coragem para acabar com sua vida.

Seria simples. Aeternae Noctis viajava dia e noite, imitando as fases da Terra. Seria fácil deixar a cidade durante o calor escaldante do meio-dia e voar sob a sombra da cúpula.

O sol faria o resto.

Primeiro, ela tinha que garantir que seus deveres em Aeternae Noctis fossem atendidos quando se fosse. Lucas e Xanthia eram bem treinados e manteriam a enfermaria e os motores. A arca, no entanto, precisava de atenção, e Phillip se fora.

Siri fechou os olhos. Para acalmar o tremor, ela cerrou os punhos.

Ela teria que treinar os substitutos de Phillip. Quando eles estivessem prontos,



quando fossem capazes, ela sairia e acabaria com sua dor.



A lua cheia banhava Aeternae Noctis em prata. Malum Turris vigiava a cidade, a luz eterna de seu andar superior era uma bênção de graça e bênção. Durante o dia e a noite, era um farol, um farol de salvação e esperança.

Michael olhou pela janela de sua casa, sua testa franziu quando uma figura leve carregada no alto por asas de morcego voou através do arco da lua.

— Eles chegarão em breve, papai? — Uma pequena voz perguntou.

Ele pressionou a mão na cabeça despenteada do filho. Sua voz forte tremia. — Sim logo. — Ele sentou-se e abraçou o filho.

A criança estendeu a mão e tocou seu rosto. — Não há nada a temer, certo, papai?



— Nada, meu filho.

Ele passara a semana passada antecipando a batida na porta e, quando ela veio, aliviou o fardo que carregava, embora provocasse tristeza.

Com lágrimas nos olhos, sua esposa abriu a porta.

Jaden entrou, seus olhos verdes abatidos.
— Sinto muito, Michael.

Michael engoliu as lágrimas. — Você cuidará bem dele. Ele estará seguro. — Era uma afirmação, não uma pergunta. Ele sabia agora, como todo mundo em Aeternae Noctis. A cidade era um fardo carregado em conjunto pela sobrevivência de todos.

— Sim.

Michael beijou o filho uma última vez. O menino o abraçou e depois escorregou do colo para abraçar a mãe. Com um sorriso cheio de confiança e fé, o garoto deslizou sua mão pequena na de Jaden e olhou para o vampiro mais velho. — Estou pronto.



Ashra pousou com os pés silenciosos na entrada da arca e cruzou as asas atrás dela. A Daeva infantil que ela embalou em seus braços suspirou, um som feliz, e aconchegou-se mais profundamente em seu abraço. Seu rosto minúsculo pressionado contra a curva de seu peito, e seus olhos fecharam-se quando adormeceu.

Ela sabia que Jaden havia sentido sua chegada, ele virou a cabeça em reconhecimento quando entrou. Ela avançou, passou o braço pela cintura dele e apoiou-se no peito dele. Ela não precisou olhar no rosto dele para saber que seu olhar sombrio estava no grupo de crianças preparadas para a hibernação criogênica.

— Esse é o Andrew. — Ele inclinou o queixo para uma criança pequena que se virou para acenar para ele antes de entrar em uma cápsula. — O filho de Michael. Ele e Khiarra eram amigos.

— Eu sinto muito. Sei que isso é difícil para você.

Jaden inalou profundamente. Ele olhou para baixo. Com um dedo sensível, ele



acariciou a bochecha do Daeva adormecido. — Aeternae Noctis não é a resposta —, disse ele, com a voz baixa. Ele balançou sua cabeça. — Não pode ser a resposta. Deve haver outra maneira de viver, não restringida pelos recursos limitados da cidade. Deve haver algum lugar na Terra que esteja pronto para nós.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para ele. Seus lábios sensuais estavam em uma linha sombria, e seus olhos se estreitaram com um brilho que ela passou a reconhecer como determinação obstinada. Muitos vampiros foram mortos no ataque dos Daevas a Aeternae Noctis. As fileiras seriam reconstruídas com o tempo, mas, enquanto isso, equipes de vampiros e humanos estavam prontas para gerenciar e defender a cidade. Na arca, Siri treinou três humanos, um homem e duas mulheres, administrando o processo criogênico. Na praça da cidade, os humanos brigavam com Talon e Yuri sob o olhar atento de Tera, enquanto Lucas vasculhava a lista aparentemente inesgotável de humanos que



se voluntariavam para se transformar em vampiros.

A profecia aconteceu. Khiarra rasgou o véu da decepção e terminou a escuridão eterna.

Ashra virou-se para Jaden. — Você decidiu liderar os batedores?

Jaden assentiu. — Sim, eu os liderarei. Siri e eu podemos traçar um curso para a cidade que nos permita procurar novas áreas de habitação. Nós vamos encontrar algo, Ashra. Sei que vamos.

— E os Daevas?

Ele inalou profundamente. — Você acha que Elsker estava certo, que com o acesso à nossa tecnologia, os Daevas poderiam restaurar a vida na Terra?

— Não sei, mas não podemos descartar a possibilidade. Quatro Icratharis recusaram-se a entrar em Aeternae Noctis, Megun era um deles. Pode haver outros três, ainda vivos. Quero que você os localize.

Ela teria que negociar uma paz com os Daevas antigos sem sacrificar os humanos e vampiros sob sua proteção. O bebê Daeva,



criado com cuidado, era um sinal de boa vontade, um passo à frente na busca de um terreno comum.

Jaden assentiu. — Os encontrarei. Primeiro, identificarei um lugar seguro para estabelecer a cidade. Vamos expandir nossos assentamentos e estabelecer nossas defesas. Aconteça o que acontecer, manteremos a Aeternae Noctis segura.

Ele a puxou para perto, passando os braços em volta dela e do bebê Daeva que eles haviam nomeado Megun. A salvo nos braços de seu amante, Ashra fechou os olhos e sorriu.

Ao construir a cidade, Rohkeus salvou a humanidade. Jaden salvaria a humanidade, levando-os a sair dela.

A esperança ardia, uma chama firme, ancorada pelo amor que transcendia o tempo e até a morte.

Fim...

Ou

Apenas o começo?

